

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY
JENIKA SNOW

Aflição

Ela quer a ajuda dele.
Ele irá reivindicar seu corpo.





AFLIÇÃO

JENIKA SNOW



Aflicção

Copyright © 2017 por Jenika Snow

Copyright da tradução © 2018 por Andreia Barboza — Bookmarks Serviços Editoriais.

Tradução: Andréia Barboza

Capa criada por: Dana Leah

Editor do original: Kasi Alexander

Copidesque do original: Lea Ann Schafer

Copidesque da tradução: Luizyana Poletto

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS: A reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada de qualquer parte deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal. A violação de direitos autorais é investigada pelo FBI e é punível com até 5 (cinco) anos de prisão federal e multa de 250.000 dólares.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Por favor, respeite o autor e não participe ou incentive a pirataria de materiais protegidos por direitos autorais que possam violar os direitos do autor.

Contents

[Aflição](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Jenika Snow](#)



Só depois de Cameron que eu soube o que era o verdadeiro mal ... ou que eu ansiaria tanto por ele.

Eu deixaria que o mundo me oprimisse, me puxasse para baixo até que nada fizesse mais sentido. Talvez tenha sido assim que eu me deixei entrar nessa confusão. Talvez tenha sido desse jeito que me coloquei nesta situação com um homem que eu sabia que poderia me salvar de um destino pior que a morte. Mesmo que estar com Cameron, dar a ele tudo de mim, a única parte que valia alguma coisa — meu corpo — poderia me arruinar, tive que sobreviver.

Barão da droga. Chefe do crime. Assassino. Eu deveria temê-lo, ficar horrorizada com o que queria de mim e com quem ele era. Mas, em vez disso, me peguei querendo agradá-lo e me entregar completamente.

Porque eu sabia que isso me dava controle sobre ele.

Cameron Ashton reinava no submundo turbulento, o perigo e a violência da imoralidade, de seu trono. Uma pistola é sua espada e apatia é seu segundo em comando. Eu sabia que ele era perigoso, sabia que acabaria comigo sem pensar duas vezes. Mas ele era minha única chance, a única forma de sobreviver.

E eu não sabia o quanto isso era verdade até que ele me possuísse.

Ele era possessivo e controlador. A escuridão nele corria mais forte, mais profundamente que jamais correu em mim. Talvez não sejamos tão diferentes. Será que desistir do controle para Cameron, lhe dando a minha alma, faça de mim poderosa?

Talvez, no fim das contas, eu seja a dona dele.

Aviso: Este é um romance erótico sombrio. Pode haver assuntos e gatilhos que sejam sensíveis a alguns leitores. É um romance, ainda que distorcido. Se você está procurando por uma história fofa e que aqueça o seu coração, este não é o livro para você.



Capítulo Um

O suor escorrendo pelo vale entre meus seios era como dedos se movendo ao longo do meu corpo. Eu estava com calor, meu corpo vermelho, o coração acelerado. Tudo em mim parecia estar vivo, pronto para rasgar minha pele como se fosse outro ser querendo escapar.

Eu estava bêbada e me sentia incrível.

Os corpos pressionados firmemente contra mim, se movendo de forma sexual e sugestiva me fizeram sentir ainda melhor. Me fizeram sentir viva. Me movi com eles, balançando com a música, sentindo o cheiro de sexo e álcool que parecia me cercar. Eu tinha certeza de que muitas dessas pessoas transariam hoje à noite. Sem dúvida seria obsceno, pois suas inibições ficariam no clube no momento em que elas fossem para casa com alguém. Seria o tipo de sexo que as pessoas bêbadas costumavam fazer: relaxado e despreocupado.

Eu não era uma boa garota.

Nem me sentia como a garota que chamavam de Sofia.

Não seguia regras. E minha vida não era nada memorável. Eu vivia como se hoje fosse meu último dia, porque pelo que eu sabia, seria mesmo. Poderia ser.

Vim para o clube quando não consegui mais suportar a minha vida, que mais parecia uma caixa fechada, selada, sem entradas de ar nem de luz. Fiquei bêbada e dancei até que meu corpo estivesse coberto de suor, os músculos doloridos, e um cara de fraternidade pobre e desesperado para transar querendo gozar se esfregando na minha perna. Eu estava um desastre em muitos sentidos e não tinha dúvidas de que as pessoas achavam que eu era uma vagabunda pelo jeito que eu me vestia e me movia na pista de dança.

Mas essas coisas não definiam quem eu era: uma virgem que estava perdida e não tinha nada nem ninguém. Uma mulher inexperiente que veio até aqui dançar, porque queria um pouco de prazer... o único tipo que já teve. Aqui, eu sentia como se estivesse sendo consumida pela água, sendo impotente, mas sem peso, sendo sugada até o fundo, onde nenhuma luz era permitida.

Eu não era uma pessoa iluminada. Era alguém sombria em um corpo de um metro e cinquenta e cinco de altura, com cabelos escuros, um jeito selvagem e ninguém para me impedir.

Talvez eu fosse uma contradição para mim mesma, uma garota perdida que não sabia o que queria da vida. Mas eu era assim, e foi desse jeito que passei por todos os dias.

Encarei isso, sabendo que talvez minha criação — a mãe ausente, o pai

bêbado e a propensão de ser agredida, de vez em quando pelos dois — possa ter me transformado nisso.

Eu não estava acabada, mas estava com problemas.

Ou talvez não tivesse nada a ver com meus pais ou o que eu não recebi enquanto crescia: amor. Talvez, no fim das contas, eu tenha nascido desse jeito.

De toda forma, não tentei parar. Não tentei mudar.

— Você está muito gostosa dançando aqui, garota. — Ter um cara atrás de mim, suas mãos em meus quadris e o pau duro contra a parte inferior das minhas costas provocava sentimentos contraditórios em mim. — Está gostosa demais — ele disse de novo, com a voz rouca, excitada e arrastada, sem dúvida por conta da quantidade de bebida que consumiu.

Eu queria que ele gozasse, porque saber que eu tinha esse tipo de controle, esse tipo de poder, me alimentava. Mas, por outro lado, senti nojo, principalmente de mim mesma. Senti seu hálito quente cheirando a bebida ao longo do meu pescoço. Estremeci e a forma como ele gemeu me fez supor que ele achava que eu estava gostando.

Não estava, mas não parei de me esfregar nele.

Levantei as mãos, fechei os olhos e pensei em outra coisa. Eu não estava aqui, não estava tentando fazer esse gozar nas calças. Estava longe, tão distante que nada podia me alcançar.

— Venha para casa comigo. Droga, vamos voltar para o meu carro.

Balancei a cabeça. Ele precisava calar a boca.

— Vamos, garota. — Ele esfregou seu pau contra mim novamente. Parecia pequeno, mesmo estando duro.

— Não. Ou você cala a boca e dança comigo, ou vá encontrar alguém disposta a ir para casa com você. — Eu nem sabia se ele me ouvia sobre a afobação da música, mas se ele dissesse mais uma palavra, eu só iria tomar uma bebida.

Ele aumentou o aperto em meus quadris, encaixando o pau pequeno nas minhas costas.

— Aposto que você está molhada para mim, não é? — Sua respiração estava quente e úmida. Era ácida, e eu senti vontade de vomitar.

Eu estava seca, nem mesmo a provocação da excitação me atingia. Eu nunca sentia nada quando dançava com esses caras. Era o que me fazia sentir livre e poderosa em um mundo instável. Eu podia não ter nenhum tipo de controle na minha vida pessoal, minhas finanças ou qualquer coisa que tivesse que fazer, mas neste clube, onde as bebidas fluíam, o sexo era potente e meu poder era imenso... eu era a única no controle.

Já havia sido chamada de provocadora, vadia, prostituta... todo e qualquer

xingamento acima. Nada disso importava. Eram tiros verbais, e nesse clube eu usava meu colete à prova de balas.

Me afastei do cara e segui até o bar. Ou ele estava me xingando ou esperava que tivesse ido atrás de alguém mais receptivo ao que ele realmente queria. Mas quando cheguei ao bar, as pessoas se espremeram, gritando, levantando as mãos para que um dos três garçons se aproximasse. Decidi que a noite estava encerrada. Eu iria ao banheiro e chamaria um táxi.

Seguindo o caminho pela multidão, o ar estagnado e úmido e o calor sufocante, fiz uma oração silenciosa para que a fila do banheiro não estivesse muito grande. Mas ainda havia algumas garotas à minha frente. Eu me inclinei contra a parede, descansei a cabeça e olhei para cima. Notei a câmera de segurança virada diretamente para mim. Havia várias neste corredor, duas nos fundos, uma apontando para mim e outra apontada para a pista de dança. Eu não tinha dúvidas de que havia mais uma dúzia em outros locais.

Embora este lugar fosse agitado na maioria das noites, também tinha a fama de ser seguro — bem, tão seguro quanto uma boate poderia ser. Havia acabado de ser reformado pelo novo proprietário, um homem do qual sempre ouvi falar, mas nunca quis conhecer.

Sombrio e perigoso. Violento e psicótico. Não é alguém que você queira encontrar em um beco escuro. Ele logo cortaria sua garganta por olhá-lo do jeito errado.

Rumores, claro, mas foram essas palavras, sussurradas por várias pessoas, o que me dizia que deveria haver um pouco de verdade por trás delas.

Sinto muito por quem irrita Cameron Ashton, porque ele vai resolver esse problema com uma pá e um buraco de quase dois metros de profundidade.

Empurrando a porta quando chegou a minha vez, usei o banheiro, fui até a pia para lavar as mãos e me olhei no espelho. A garota que olhava seu reflexo parecia triste, e não de um jeito emocional. Meu reflexo mostrou uma bagunça sexy. Meu delineador estava começando a borrar debaixo dos olhos, mechas do meu cabelo escuro estavam presas em minhas têmporas, e o batom que eu usava, que era vermelho vibrante, agora parecia morto e sem cor.

Saí do banheiro, segui pela multidão e finalmente abri a porta que levava para a rua. O ar fresco da noite tomou conta de mim e fechei os olhos involuntariamente, gemendo baixinho. Me senti bem lá fora. As pessoas se esfregando e o calor era uma lembrança distante quanto mais eu ficava ali. O álcool, que havia me entorpecido, nublando minha cabeça, começou a clarear.

Talvez eu não estivesse tão bêbada quanto pensava. Estar dentro daquelas portas era como estar em outro mundo. As luzes, a música e as pessoas tentando gozar da forma que conseguissem te faziam descer a um nível depravado,

constrangedor e nojento. Era isso o que eu amava.

Eu precisava ir para casa, tinha que trabalhar de manhã e precisava voltar para a minha vida de merda. Peguei meu celular da bolsinha de mão que carregava comigo, disquei para o serviço de táxi que havia salvo na memória do aparelho e dei o endereço. Eu vinha tanto aqui no último ano que eles deveriam me conhecer pelo nome. Enquanto esperava dez longos minutos para que o taxi chegasse, me afastei da porta da frente e me encostei na parede do lado. Olhei para cima, a luz da rua estava brilhante, mas não me atingia por completo. Olhando para a esquerda, notei outra câmera de segurança apontada para a porta da frente. Não era possível dizer que este lugar não era organizado.

O som de um isqueiro sendo aceso a direita me fez dar uma olhada. Vi o clarão da chama e senti o cheiro do cigarro enquanto seu dono tragava e depois exalava.

— Ei, garota.

Respirei fundo. Deus, claro que o cara lá de dentro, aquele com o pau pequeno que queria que eu fosse para casa com ele, estaria aqui fora. Não me incomodei em responder, pois não queria me envolver. Em vez disso, virei a cabeça na outra direção e olhei para algumas pessoas do outro lado do estacionamento que estavam fumando. Senti o toque bem leve no meu braço.

Que merda é essa??

Olhei para a direita e, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, o leve toque do babaca mudou para ele me puxando mais para dentro da parte escura da rua.



Capítulo Dois

— Ei — eu gritei, mas ele colocou a mão sobre a minha boca. O pânico tomou conta de mim de forma tão violenta que não consegui pensar direito. Meu coração começou a martelar minhas costelas quando ele me empurrou mais para dentro do espaço escuro.

Ele me prendeu contra a parede, o tijolo raspando nas minhas costas. Minha pele ficaria marcada, mas essa era a menor das minhas preocupações. O antebraço dele na minha garganta me fez perder o ar. Segurei seu braço e afundei as unhas em sua pele. Ele sibilou e colocou mais pressão no meu pescoço. Minha cabeça começou a ficar confusa e meu corpo ficou dormente. Eu estava muito mais do que em pânico, e meu instinto de sobrevivência se elevou violentamente.

— Sua puta idiota — ele disse, se aproximando do meu rosto. Seu hálito não cheirava nada bem e o aroma do cigarro que ele estava fumando me deixou enjoada. Eu poderia ter vomitado se não estivesse lutando para respirar.

O som da fivela de um cinto e de um zíper sendo abertos, fez a realidade desabar sobre mim. Eu não seria capaz de me livrar disso, não sem muito mais danos do que apenas os arranhões nas costas. O barulho das pessoas entrando e saindo do clube estava tão próximo, mas ao mesmo tempo, muito longe.

— Você deveria ter aceitado minha oferta para ir para a minha casa. Eu teria sido gentil com você.

Mentiras.

— Mas agora você vai ser comida nesse beco sujo como a prostituta que é.

Senti sua ereção contra a minha barriga. Tentei dizer algo, gritar, fazer qualquer coisa que me transformasse em alguém além de uma vítima esperando para ser atacada.

O flash de faróis entrando no beco fez meu agressor parar e olhar para o lado. Ele manteve o antebraço na minha garganta, mas subiu a calça novamente. Ele se aproximou de mim, então não tive dúvida de que quem estava naquele carro não podia ver seu braço em meu pescoço, cortando meu oxigênio. Ficou claro que ele não se importava ou estava muito bêbado para se preocupar com alguém nos vendo nessa posição. Mas imaginei que poderíamos parecer duas pessoas prestes a se envolver... as duas de comum acordo, mesmo que eu quisesse dar uma joelhada no saco daquele filho da puta.

— Faça algum barulho e vou descobrir onde você mora, entrar pela sua janela e fazer um estrago de verdade.

Deus, a aparência de garoto de fraternidade era apenas um disfarce para sua natureza psicótica? Mas de jeito nenhum eu levaria a ameaça a sério, mesmo que ele estivesse falando sério. Esta seria minha única chance de conseguir ajuda. Porque mesmo que eu não fizesse nada, ele ainda me destruiria.

O carro estava a uns bons três metros de distância, os faróis brilhando bem à nossa frente e o veículo parado. Pareceu levar uma eternidade até que barulho da porta se abrindo e fechando fosse mais alto do que a agitação das conversas dos frequentadores do clube ao virar da esquina. Em seguida, ouvi passos no asfalto em um ritmo tranquilo e relaxado. Então a visão de um corpo grande — muito grande — apareceu. Eu só podia supor que era um homem, dado o tamanho. Ele se colocou na frente das luzes e as sombras envolveram a sua estrutura grande.

Ele nos olhou por vários segundos e, por algum motivo, tudo que eu pude fazer era olhar de volta. Comecei a lutar. Peguei o idiota que estava me segurando desprevenido e consegui empurrá-lo o suficiente para que seu antebraço não estivesse mais pressionado minha garganta de forma dolorosa. Respirei fundo, sugando o doce oxigênio que sustenta a vida. Minha garganta queimava e um rubor me atingiu, sentindo a dor de poder respirar novamente.

— Sua puta — o idiota ao meu lado sibilou.

E então ouvi o som de outra porta se abrindo e fechando e uma arma sendo engatilhada. O homem indistinto inclinou a cabeça para o lado. Foi um movimento leve, mas fez com que quem tivesse acabado de sair do carro começasse a caminhar em nossa direção.

— Que merda é essa? — O idiota que estava me segurando disse em voz baixa e os olhos semicerrados, porque os faróis estavam nos cegando. Eu temia o pior, pensando que talvez tivesse julgado mal quem havia aparecido como alguém capaz de ajudar. Talvez eles fossem piores do que o filho da puta que me atacou.

E então o cara foi puxado para longe de mim, me fazendo sentir alívio por ter seu corpo longe do meu e me incitando a correr. Mas eu estava imóvel, as formas escuras ainda cobertas pelas sombras, os faróis ainda me cegando e tornando impossível ver qualquer coisa com clareza. Esfreguei minha garganta, pois estava quase insuportável de tanto que queimava.

E então um corpo foi jogado contra a lateral do prédio e percebi que era o pretenso garoto da fraternidade. Fiquei ali, chocada, incapaz de me mover enquanto observava um homem se aproximar. Ele estava na frente do carro e seu corpo foi iluminado pelo intenso brilho amarelo dos faróis. Mas seu rosto ainda estava oculto. Um ar de perigo veio desse homem como um soco no estômago. Puxei mais ar, mas dessa vez não tinha nada a ver com o fato de que eu estava

lutando para respirar.

Encarei o homem que segurava o imbecil contra a parede pelo pescoço. Quem quer que ele fosse, era grande o suficiente para sustentar outro ser humano como se não fosse nada. Cobri o peito apesar do fato de que estava vestida. Eu estava exposta, como se estivesse tão aberta que meus segredos estivessem à mostra. Quando olhei para o homem que inclinou a cabeça e mandou seu cão de guarda fazer o trabalho, pude sentir que estava me olhando. Podia não ser capaz de ver seu rosto, mas senti seus olhos em mim como dedos me tocando, me acariciando, me segurando.

E então meu coração tomou conta do meu peito enquanto eu o observava levantar o braço com a arma que eu tinha ouvido sendo engatilhada, provavelmente a que ele segurava. Ele deu um passo para se aproximar, não de mim, mas do corpo preso à parede. O cara que estava lutando para respirar, se agarrando ao aperto do outro homem em sua garganta.

Como eu estava antes. Um gosto do seu próprio remédio.

Ele continuou se aproximando, mas eu sabia que ele me observava, sabia que ele estava calculando tudo aquilo. Pensei que poderia vê-lo quando ele se afastou dos faróis. Mas uma vez que ele estava ao lado do seu parceiro, cão de guarda ou o seja lá o que o cara era, eu ainda não conseguia distinguir seu rosto. Eu sabia que não o conheceria, mas queria olhar para o rosto daquele que me salvou.

Me salvou?

Sim, ele me salvou de um buraco muito sombrio, me tirou dali para que eu pudesse respirar novamente. Mas agora eu tinha aquele sentimento, como se tivesse mel em minha pele, grosso, quase me sufocando de novo, de que esse homem era muito mais perigoso do que qualquer coisa que já havia encontrado.

Ele não disse nada e o único som que penetrou no meu cérebro enevoado foi do homem que lutava, de seus chiados e suspiros enquanto tentava agarrar a mão que o segurava, mantendo-o suspenso. Não senti nada, nenhuma simpatia por ele, nada além da necessidade de vê-lo ferido do jeito que me machucou. E então, com meus pulmões se apertando dolorosamente a cada respiração que eu dava, observei o homem afastar seu parceiro e tomar seu lugar na frente do garoto da fraternidade. Meu instinto de sobrevivência me dizia para fugir, dar o fora dali, porque aquilo estava indo de mal a pior e as coisas não acabariam bem.

O homem virou a cabeça na minha direção, aquelas porcarias de sombras o fizeram parecer quase irreal, como se talvez tudo aquilo fosse uma alucinação. Ele era muito grande, mais alto, mais largo e mais musculoso do que o cara da fraternidade que estava à sua frente. Ainda ficou em silêncio me observando. E então ele levantou a mão, colocou a arma bem no meio da testa do meu agressor

e tudo pareceu paralisar. Eu sabia o suficiente sobre armas e tinha visto muitos filmes para saber que o silenciador acoplado faria com que não houvesse interferências, não haveria ninguém em pânico e nem correndo por causa do barulho do tiro.

Dei um passo à frente, sem saber o porquê. Era o equivalente a tentar tocar em um cão faminto acorrentado, querendo passar minhas mãos por ele mesmo sabendo que me atacaria e me rasgaria os membros.

— Não — eu disse. Ele poderia estar prestes a me atacar, me estuprar, Deus sabia o que mais. Eu não podia ficar ali e assistir um homem atirar nele. Eu não queria esse peso em minhas costas, mesmo que o cara merecesse isso e muito mais. — Não quero isso — sussurrei. Um longo momento se passou, talvez um segundo, talvez uma hora. Parecia que fazia séculos que meu corpo estava rígido, o coração disparado e o homem com a arma me encarando. Ele não puxou o gatilho, mesmo que devesse ter feito aquilo. Me senti tonta. Minha cabeça girava e a sensação de cair não tinha a ver com as bebidas que eu havia tomado ou a situação que tinha acontecido até agora. — Não vale a pena. Ele não vale a pena — sussurrei novamente, mesmo que não conhecesse esse homem, ou soubesse que ele não era do tipo que dava a mínima para o que valeria a pena ou não. Ele fazia o que fazia porque queria.

Sabia disso, assim como sabia que meu agressor poderia ser morto a qualquer segundo.

Eu estava muito consciente do sangue correndo pelas minhas veias, abafando todo o resto. O cara da fraternidade estava dizendo alguma coisa, mas eu não conseguia ouvir, não conseguia me concentrar em nada, exceto no homem à minha frente, tão poderoso que poderia me deixar de joelhos.

Depois de um segundo tenso, ele deu um passo para trás com a arma ainda em punho, mas o foco agora no idiota que quase me estrangulou. Ele ainda não tinha dito uma palavra, não enquanto engatilhava a arma, nem quando o seu capanga prendia o cara da fraternidade contra a parede do prédio. E ele não disse nada quando levantou o braço e deu uma coronhada na cabeça do imbecil. O cara caiu no chão, talvez nocauteado, talvez tentando se tornar menor, menos perceptível.

E então não havia nada além dele e de mim, nos encarando, o ar espesso e o mundo girando ao nosso redor. Ele se virou e me deixou de pé ali, com as mãos ao lado do corpo, ele ainda segurando a arma. O flash de um anel me chamou a atenção, um aro grosso em seu mindinho que parecia muito mais sinistro do que deveria. Ele voltou para o carro e foi embora. O segui com o olhar, observando-o desaparecer na rua, sabendo que estava olhando para mim da mesma forma que eu olhava para ele.

Não tinha ideia do que havia acontecido.
Não sabia se eu seria a mesma.



Capítulo Três

Esfreguei os olhos, meus sonhos da noite passada consistindo de um homem grande e misterioso. Mesmo que eu não pudesse ver seu rosto, sabia que era mais perigoso do que qualquer coisa que eu poderia ter enfrentado. Ele havia me amarrado e ria de um jeito profundo, doentio e perverso fazendo com que minha bondade se enterrasse profundamente dentro de mim.

Dormi muito mal por causa disso. Os sonhos, combinados com o que eu testemunhei na noite passada foram o suficiente para me manter acordada com uma xícara de chá quente nas mãos... a única coisa estável o suficiente para me manter presa à realidade naquele momento.

— Darryl está com o seu cheque — Rita, a auxiliar de gerente da porcaria da cafeteria, disse ao passar por mim.

— Obrigada — murmurei. Eu tinha pilhas de contas no meu apartamento e, embora estivesse fazendo horas extras, não estava ganhando o suficiente. Ainda estava lutando para sobreviver.

A história da minha vida.

Terminei de amarrar o avental e fui até o escritório de Darryl. Meu chefe pervertido estava debruçado sobre a mesa, seu celular pressionado contra o ouvido enquanto ele gritava.

— Não me importo com o que ele disse. Pedi que estivesse aqui há uma hora. — Houve um momento de silêncio antes que ele falasse de novo. — Ouça, se ele não aparecer, darei o emprego dele para outra pessoa. — Darryl desligou e jogou o telefone longe. Fiquei ali por um segundo antes de pigarrear. Ele se virou e olhou para mim.

Certo, ele não está no clima para ser pervertido, não quando está me encarando assim.

Eu teria irritação em vez dele escapando para comentários indecentes como num dia comum.

— A Rita disse que meu cheque estava aqui.

Ele começou a empurrar os papéis para o lado até chegar à pilha de envelopes. Depois de procurar e finalmente encontrar o meu, o entregou sem olhar para mim.

— Você pode entrar uma hora mais cedo amanhã? — perguntou, ainda sem me olhar. Ele era um péssimo chefe.

— Sim. — Eu precisava do dinheiro extra. Na verdade, precisava de outro emprego. Da forma como estava, trabalhar na cafeteria não era o suficiente.

Minha luz seria cortada a qualquer momento, e o que eu ganhava mal cobria o aluguel.

Cortar as idas ao bar teria que ser prioridade.

Eu me odiava em algum nível por sair e por gastar o pouco dinheiro que eu tinha. Mas se eu não saísse, me mataria. Talvez não literalmente, mas estaria presa naquela porcaria de apartamento sem aquecimento ou eletricidade, olhando para a parede. Estaria esperando o mundo me engolir, porque essa seria a única coisa que me restaria.

— Na verdade, queria saber se você teria horas extras para mim.

Ele me olhou e balançou a cabeça. Cara, ele estava com um problemão hoje. Percebi pelo olhar distraído e os comentários rudes.

— Desculpe, estou evitando pagar horas extras. Só vai receber o que você tem programado. — E foi isso. Ele gesticulou para que eu saísse e me forcei a não murmurar.

Idiota.

Comecei a trabalhar porque pensar sobre meus problemas e sobre o fato de que eu teria que encontrar outro emprego não era algo que eu queria ficar pensando. Eu não tinha ninguém para quem pedir ajuda, ninguém que realmente se importasse. Estava sozinha de todas as maneiras possíveis.

Vinte e dois anos e uma mulher vazia como uma concha: bonita por fora, mas sem nada de bom por dentro.

Eu não deveria ter que me sentir viva quando saía para dançar e me embebedava. Deveria haver alguma luz e felicidade no meu mundo. Mas eu sabia que a realidade não funcionava assim.

Me sentei na calçada, nos fundos do café. Tinha mais três horas antes do meu turno acabar e voltar à compreensão esmagadora de onde eu realmente estava neste mundo. Era em momentos como este, onde o estresse era quase demais para suportar, em que ele apertava meus pulmões, me comprimindo e tentando me fazer ficar melancólica e desanimar que eu desejava ter um cigarro. Eram coisas ruins, mas fumar teria me dado uma pequena fuga, algo para focar enquanto o mundo ficava de cabeça para baixo ao meu redor.

O som da porta se abrindo me fez olhar para trás. Marshall apareceu com um saco de lixo branco na mão e o boné de futebol torto. Ele parecia tão exausto por fora quanto eu me sentia por dentro.

— Ei — ele falou com um sorriso genuíno.

— Ei. — Me concentrei no prédio à minha frente. Era uma loja de antiguidades. Talvez eles estivessem contratando... Senti alguém por perto me observando. Olhei e vi Marshall me encarando. — Está tudo bem?

— Ouvi você falando com Darryl sobre precisar fazer horas extras.

Assenti, sem ter certeza do que ele queria. Marshall tinha menos experiência que eu e mal trabalhava daquele jeito.

Ele olhou em volta como se estivesse com medo, como se não quisesse que ninguém ouvisse. Então chegou mais perto. Senti o cheiro de café que vinha dele e presumi que eu também tinha o mesmo cheiro.

— Está mesmo precisando de dinheiro? — Ele estava sentado ao meu lado no meio-fio e eu podia ver como seus olhos estavam levemente vermelhos e as pupilas um pouco dilatadas. Ele parecia agitado, mas pela maneira como agia eu podia supor que ele só estava nervoso.

Ou chapado com alguma coisa.

— Sim — falei. Arqueei as sobrancelhas, me sentindo confusa.

Ele ficou em silêncio por vários segundos, mexendo em seu avental, parecendo muito nervoso.

— Eu conheço um cara que pode ajudar.

— Isso soa meio ameaçador.

Ele continuou olhando em volta, e senti os pelos do meu braço se arrepiarem.

— Acho que vou deixar passar o que você está oferecendo.

— Me desculpe — ele disse e soltou o ar. — Mas conheço alguém que pode ajudar. Ele ajuda muitas pessoas.

— Sim, imagino que ele seja alguém bom de coração.

Marshall deu de ombros.

— Aqui. — Ele remexeu em seu avental e pegou uma caneta e um pedaço de papel. Escreveu um endereço e entregou para mim.

Olhei para baixo, sem saber onde aquela parte da cidade ficava.

— Obrigada — falei, porque isso parecia bem evasivo.

— Mas, falando sério, ele pode ajudar. — Marshall se levantou e voltou para dentro. Eu deveria ter jogado o endereço fora, porque de jeito nenhum aquilo parecia legítimo ou mesmo seguro. Mas por alguma razão, guardei no meu avental e me levantei.

O que eu sabia, com certeza, era que nada vinha de graça.



Capítulo Quatro

Eu mal conseguia ficar de olhos abertos enquanto dirigia a merda do carro até meu apartamento horrível. Peguei a última rua à direita, vi o prédio se aproximando e estacionei bem próximo ao meio-fio. Por um segundo, fiquei sentada lá, ouvindo o arrefecimento do motor. Eu fazia isso todos os dias quando chegava em casa, temendo entrar e odiando o fato de que estaria sozinha.

Sem amigos de verdade.

Sem família que ligasse de verdade para mim.

Uma vez por mês onde eu me soltava e fingia ser outra pessoa.

Esse era o resumo da minha vida.

Parei de sentir pena de mim mesma e entrei. O elevador estava quebrado, estive assim no último mês. Eu duvidava que seria consertado em breve, não a menos que um grupo de pessoas reclamasse. Mas ninguém o faria, porque qualquer um que morasse aqui não se importava com nada.

Os dois primeiros lances de escadas foram tranquilos, mas o terceiro e o quarto me fizeram perceber que eu estava fora de forma. As coxas queimavam e os pulmões se apertaram. Ajustei a bolsa e dei o último passo. Minha cabeça estava baixa e eu estava focando no chão sujo com o piso rachado e descascado. Quando levantei a cabeça, a primeira coisa que vi foi a porta do meu apartamento se abrir. Meu coração parou. Eu a havia trancado. Sabia que sim. Minha vizinhança era ruim, e embora eu não tivesse nada, ter alguém ali dentro era invasão.

Eu deveria ter ligado para a polícia, mas como disse, a vizinhança não era boa. Mesmo que os policiais aparecessem, levaria uma eternidade e eles assumiriam que eu não tinha trancado a porta.

Estava com as chaves na mão e o metal escapava entre meus dedos. Eu ia usar aquilo como arma se precisasse. Seguindo lentamente em direção à porta, a abri com o sapato. Eu poderia ter chamado um dos vizinhos para ir comigo, mas como eram bêbados, viciados ou malucos, não achei que seriam de muita ajuda. Além disso, todo mundo aqui focava em si mesmo e não se preocupava com os outros... em geral era mais seguro assim.

A porta se abriu e vi que meu apartamento havia sido destruído. Não era um lugar bonito, e eu não tinha nada de valor... exceto pelo conteúdo da lata de café. Meu coração começou a acelerar. Fechei a porta para que minha segurança não entrasse em jogo naquele momento. Depois, corri para a cozinha. Os armários estavam todos abertos e os poucos pratos que eu tinha estavam caídos no chão. E

lá, entre os pedaços da cerâmica de brechó, estava minha lata de café. Estava de lado e a tampa a meio metro distância. Eu sabia que estaria vazia antes mesmo de pegá-la com a mão trêmula.

Eu estava guardando um pouco do meu salário, colocando algumas notas ou moedas na lata sempre que conseguia. Às vezes, era o dinheiro que eu usava para comprar bebida quando saía uma vez por mês, se eu tivesse algum extra. Droga, já usei essa reserva para colocar combustível no carro quando estava realmente apertada.

Me sentei no chão, pois minhas pernas pareciam que iam desabar e meu coração estava na garganta. A tristeza foi logo substituída por raiva. Chorei, odiando o fato de que não podia fazer nada além disso e sabendo que eu merecia mais. Joguei a droga da lata do outro lado da cozinha e o metal bateu de encontro ao armário. Então apoiei a cabeça nas mãos e chorei muito, porque não havia mais nada a fazer. Talvez eu não tivesse muito dinheiro na lata de café mesmo. Talvez eu não devesse nem ter dinheiro por perto, ou deveria tê-lo escondido melhor.

Talvez. Talvez. Talvez.

Havia muitas coisas que eu poderia ter feito diferente. No final, minha vida ainda era a mesma, ainda imperfeita, distorcida e confusa, com a luz que eu achava que precisava ser levada para longe. Talvez eu não devesse ter essa luz. Talvez eu só merecesse a escuridão.

Talvez isso me fizesse mais forte.

Levantei a cabeça, enxuguei as lágrimas com raiva e vi o que eu tinha no bolso. Peguei o pedaço de papel, mas o endereço rabiscado parecia agourento demais. Tudo em mim gritava para jogá-lo no lixo, mas a realidade da minha situação era que eu estava me afundando cada vez mais em um buraco. Eu só precisava ficar de pé, encontrar um segundo emprego e então poderia procurar algo melhor para mim, algo que não estivesse infestado de ódio e raiva.

Minha mão ainda estava tremendo quando enfiei o papel de volta no bolso. Me levantei, segurei as chaves com mais força e saí pela porta. Não me incomodei em trancar desta vez. Qual seria o objetivo?

Parei o carro, me inclinei para frente e olhei para o prédio. Parecia abandonado, degradado e velho. Olhando para o pedaço de papel mais uma vez, soube que este era o lugar certo, mas parecia inadequado com certeza.

Isso é idiota. Dê o fora daqui.

Estava prestes a fazer isso, porque prefiro passar dificuldade do que acabar morta, então comecei a me afastar. O som de alguém batendo no capô do carro me fez gritar de susto. O homem na frente do carro usava um capuz e uma máscara escura que cobria apenas metade do rosto. Ele deu um passo para trás, os faróis iluminando-o. Ele estava vestido de preto da cabeça aos pés e seu corpo ainda estava na frente do carro. Eu poderia tê-lo derrubado se realmente quisesse sair de lá, o que eu queria. Mas a verdade era que eu estava com muito medo. E sabia que ele não estava sozinho.

Ouvi uma batida na traseira do carro e isso fez meu coração disparar com tanta força que até senti dor.

— Desligue o carro. — A voz profunda ao meu lado me fez pular. Quando eu não me movi, ele levantou uma arma, batendo o cano no vidro da janela do motorista. — Mexa-se — ele gritou.

Virei a chave, desligando o carro. Senti como se estivesse desligando a minha tábua de salvação.

— Saia da porra do carro.

Eu estava com muito medo de tentar fugir. Imagens de balas voando pelo meu carro e me atingindo passavam como um filme grotesco na minha cabeça.

Saí do carro mais rápido do que pensei que poderia e, instantaneamente, fui para o lado do veículo, sentindo o metal frio, duro e implacável. O cara me manteve colada ao carro e começou a me revistar, dando tapinhas para verificar se eu estava escondendo uma arma. Com certeza eles podiam ver como eu estava apavorada. Me viraram com tanta rapidez que minha cabeça girou. Esse cara estava usando a mesma máscara e seus olhos eram astutos e sombrios.

— O que é que você está fazendo aqui?

— Eu... eu... — Minha boca não funcionava. As palavras não saíam e não se formavam corretamente.

— Fale, sua puta do caralho. Ou eu vou te dar algo para te fazer gaguejar de verdade. — Ele colocou o cano da arma no meu abdômen, pressionando-o e me mostrando quem estava no comando.

— O Marshall me deu o endereço, disse que um homem poderia me ajudar. — As palavras saíram da minha boca, e eu estava orgulhosa e aterrorizada por tê-las pronunciado. Pude ouvir o quanto eu soava apavorada. Estava com medo, tremendo e minhas unhas afundavam na palma das mãos. Fiquei surpresa por não haver sangue nelas, um testemunho da violência que pairava no ar. Olhei ao redor. Quatro homens, todos vestidos da mesma maneira.

Bandidos.

— As pessoas precisam aprender a manter a boca fechada.

Ele estava se referindo a Marshall. Deus, eu não deveria ter dito nada, não

deveria ter dado o nome dele. Eu estava tão assustada.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, fui arrastada para longe do carro e em direção ao prédio. Tropecei, mas o cara que segurava meu braço apertou com mais força. Eu não era tola o suficiente para pensar que ele se importaria se eu caísse de cara no chão.

Entramos no prédio por uma porta super enferrujada. Um dos caras ficou do lado de fora e os outros três praticamente me empurraram para dentro. O fedor de sujeira e mofo era quase insuportável, e eu tossi. Era por isso que eles usavam as máscaras? Ou era para fazer pessoas como eu saberem como estavam vulneráveis com eles e o quão perigosos eles realmente eram?

Fui através de um conjunto de portas, em seguida, fui levada por um longo corredor. Outra porta. Outro corredor. Senti como se fôssemos andar para sempre, indo cada vez mais para dentro e o frio no ar se tornando mais intenso. Finalmente, empurramos uma porta e pude ver mesas ao redor. Armas e drogas cobriam todas elas.

Foi então que eu soube que não havia como voltar atrás. Eles me deixaram ver aquilo e, embora eu não soubesse como eram, sabia onde se escondiam.

— Ricky, cara, temos alguém aqui. — O homem que segurava meu braço finalmente me soltou. Ele me empurrou para a frente, e eu tropecei de novo, me segurando em uma mesa cheia de embalagens quadradas envoltas por fita adesiva.

Olhei para o homem que ele chamou de Ricky, minha garganta seca e tensa. Esperava que ele usasse o mesmo traje dos seus capangas, mas ele vestia jeans sujos, uma camisa igualmente imunda e tinha os cabelos oleosos. Ele estava com um cigarro pendurado nos lábios muito finos e me olhou de cima a baixo. Naquele momento, me senti nua.

Deus, no que eu me meti?



Capítulo Cinco

— Vocês a estão assustando. Relaxem — Ricky disse para os caras atrás de mim. E embora ele pudesse estar tentando me acalmar, sua voz agradável demais e a maneira como ele sorriu fizeram minha pele se arrepiar.

Me endireitei, apoiando as mãos no estômago. Eu sabia que era um movimento defensivo que, provavelmente, me fez parecer mais fraca.

— Qual seu nome?

Eu tinha a sensação de que mentir para esse cara não me faria bem. Droga, deixei a bolsa no carro e tinha certeza de que eles já a haviam vasculhado, vendo minha carteira de motorista e meu endereço.

— Sofia. — Só dei a ele meu primeiro nome, esperando que ele não me pressionasse por mais nada.

— Como você descobriu sobre este lugar, sobre mim?

Esfreguei as mãos na calça jeans e olhei para os três rapazes atrás de mim. Quando enfrentei Ricky novamente, percebi que ele havia se aproximado.

— Recebi o seu nome e endereço de um cara que eu conheço.

Ele inclinou a cabeça.

— Um cara que você conhece?

— Marshall — um dos bandidos falou.

— Marshall tem uma boca grande — Ricky falou, ainda me olhando. Aquele olhar me fazia sentir suja. — Mas isso é o que se ganha com um viciado.

— Eu... não acho que eu deveria estar aqui. — As palavras escapuliram da minha boca antes que pudesse detê-las. Sabia que eles não me deixariam simplesmente ir embora.

— Se acalme — ele falou, se aproximando. Eu não conseguia me mexer, e mesmo se pudesse, sabia que não haveria lugar para onde correr. — Está claro que você precisa de algo, e eu estou aqui para ajudar. — Ele estendeu os braços com aquele ego grandioso. — Diga-me, Sofia, em que posso te ajudar? — Lá estava ele, me olhando de cima a baixo e me fazendo querer ir tomar banho para lavar a sua presença. — Vá em frente, me fale. Estamos perdendo um tempo precioso aqui.

— Acho que não preciso de nada, não.

— Diga o que você precisa, porra. — Ele bateu com o punho na mesa, fazendo com que um dos pacotes com fita adesiva rolasse para o chão. Eu pulei e meu coração disparou. O barulho dos batimentos encheu minha cabeça.

— Vim aqui por dinheiro. — Este homem era louco. Dava para ver em seu

rosto, na maneira como seus olhos se moviam de um lado para o outro. Ele cheirava à bebida, cigarros, suor e degradação.

Ele sorriu e aquela era uma visão feia.

— Dinheiro? Posso te ajudar com isso. — Ele gesticulou para que eu me aproximasse e, embora eu quisesse correr de lá, não era uma completa idiota. Eles me pegariam com facilidade. Quase vomitei ao pensar no que fariam comigo.

Dei um passo para mais perto. Minha garganta ficou muito seca e minha mente acelerou ao pensar no que eu podia fazer para sair dali. Ele me levou para uma das mesas na parte dos fundos, onde havia pilhas de dinheiro. Algumas estavam em pacotes embrulhados em plástico enquanto outras estavam, claramente, no processo de contagem. Ele pegou uma pilha e me entregou. Não peguei. Meus membros pareciam ser feitos de chumbo e sentia muito medo para me mexer.

— Vá em frente, pegue — ele falou, com o rosto quase jovial. Balancei a cabeça, algo que eu nem sabia que estava fazendo até terminar. Seu rosto endureceu. — Você vem ao meu local de trabalho pedir ajuda e depois recusa o que eu ofereço? — Deus, ele era louco. Aqueles olhos furtivos me observavam. Provavelmente estava pensando coisas bem repugnantes.

— Eu... eu não poderia te pagar tudo isso. — Olhei para a pilha de dinheiro. Aquilo poderia me tirar do buraco em que estava facilmente, mas não era algo que eu pudesse pagar, não nesta vida.

Ele deu de ombros.

— Podemos pensar em alguma coisa. — Ele olhou para os meus seios e a necessidade de me cobrir, apesar de estar completamente vestida, me atingiu.

— Na verdade, mudei de ideia. Obrigado pela oferta, mas vou embora. — Comecei a recuar, mas a sensação de um corpo rígido atrás de mim me fez parar. Não precisei que me virar para saber que era um dos seus homens mascarados.

Ricky deu um passo à frente. Ele estava tão perto que seu cheiro repugnante tomou conta de mim.

— Não, você vai levar isso, porque já está aqui. — Ele sorriu, revelando dentes amarelados e tortos. — Porque se você não pegar, Sofia — ele falou, olhando nos meus olhos —, se você não pegar esse dinheiro, não posso deixar você ir. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Você entende o que estou dizendo?

Você já nos viu. Sabe onde fazemos nossos negócios ilegais. Se você for embora, vamos ter que te matar.

— Entendo — falei com voz sussurrada. Mas endireitei os ombros sem querer parecer fraca. Isso os faria atacar como um bando de hienas selvagens.

— Bom — Ricky disse e empurrou o dinheiro para mim. — Podemos combinar os detalhes de pagamento mais tarde. — Ele me olhou de novo com aquele sorriso nojento no rosto. — Enquanto isso, não tente fugir, porque o Bobbie pegou todas as informações de seus documentos.

Eu me virei e olhei por cima do ombro. Um dos homens mascarados segurava minha bolsa. Sim, imaginei que eles mexeriam nas minhas coisas.

— E se eu não puder pagar? — perguntei, tentando manter a voz calma e controlada.

O sorriso de Ricky desapareceu e ele ficou com aquele olhar enlouquecido — ainda mais do que o que já estava.

— Todo mundo acaba pagando de um jeito ou de outro. Nós sempre encontramos uma forma.



Capítulo Seis

Vários dias depois

Eu não tinha intenção de gastar esse dinheiro, não quando minha vida seria a garantia se eu não pudesse pagá-lo.

Olhei para o montante, aquele maço de dinheiro na minha mesa como um peso de chumbo. Eu poderia ter dito que não queria, poderia ter tentado fugir, mas não fui tola o suficiente para pensar que teria conseguido sair dali viva.

— Garota estúpida. — Apoiei a cabeça nas mãos e as lágrimas ameaçaram sair, mas o ódio por mim mesma fez todo o resto ficar em segundo plano. Mas por mais idiota que eu fosse por ir até lá e permitisse que minhas emoções naquele momento horrível me consumissem, também sabia que devolver o dinheiro não era o suficiente. Eles queriam tirar vantagem, e seja lá qual fosse, isso não havia sido discutido.

Peguei o dinheiro, fui até a pia e me abaixei. Atrás dos canos havia um pedaço da parede solto. Depois de tirá-lo, empurrei o dinheiro lá dentro. Encontrei aquele espaço “secreto” no começo da semana e mesmo que não soubesse disso antes, me amaldiçoei por não colocar a maldita lata de café lá. Depois que arrumei os produtos de limpeza para que não ficasse óbvio que eu estava mexendo debaixo da pia, me levantei e fui para o trabalho. Eu não sabia o quanto essa situação podia piorar, mas eu tinha a sensação de que não ficaria mais fácil.

— Alguém sabe onde o Marshall está ou ouviu falar dele? — O silêncio cumprimentou Rita, a líder do dia. — Faz três dias que ele não vem trabalhar e não posso mais cobri-lo.

Meu coração começou a bater mais rápido. Eu não o via desde o dia em que ele me deu o endereço de Ricky. E embora eu pudesse ter dito que estava exagerando, algo dentro de mim me dizia que eu era a causadora de seu desaparecimento.

Comecei a suar. As gotas se formavam entre meus seios e ao longo da coluna.

— Bem, se alguém falar com ele, diga que ele está fora. Está demitido. Só podemos aceitar certo número de faltas.

Meu coração estava batendo muito forte agora e enquanto eu observava Rita sair, soube que era a culpada. Se alguma coisa tivesse acontecido com Marshall, era por minha causa. Abri a boca e agora ele tinha sido demitido. Precisava vê-lo e me certificar de que estava bem. Era o mínimo. Eu sabia que minha loucura e boca grande não o mataram. Podia não conhecê-lo muito bem, mas ele não merecia morrer.

Terminei o trabalho com uma confusão em minha mente. Estava repleta de preocupação, atrapalhada e com muito medo por minha própria segurança. A imagem do dinheiro que estava na minha cozinha e as implicações disso tudo eram um grande peso e faziam o pânico subir a um nível alucinante.

Peguei as chaves do carro na bolsa, esperei até ver Rita ir para a parte da frente e entrei no escritório do gerente. Como o café ainda utilizava arquivos de papel em vez de computador, consegui encontrar o endereço do Marshall com bastante facilidade.

Uma vez que estava no carro e indo em direção à casa dele, senti meu coração acelerar. Meu peito doía e a realidade da minha vida e onde eu estava agora me deixava mal do estômago. Quando cheguei à casa dele, segurei o volante com ainda mais força. Ele morava em um bairro mais agitado que o meu. O som das sirenes ao longe era quase imperceptível. O que ouvi foram homens gritando, xingamentos e vidro quebrando.

Antes que eu pudesse me convencer a ir embora, pois não queria me ver em uma situação ainda mais louca, a porta da frente se abriu e uma mulher parecendo muito desalinhada saiu. Seu short era tão curto que não deixava nada para a imaginação. Ela tinha hematomas nas pernas e a camisa era um pedaço de tecido que mal cobria os seios grandes. Seu cabelo era um ninho de rato sobre a cabeça e as raízes escuras apareciam a um centímetro do cabelo loiro descolorido. Eu podia facilmente ver as marcas no interior dos braços, mas criei coragem e estendi a mão para abaixar a janela.

Ela olhou para mim, mas desviou o olhar muito rápido e continuou andando.

— Com licença? Estou à procura de alguém.

— Uma garota bonita como você daria o fora daqui se fosse esperta. — Ela olhou para mim mais uma vez, seus olhos negros agora visíveis sob o poste de luz.

Fechei a janela, me certificando que as portas estavam trancadas. Houve um segundo em que o pânico se instalou. Minha garganta se fechou, o coração bateu muito forte no peito e a dor me estrangulou.

Fechei os olhos, segurei o volante e tentei respirar através do medo. Quando abri os olhos, estava exatamente no mesmo lugar.

Vi um flash de faróis e olhei no espelho retrovisor. Havia um SUV escuro estacionado atrás de mim. O pânico se multiplicou por dez. Provavelmente não era nada ou talvez fosse alguma coisa. A única coisa que eu sabia sem dúvida, era que se eu não descobrisse o que eu ia fazer, estaria morta.



Capítulo Sete

Minha cabeça estava zunindo e aquele som me consumia. Olhei para o isopor frágil do copo de café vazio na minha mão. Antes que percebesse o que estava fazendo, eu o esmaguei, empurrando com os dedos o exterior levemente elevado.

— Com licença?

Levantei a cabeça, sentindo como se houvesse uma agitação ao meu redor, enchendo meus ouvidos e fazendo um barulho abafado e incerto. A moça na minha frente tinha um olhar confuso no rosto ou talvez fosse medo. Ela olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças.

— Você vai fazer o meu café?

Engoli em seco e minhas mãos tremiam. Por que eu estava no trabalho?

— Tire quinze minutos — Cambria falou, me empurrando para os fundos.

Pisquei, percebendo que minha visão estava embaçada. Eu estava chorando.

Entrei na sala dos fundos, parei e fiquei ali de pé, olhando em volta, mas sem perceber nada. Me senti perdida, tão perdida que a minha cabeça era uma confusão de imagens, palavras e sons das coisas que aconteciam ao meu redor. Mas rapidamente me virei, saindo dali e fui direto para uma mesa.

Me sentei em uma das cabines vazias, querendo ir embora, fugir de tudo isso, mas eu precisava do dinheiro.

Deus, eu poderia ter rido desse fato. Eu tinha muito dinheiro no meu apartamento, mas ainda precisava dele e ficava imaginando como sobreviveria sem.

Esfreguei a mão sobre o rosto e o cabelo, querendo arrancar os fios. Pelo menos a dor teria me dado outra coisa para focar. A TV de tela plana que estava pendurada no canto mostrava as notícias. Era isso o que acontecia todos os dias, o dia todo. Olhei para a tela sem som. O âncora dizia alguma coisa, mas o volume estava tão baixo que eu não conseguia ouvir. Observei sua boca se mover, olhei para o rosto perfeitamente posicionado e maquiado, e tive vontade de gritar. Estava frustrada, minha cabeça e meu corpo pareciam estar enrolados em si mesmos, como se fossem uma confusão emaranhada dentro de mim sem esperança de se acertar de novo.

E então a tela mudou para a imagem de um bairro que reconheci, porque estive lá no outro dia. Eu me endireitei, olhando para o complexo onde Marshall vivia. O prédio de apartamentos era o ponto focal e as pessoas em volta estavam mais interessadas no fato de que uma câmera estava lá do que no corpo que estava sendo colocado em uma maca. Obviamente, eu não conseguia ver quem

estavam levando, mas nem era preciso. Sabia que era Marshall. A foto dele apareceu na tela. A repórter apareceu novamente e a pequena praça no lado superior direito mostrou o cara que eu não conhecia muito bem, mas por quem me sentia responsável naquele momento.

Ele parecia perdido na foto, com os olhos avermelhados e o rosto pálido. Sua morte devia ter sido algo cruel, algo digno de notícia se estavam reservando tempo para relatar aquilo. Droga, provavelmente aquele bairro tinha uma alta taxa de violência e morte, então o que quer que tivesse acontecido com Marshall devia ter sido muito ruim para eles noticiarem.

Eu o matei. Ele me contou sobre Ricky, tentou me ajudar e, como eu abri a boca, a morte dele tinha sido minha culpa. Fiquei de pé, fui até onde a TV estava apoiada e estiquei o pescoço para trás. Olhei para a foto dele e tudo começou a se mover em câmera lenta. O mundo ao meu redor girava e acelerava logo em seguida.

Não sei o que me fez olhar pela janela, mas antes que eu soubesse o que estava fazendo, meus olhos foram capturados pelo mundo que passava diante de mim. A única coisa que me separava daquilo tudo era vidro e aço. E ali, parado como um demônio, ou talvez a morte, havia um SUV preto. O SUV preto que vi na casa do Marshall.

Não consegui ver quem estava sentado no banco do passageiro ou do motorista. as janelas eram muito escuras, com violência e morte. Mas eu sabia que estavam lá por minha causa. Sabia que estavam lá para incitar medo e fazer uma promessa.

Tinha que decidir o que ia fazer. Agora.

A música preencheu minha cabeça, a aglomeração de pessoas, o calor... tudo isso me acalmava. Talvez eu fosse uma boba, uma idiota por ter vindo ao clube e não ter me trancado em casa ou tentando me esconder, talvez até mesmo fugir da cidade. Mas todas essas pessoas me faziam sentir mais segura. Esses estranhos me faziam sentir como se eu já estivesse escondida, como se fosse um ponto de cor no meio de um arco-íris.

Eu não precisava ver Ricky para saber que ele estava naquele SUV me observando, esperando que eu fizesse alguma coisa, qualquer coisa que lhe desse uma desculpa para reagir. Ou talvez ele estivesse apenas me provocando, me torturando com a promessa do que meu futuro realmente reservava.

Fiquei no meio do salão e me virei lentamente, observando as visões e

cheiros que me rodeavam. Senti como se pudesse me esconder ali, como se nada pudesse me tocar. A união faz a força, certo?

Estúpida. Nenhum desses babacas ficaria do seu lado se você precisasse de ajuda.

Fechei os olhos e respirei devagar. Suor, cerveja velha e a promessa de sexo no ar, tudo isso encheu minha cabeça e me deixou tonta. A música estava alta, as vibrações se instalando em meu corpo, me entorpecendo, me fazendo balançar como se eu estivesse no oceano e a correnteza estivesse tentando me derrubar e me usar. Eu não tinha dinheiro comigo nem conseguia tomar uma bebida para esquecer minhas emoções. Podia ter me dado ao trabalho de pedir a um idiota qualquer para que me pagasse uma. Oferecer a falsa promessa de sexo por uma garrafa de cerveja, mas até isso parecia muito trabalhoso. Só de estar aqui, a aglomeração de pessoas me fazendo dançar de um lado para o outro já foi o suficiente para me acalmar.

Foi o suficiente para me fazer sentir um pouco de segurança.

Até eu sair desse lugar e ser forçada a voltar para a merda do meu apartamento.

— Dance comigo. — A voz soou como um chicote em minhas costas. Eu não me virei nem olhei para quem estava oferecendo companhia. Apenas me afastei e caminhei em direção ao bar.

Havia pessoas andando por ali, fazendo pedido de bebidas. Os três *bartenders* trabalhavam rápido, bastante concentrados. Olhei para onde havia várias câmeras de segurança apontadas para os clientes, observando cada movimento, cada mão sendo levantada. Quem estava do outro lado? Quem observava a todos da segurança de uma cadeira acolchoada e olhos de águia?

Eu ainda me importava?

— Me deixe te pagar uma bebida.

Olhei para a esquerda, sentindo a cabeça pesar uma tonelada quando a girei. O cara sentado ao meu lado parecia legal, com uma camisa cinza clara, a gravata solta e o cabelo penteado para o lado. Com certeza era um homem de negócios, talvez tenha vindo ao clube para relaxar depois de um dia estressante de fusões. Olhei para a mão dele, vi a aliança de ouro e voltei a olhar para o seu rosto. Ele não parecia nem um pouco envergonhado por estar aqui, tentando pegar alguma garota qualquer enquanto provavelmente a esposa estava em casa com os filhos.

Nem me incomodei em responder. Ficar ali não estava me ajudando, não como eu esperava. Queria estar cercada de pessoas, sentir que não era nada em um mar de tudo. Em vez disso, me senti sufocada, como se meus próprios pensamentos e necessidades me levassem para mais longe em um lugar do qual eu nunca seria capaz de voltar.

Mas ir para casa não era uma opção. Eu precisava de ar fresco, precisava respirar. Necessitava ainda estar perto o suficiente de algo, de alguém em vez de cercada por nada. Passei pelo marido safado, atravessei a multidão de pessoas girando na pista de dança e, finalmente, consegui sair. Inspirei uma profunda lufada de ar. Algumas pessoas estavam fumando ao lado e o fedor de fumaça de cigarro era enjoativo e sufocante. Passei por eles, virei a esquina e parei em um beco quieto e bem escuro.

Eu tinha alguma privacidade e um pouco de espaço para respirar, mas fiquei perto o suficiente do canto do prédio para sentir que não estava sozinha e sendo tola por ter vindo para cá. Quando me sentei na calçada, o cheiro de urina, vômito e cerveja rançosa encheu minhas narinas, me fazendo querer vomitar. Mas não me mexi. Senti a realidade formigar dentro de mim, esse problema que eu nunca resolveria me fazendo prisioneira. Eu podia ouvir as pessoas na esquina, a risada, a embriaguez fazendo com que ficassem despreocupadas.

Olhei para o beco diante de mim. A escuridão se movia devagar ao redor, prometendo nada além de absolvição. Eu só queria ser engolida inteira.

Esse beco não foi onde meus problemas se originaram, apenas aquele em que o homem misterioso havia assumido o controle e “me salvou” com uma arma e despreocupação. Não, meus problemas começaram quando nasci em um mundo que não me queria, quando fui apresentada a uma vida que já me odiava.

Olhei para a câmera de segurança apontada para mim.

Afastei as lágrimas com movimentos furiosos das mãos contra minhas bochechas. Eu não choraria por nada, por ninguém, muito menos por mim. Havia entrado nessa confusão e descobriria uma maneira de sair dela.

Fugindo. Correndo. Essa era a minha única opção. Eles poderiam me encontrar, provavelmente o fariam se eu estivesse sendo honesta, mas eles poderiam me levar daqui agora se quisessem. Pelo menos, não me tornaria uma vítima. Isso me faria uma lutadora, e era assim que eu sobreviveria.

Até que eles me alcançassem, o que, eventualmente, acabariam fazendo.

Esfreguei a mão no rosto, me sentindo muito cansada. Abaixei a cabeça, fechei os olhos e apenas deixei o som da música entrar sempre que a porta da frente era aberta. Minha nuca se arrepiou de repente. Levantei a cabeça e vi grandes botas pretas aparecerem no meu campo de visão. Não conseguia ver o homem com clareza, pois as sombras eram muito espessas, mas por alguma razão inexplicável, sabia que já o havia visto antes.

Aquela noite, no beco. Ele estava com o homem de terno.

Eles eram capazes de machucar, a violência pairava ao redor deles como uma marca, uma promessa. Eles não disseram uma palavra, mas a mensagem chegou em alto e bom som.

E então, ele estendeu a mão para mim. Eu deveria ter me levantado e ido embora. Não precisava de mais problemas, mas estava apenas sentada lá, olhando para ele, me perguntando se era uma tábua de salvação ou uma oferta para me arrastar ainda mais para o inferno.

— Ele quer ver você — o homem falou com voz profunda e rouca. Senti suas palavras me cortando como uma faca enferrujada. Me abrindo, me drenando.

Mas em vez de ir embora, deixando a clara ameaça que eu sabia que ele era, me esperando, me vi segurando sua mão e deixando-o me levantar do chão e seguindo-o enquanto ele me levava mais ainda para a escuridão.



Capítulo Oito

Assim que passei pela porta, soube exatamente onde estava e quem estava sentado à minha frente. Não sabia seu nome, mas sabia que era ele quem estava no beco, aquele que havia apontado a pistola para o idiota que me agrediu.

O escritório estava quente, ou talvez fosse o jeito que ele olhava para mim. Era como se ele pudesse ver bem na minha alma e ameaçasse abocanhá-la e devorá-la se as coisas não corressem do seu jeito.

Ele não disse nada por vários segundos, mas seu silêncio falava muito.

— Aproxime-se — ele disse, ou melhor, ordenou com calma.

Dei um passo à frente.

— Sabe quem eu sou?

Balancei a cabeça.

— Quero dizer... — Engoli em seco depois que disse essas duas palavras.
— Você é o homem que estava no beco, aquele que me salvou.

— Te salvou? — Ele se inclinou para trás na cadeira, seu foco em mim.

Assenti.

— Daquele babaca. — Olhei para os monitores de TV que estavam atrás dele e vi uma série de imagens do interior e exterior do clube. Ele era o cara por trás das câmeras que observava e calculava.

Ouvi a porta atrás de mim fechar com um *clique* final ensurdecador. Agora estava sozinha com esse homem.

Eu estava uma confusão, chorando, magoada e com muito medo a respeito do caminho que minha vida estava tomando, só esperando a próxima tragédia acontecer, quando eu sequer tinha sido capaz de me levantar ainda. Mas aqui estava eu, por alguma razão desconhecida, e não sabia se pedia ajuda ou corria em outra direção.

Senti como se fosse um coelhinho encarando um leão feroz e faminto.

Eu não tinha dúvidas que descobriria em breve. Meu coração disparou, minha cabeça girou com a percepção de que isso era ruim e que eu me colocaria em uma situação perigosa. Vir até aqui não foi inteligente. Essa sensação me atingiu com tanta força quanto meu coração batia no peito.

Eu já estava em uma situação perigosa, que poderia me matar... ou coisa pior.

Foi aquele “coisa pior” que me assustou. A imagem de ser amarrada, espancada, ficar ensanguentada, deixada nua, meu corpo servindo como um vaso para homens que não queriam nada além de se esvaziar em mim. Droga, eu não

tinha certeza se ele faria isso comigo, mas também não era boba, apesar das minhas ações.

Mas esse homem à minha frente parecia diferente, mais calculista e mais perigoso.

— Sou Cameron Ashton — ele falou, inclinando a cabeça para o lado. Seu olhar me tomou como se pudesse ver as profundezas da minha alma. — Você realmente não tem ideia de quem eu sou, apesar de frequentar meu clube durante todo esse tempo. — Ele não disse isso como uma pergunta.

Apenas balancei a cabeça.

Olhei para os monitores novamente, entendendo o que ele dizia e relaxando um pouco.

— Você tem me observado? — sussurrei as palavras, sabendo que minha voz soava acusatória.

— Sim — ele respondeu sem remorso nem vergonha.

Não, eu podia ver que ele era diferente de Ricky, mais organizado e controlado. Provavelmente, ele fazia coisas que se eu soubesse estremeceria, mas também era poderoso em todos os sentidos da palavra.

— Por quê? — Eu não sabia o motivo da pergunta ou por que eu me importava. Mas as palavras saíram por conta própria, se recusando a serem silenciadas.

Ele não me respondeu, apenas me olhou como um falcão prestes a atacar.

Esse homem poderia me ajudar. Ele, que parecia muito mais poderoso do que qualquer um que eu enfrentaria. Não tinha ideia de como sabia disso, ou porque queria seguir por esse caminho, mas não tinha outras opções. As palavras soaram na minha cabeça sem parar. Um grito de ajuda estava parado na ponta da minha língua. Certamente, um homem como ele, alguém que poderia segurar uma arma na cabeça de um estranho, poderia me ajudar.

E você é tola o suficiente para pedir? Não foi assim que você entrou na situação em que se encontra?

Eu podia ver, examinando os olhos escuros e profundos de Cameron, que ele era um homem acostumado a possuir o mundo. E era um mundo feio. Ricky me usaria até não sobrar nada.

Droga de Ricky. Eu nunca deveria ter ido até ele em busca de ajuda. Deus, pobre Marshall.

Foi assim que Davi se sentiu quando enfrentou Golias? A única coisa que eu sabia com certeza era que eu não sairia disso viva. Pedir ajuda a Cameron Ashton era o equivalente a pedir ao demônio que promettesse não me arrastar mais para o inferno.

Eu já estava no inferno. Quanto mais posso entrar nele?

Não dissemos nada, e eu tive a sensação de que poderia ficar aqui o dia todo e ele apenas me observaria, sendo o cretino calculista que eu sentia que era. Não sabia por que ele havia me levado ao seu escritório. Mas presumi que ele soubesse, ou, pelo menos, sentisse que eu estava em apuros. Talvez ele só quisesse transar comigo. Ele estava me vigiando o tempo todo, então aquela sensação de estar sendo observada era mais literal do que eu imaginava.

— Por que você me trouxe até aqui? — Dizer essas palavras, questionar um homem como este parecia quase repugnante, era como se eu estivesse basicamente pedindo para ele me matar.

— Por que você concordou em vir? — Ele perguntou, sua voz ainda calma, completamente controlada.

— Preciso de ajuda. — E as palavras acabaram saindo como água derramada se recusando a ficar no copo. Eu não queria esperar que ele dissesse alguma coisa, que fosse ele a iniciasse o assunto se ele o fizesse.

Ele ainda estava em silêncio. Ainda me observava como se eu tivesse me intrometido em seu tempo, seu espaço, mesmo que ele tivesse me chamado aqui.

— Não tenho outro lugar para ir e suponho que é por isso que você me trouxe até aqui, certo?

— Foi isso que você pensou? — Sua pergunta tinha um tom afiado.

Respirei lentamente, tentando parecer calma, mas eu sabia que estava falhando miseravelmente nisso.

— Não sei o que pensei nem no que pensar.

Ele ergueu uma sobrancelha escura, talvez esperando que eu continuasse ou calasse a boca.

Deus, minha garganta estava tão espessa. Meu coração disparou, minhas mãos tremeram, e eu senti como se estivesse drogada, um pouco acelerada e não tivesse controle sobre o meu corpo.

Como ele não disse mais nada, cerrei a mandíbula, me sentindo tonta, como se pudesse desmaiar. Ele me rejeitaria e me espancaria por ser tão descarada a ponto de pedir ajuda? Por que ele me trouxe aqui? Ele ainda não havia me dito. Será que me ver implorar o faria aceitar me ajudar? E se ele concordasse, o que iria querer em troca?

Ah, você sabe.

Mas eu poderia lidar com sexo violento, mesmo que não tivesse nenhuma experiência com isso. Eu poderia ser quem quer que fosse, o que ele quisesse que eu fosse se isso significasse salvar minha vida.

Não foi até a terra se abrir e o inferno se apresentar que percebi que a minha vida não era descartável. Eu queria viver, queria ser uma pessoa melhor. Queria ver o lado positivo daquilo tudo, ser feliz para sempre. Eu não era tola o

suficiente para pensar que conseguiria alguma coisa daquilo, mas ainda assim eu queria, e estava disposta a fazer qualquer coisa para ter certeza de que continuaria seguindo em frente.

Ficamos daquele jeito pelo que pareceu ser uma eternidade: ele me observando, seu foco calculista, intimidante.

— Você acha que eu estaria interessado em fazer qualquer coisa por você?

Eu não podia negar que estava apavorada só por pedir a ajuda desse homem perigoso. Foi burrice, dado o fato de que eu estava nesse problema por uma situação bem parecida com essa.

— Espero que você possa. — Engoli em seco. — Quero dizer, você tem me observado. Me mandou vir aqui para o meu escritório...

Ele emitiu um som profundo com a garganta, me cortando, me deixando ainda mais tensa, mais assustada.

— O que te faz pensar que eu posso ou que iria te ajudar? — Seu rosto permaneceu uma máscara estoica, uma estátua de pedra. — Talvez eu queira você aqui, te observe e tenha te chamado para o meu escritório porque quero te corromper. — A forma como ele falou, sua voz era como gelo, sem emoção, muito dura e implacável. Eu não tinha dúvidas de que ele estava falando sério.

Eu estava prestes a chorar.

Ele me olhou por um longo segundo.

— Você gritou de desespero e, sinceramente, sou um abutre que quer se alimentar disso.

Meu corpo inteiro ficou rígido, congelado.

— Porque isso seria uma mentira, uma mentira deslavada.

Sua voz era tão profunda e tão pesada que a senti sobre mim, me puxando para baixo como uma corrente e me fazendo implorar pela vida. Abri a boca, mas a fechei na mesma hora. Eu não sabia o que dizer nem como responder. Senti como se tivesse caído em uma armadilha. Mas isso não era um sonho. Era a realidade. Era a minha realidade.

— Me diga por que eu devo fazer qualquer coisa por você que não me beneficie completamente?

— Não sei — falei. Foi a única coisa que consegui dizer naquele momento. Esse homem nem precisava fazer nada para eu ter medo dele.

Sua expressão era estoica e seu rosto era uma máscara dura de indiferença.

Isso era um erro terrível e horrível.

Mas a verdade é que eu já sabia disso. A verdade é que eu já tinha erros suficientes no meu currículo. O que era mais um?

— Eu posso te dar o que você quiser, o que você precisar.

Ele emitiu aquele som no fundo da garganta depois que falei, e eu não sabia

o que fazer com isso.

— Você pode me dar o que eu quiser? — Havia um tom duro em sua voz quando ele olhou para mim. — E o que exatamente você acha que eu quero? — Ele me olhou de cima abaixo. Senti como se ele estivesse me despindo naquele momento, parecia que tinha rasgado as minhas roupas como se fossem papel de seda. Apertei as mãos com força na lateral do corpo, mas nem isso não pôde evitar o tremor que me consumiu.

— Não sei — falei de novo, me sentindo estúpida. *Mostre força* — Não conheço ninguém que possa lidar com o meu problema, que possa tirar esse idiota da minha cola. — Dei um passo para mais perto, mas uma rajada de ar frio que parecia vir de Cameron me parou. — Ele vai fazer coisas comigo que não posso nem pronunciar. — Deus, eu parecia patética. — Posso te oferecer... a mim.

Então talvez você devesse ter sido mais esperta. Talvez você não devesse ter ido até um filho da puta que usa pessoas como papel higiênico.

Se Cameron se importasse, eu poderia imaginar que ele teria dito algo assim. Droga, falei isso para mim mesma muitas vezes. Eu não tinha dito a ele qual era o meu problema em detalhes, não sabia o que esse pagamento implicaria, mesmo que ele concordasse em me ajudar. Mas eu faria qualquer coisa.

— Devo muito dinheiro a um homem, mesmo que nunca tenha gasto um centavo dele. Sei que estão me seguindo. — Passei as mãos sobre as coxas, um hábito nervoso que sempre tive. — Sei que eles vão me machucar antes que eu possa fazer algo a esse respeito, acertar a minha vida... — *Ou tão certa, tão normal quanto poderia ser para mim.* Tremi com o pensamento do que poderiam fazer comigo.

— E você acha que eu sou o tipo de homem que pode fazer um acordo com você, que daria a mínima para o que te acontece? — Sua voz era perspicaz, seu olhar era gélido. — Não acho que você tenha percebido o tipo de homem está na sua frente. — Havia quase um toque de diversão em sua voz. Quase.

Um criminoso?

Um traficante?

Um assassino?

Provavelmente, ele é isso e muito mais. Muito mais.

— Me diga que tipo de homem você é — sussurrei, sem pensar que ele realmente fosse honesto. Achei que o canto dos seus lábios tivesse se curvado, mas isso sumiu antes mesmo que eu pudesse me certificar se era verdade.

— Que tipo de homem você acha que sou? Que tipo de homem você precisaria para ajudá-la a sair da sua situação?

Ele podia ouvir meu coração? Estava batendo com tanta força que chegava a doer.

— Acho que você é pior que eles de um jeito mais frio, então você pode ser mais esperto que qualquer um e qualquer coisa. — Respirei fundo. — Acho que você é o único tipo de homem que pode me ajudar. — Ele não falou nada, mas seu olhar era inabalável. — E espero que você me ajude, porque você quer essa desolação que tenho em mim, esse vazio. — Isso me premiou com um lampejo de emoção em seu rosto, mas desapareceu assim que o vi. — Você o quer porque combina com o seu.

Ele ficou em silêncio. Isso era o pior de tudo.

— Por favor — falei, quase implorando, desesperada. Abri a boca e pedi ajuda. Não havia como voltar atrás. Se ele não me ajudasse, eu estaria largada no riacho sem remo.

Já estou nessa situação.

Droga, prefiro estar morta a pensar no que esses idiotas fariam comigo. Cameron certamente parecia muito pior, muito mais assustador do que com quem eu estava lidando atualmente, e ele só disse poucas palavras para mim, só me olhou, talvez medindo o quanto eu “valia a pena”.

Ele riu, mas não foi bem-humorado, nem cheio de diversão. Era a risada de um homem depravado... talvez do próprio diabo.

— Eu sempre gostei de ouvir implorarem.

Aposto que sim.

Olhei ao redor do escritório dele. Além dos monitores de TV que mostravam todo o clube, a mesa e a cadeira, não havia mais nada. Era como um caixão grande, frio e assustador. Era um lugar para alguém apodrecer no chão, longe de qualquer coisa e de tudo.

Era sombrio como a alma dele, sem dúvida.

Eu não tinha nada de real valor para oferecer — esse era o meu problema, e como eu tinha entrado nessa merda de tempestade para começar. Mas um homem queria uma coisa, e era algo que eu tinha, algo que eu poderia dar em troca da sua ajuda. Se ele aceitaria ou não, se consideraria digno do seu tempo, isso ele determinaria.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Cameron começou a tamborilar com os dedos na mesa, seu foco em mim, como se eu estivesse interferindo em seu tempo, apesar do fato de que ele me convidou para vir até aqui. Me remexi, me sentindo muito vulnerável neste momento. Eu podia ver sua mente trabalhando, e o que quer que ele estivesse pensando não poderia ser bom.

Dei um passo para mais perto e vi algo diabólico aparecer em seus olhos. Eu não estava usando nada sexy, mas não precisava mostrar a pele para chamar a

atenção de um cara. A maneira como ele tocou meu corpo com só com o olhar me disse tudo que eu precisava saber.

Sim, todos os homens queriam alguma coisa, mas eu tinha certeza de que havia algo que um homem como Cameron poderia apreciar... nada a perder.

— Me diga seu nome.

— Sofia Mikellson — respondi. Minha voz vacilou, apesar da luta interna desesperada para manter a calma.

— Sofia. — A forma como ele disse meu nome, o jeito com que deslizou por sua língua não deveria ter me feito arrepiar, não deveria ter feito meu corpo tensionar. Ele disse com aquele tom sombrio na voz que deveria ter me deixado apavorada.

Foi o que aconteceu.

— Você não está nessa situação por ter pedido ajuda?

Era como se ele tivesse lido minha mente, suas palavras eram um toque quente pelo meu corpo.

— Sim — eu sussurrei, sem me incomodar em mentir.

Ou talvez eu estivesse tentando sair de uma situação ruim indo para uma pior ainda e eu poderia me dar muito mal.

Eu poderia ser escrava dos seus desejos, uma submissa ao seu domínio. Poderia ser sua vítima pessoal. Se isso significasse que eu continuaria viva, que fosse. Eu poderia ser quem ou o que ele quisesse.

Pareceu uma eternidade antes que ele finalmente se movesse, antes de finalmente falar.

Ele se inclinou para frente, colocou os antebraços na mesa com uma expressão intensa.

— Você precisa da minha ajuda e o pagamento que eu quero em troca é o seu corpo... para ser usado do jeito que eu achar conveniente, por duas semanas.

— E então ele sorriu. Era misterioso e perigoso, e não deveria ter me feito sentir nada além de auto-aversão. — Você será minha, Sofia. Do. Jeito. Que. Eu. Quiser.

Respirei de forma dura.

— Sim. Tudo bem.

E assim foi. Acabei de me vender para o diabo.



Capítulo Nove

Senti como se uma eternidade tivesse passado desde que falei com Cameron, contei meus problemas a ele... e pedi sua ajuda. Mas, na realidade, foram só alguns dias.

Horas, segundos, minutos me perguntando o que aconteceria, quando aconteceria. Será que ele assustaria Ricky, usaria sua influência, seja lá o que isso significasse, e o faria me deixar em paz? Ele o mataria?

Não ouvi nada dele a esse respeito e, apesar de Ricky não ter me incomodado, senti alguém me observando. Jurei ter visto um carro me seguir, o mesmo SUV escuro que vi quando fui procurar Marshall. Talvez fosse apenas nervosismo ou minha paranoia que não me deixava em paz e me deixava para baixo. Mas mesmo que fosse, eu não conseguia me livrar disso. Não pude deixar de lado ou esquecer, não importava o quanto eu quisesse.

Você deveria apenas sair e se arriscar.

Sim, era mais fácil falar do que fazer. Eu não tinha dinheiro — nenhum que eu ousasse usar, de qualquer forma. E mesmo se eu saísse, para onde iria? Para quem iria correr? E eu tinha a sensação de que Ricky me encontraria. Como eu também não havia tido notícias de Cameron, não podia garantir que ele ainda me ajudaria. Mas não achei que ele tivesse esquecido nosso acordo.

Sabia que não tinha.

Claro, ele queria o meu corpo como pagamento, mas não me deu nenhum prazo, nem pediu detalhes sobre o que eu estava passando com Ricky. Tudo o que ele sabia era a situação genérica que eu havia explicado.

Mas Cameron não parecia o tipo de homem que vai contra sua palavra.

E isso me assustava pra caramba.

Senti minhas pálpebras ficarem pesadas, mas sabia que não conseguiria dormir. Estava exausta, mas muito nervosa e preocupada com a vida, com a situação que estava me desgastando tanto a ponto de não conseguir nem respirar. Estava me afogando e não havia colete salva-vidas nem ninguém que me tirasse do fundo do poço e me salvasse.

Me mexi, virei de costas e olhei para o teto. A mancha à minha direita era de um vazamento no apartamento de cima e o círculo marrom ainda se espalhava. Olhei para ela, traçando suas bordas com o olhar. O lugar estava prestes a desabar sobre mim a qualquer momento, extinguindo a minha vida como se isso não significasse nada.

E talvez não significasse. Talvez, no fim das contas, eu estava só tentando

fingir que poderia sobreviver.

Expirei, sem querer que meus pensamentos seguissem por caminhos sombrios.

Eu era de Cameron. Ele me ajudaria, me tiraria da situação com Ricky, mas o custo, o pagamento que eu faria a ele seria muito mais alto. Isso acabaria comigo, corromperia minha alma. Fechei os olhos, mas sabia que o sono não viria. Minha mente estava acelerada, meus pensamentos me consumiam.

Me senti relaxar na porcaria da cama em que eu estava. Provavelmente, aquele colchão já devia ter visto mais bundas e coisas nojentas do que eu gostaria de pensar.

E então ouvi um barulho suave vindo da sala de estar. Foi um clique, um pequeno tique-taque que pareceu muito alto e ameaçador.

Me sentei, esticando a mão até o chão na lateral da cama sem tirar os olhos da porta do quarto. Estava entreaberta, e o pensamento de que talvez eu devesse tê-la fechado me veio à mente. Mas isso não teria feito diferença. Não havia fechadura na porta do meu quarto e se alguém quisesse entrar, bastaria bater com o ombro para que a porta velha e frágil se abrisse.

Senti a ponta do bastão encostar na minha mão e envolvi os dedos ao redor dela. Me movendo devagar e tentando ficar em silêncio, levantei-o. Empurrei o cobertor para o lado, mexi as pernas até a borda da cama e quando o colchão rangeu, fiz uma careta. Meu coração parecia ter parado de bater, minha respiração estava presa e eu olhei para a porta. Esperava que alguém aparecesse naquele momento, mas o silêncio se estendeu. Eu não era idiota para pensar que tinha imaginado o barulho, não neste prédio e muito menos não na situação em que eu estava com Ricky.

Me movi mais um centímetro na cama, ouvindo aquela porcaria de colchão ranger de novo. Eu estava imóvel, minha boca estava tensa e seca. E então a porta do quarto se abriu, alguém a chutou com tanta força que ela bateu contra a parede e a maçaneta esmagou o gesso. Gritei instintivamente e caí de joelhos. Ainda estava com o taco de beisebol na mão, a madeira parecia esquentar sob o meu aperto. Me esforcei para levantar, porque estar nessa posição submissa não seria bom para mim, só me tornaria mais vítima do que eu já era.

Mas alguém agarrou meu cabelo e me puxou para cima. O bastão foi arrancado das minhas mãos e vi botas arranhadas no meu campo de visão. Minha cabeça estava inclinada para trás e lágrimas se formavam em meus olhos. A dor me contorcendo.

— Brad, não há necessidade de arrastar a mercadoria.

O homem me jogou para o meio do quarto, e eu caí de quatro com força. Tentei me levantar, mas uma mão no meu ombro me manteve no chão. Eu me

virei e olhei nos olhos do homem que eu esperava nunca mais ver.

Ricky.

— Sei que estou adiantado para receber o pagamento, mas decidi que ganharia mais se o pagamento fosse você. — Ele sorriu e era uma visão depravada, um sorriso que me dizia que ele iria me arruinar, que acabaria comigo.

Mas eu ainda estaria viva, sofrendo, desejando a morte, porque minha vida não seria nada mais que um depósito para o prazer de outro.

— Preciso de mais tempo — falei, sabendo que não faria diferença, sabendo que o acordo era para que Cameron lidasse com isso. Mas eu me apeguei a qualquer coisa.

— Não sou bom em dar tempo, baby. — Ele deu um passo para mais perto, e eu prendi a respiração, observando-o. — E vamos ser honestos. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Você não ia me pagar. Nem podia. No momento em que você entrou no meu local de trabalho, pensou que eu ia deixar você se livrar disso. — Ele sorriu novamente. — Você sabia — ele se agachou —, no momento em que o dinheiro tocou seus dedos, sabia que seu corpo seria usado de maneiras que você nunca imaginou ser possível. No fundo, não havia dúvida de que você seria fodida com tanta força que a única coisa que você saberia com certeza é que estaria chorando. — Ele se levantou novamente, olhou ao redor do apartamento e suspirou. — Que grande merda. Eu vou te fazer um favor.

Minhas mãos estavam tremendo e meus pensamentos giravam enquanto tentava pensar em como sair disso. Eu sabia que se aceitasse, estaria acabado. Eu estaria acabada. Quando Ricky se agachou na minha frente e se inclinou na direção do meu rosto, fechei a mão com força e o ataquei. Bati em seu rosto e quando ele cambaleou para trás, eu me levantei e corri para a porta. Mas o cara que ele trouxe me alcançou antes que eu chegasse à saída. Ele me jogou de volta para dentro do apartamento e minha cabeça bateu no chão.

— Você é uma vadia corajosa, eu reconheço — Ricky falou.

Me levantei o máximo que pude, a dor na cabeça refletindo em todo o meu corpo.

Ricky esfregou a mandíbula e o sorriso em seu rosto me disse que gostou do fato que eu tivesse batido nele... que ele daria o troco em breve.

— Tenho uns caras que vão pagar muito dinheiro para você lutar contra eles.

Minha coluna se arrepiou.

Ele estendeu a mão para mim novamente, mas a porta da frente se abriu. Não havia força no movimento, nenhuma madeira se estilhaçando e nada de violência. Era alguém que não precisava fazer uma exibição, que não precisava

deixar que os outros soubessem de sua ameaça. Senti isso quando o ar frio invadiu o apartamento e os dois homens ao meu redor se viraram.

E lá estava Cameron com outro homem, que assumi ser seu capanga.

Antes que alguém pudesse se mexer, Damien levantou o braço e disparou um tiro que fez o cara que Ricky trouxe cair no chão. O disparo não fez barulho, pois o silenciador abafou aquela violência, tornando-a quase gentil.

Eu não conseguia me mexer, nem conseguia respirar. Se Cameron não tivesse aparecido naquele momento exato — de novo — eu sabia que teria sido arrastada e usada para gratificação sexual de homens estranhos.

Mas ele estar aqui na hora certa não poderia ter sido uma coincidência. Ele estava me vigiando? Estava esperando até aquele momento para aparecer e reivindicar o que eu tinha oferecido, acabando com o meu problema?

— Como você sabia? — perguntei, sabendo que eu deveria ter mantido a boca fechada. Mas as palavras saíram por conta própria, como se também precisassem de uma fuga.

Ele não demonstrou nenhuma emoção enquanto me olhava. Nem respondeu. Eu era sua propriedade, então, com certeza, ficaria de olho em mim.

De qualquer forma, eu não podia sentir nada além de alívio feroz, porque o que Ricky havia planejado faria a morte parecer um presente.

Damien se aproximou de Ricky, colocou a arma na testa do homem, mas não puxou o gatilho.

— De joelhos — foi tudo o que ele disse.

Eu não sabia se esperava que Ricky revidasse, mas estava claro que ele era, pelo menos, esperto o bastante — ou talvez estivesse muito apavorado — para saber que esses homens não deviam ser contrariados.

Ele ficou de joelhos rapidamente.

Cameron também se aproximou de Ricky, o ar esquentando de repente e a sensação de sufocamento intensa. Cameron acenou com a cabeça e Damien guardou sua arma antes de começar a bater em Ricky. Vários socos atingiram o homem, seu rosto ficando ensanguentado e inchado, como carne recentemente amaciada.

Eu ofeguei.

— Já chega, Damien — Cameron disse depois do que pareceram horas.

Embora eu não tivesse dúvidas de que Cameron poderia se defender e poderia ser bastante violento, ele usou Damien para isso, para ser os seus punhos e a sua raiva.

Damien puxou Ricky para que ficasse de pé novamente. O homem cambaleava, claramente com dificuldade em manter o equilíbrio. Os sons que vieram dele eram ofegantes, molhados... cheios de sangue.

Olhei para Cameron e Damien — seu capanga, seu assassino. O homem parecia estoico, indiferente, como se não desse a mínima para o que estava acontecendo. Ele tinha acabado de bater em Ricky como se isso fosse uma ocorrência diária.

Sua garota estúpida. É uma ocorrência diária. Esses homens são perigosos, muito mais perigosos do que o que você estava enfrentando. Você ficará arruinada, acabada, uma casca do que era ou poderia ser.

E eu me coloquei nessa situação, mas implorei a Cameron para me ajudar. *Você concordou em fazer qualquer coisa.*

Olhei para as mãos de Damien. Seus dedos estavam machucados e o sangue de Ricky os cobria. Ele estava de braços cruzados e com uma expressão de violência no rosto. Ele era um homem que se sentia confortável com a morte e com matar.

Assim como Cameron... o homem que agora era dono do meu corpo.

Ele estava contido, calmo, mas eu podia ver a raiva fervendo logo abaixo da superfície. Ele usava um terno. O tecido escuro moldava seu corpo forte e rígido. A camisa branca por baixo do paletó tinha os primeiros botões abertos, as tatuagens no peito e pescoço eram um forte contraste com o tecido de cor clara.

Meu coração batia descontroladamente e senti que poderia desmaiar.

Seu cabelo escuro era curto, cortado rente à cabeça, estilizado como se ele não desse a mínima. E eu sabia que não dava, porque um homem como ele se importava apenas com o que poderia ganhar ou possuir. Ele não teria chegado onde estava nesta vida nem *no inferno* se importando com ninguém além de si mesmo.

Então observei quando Cameron carregou a própria arma. A violência misteriosa girando ao seu redor, apesar da aura composta que mantinha. Ele engatilhou a arma, mantendo o olhar fixo em mim. Não havia nenhuma emoção, nem qualquer sentimento enquanto fazia aquilo.

— Ele andou te machucando — Cameron falou com naturalidade. — Estava te machucando agora. — Eu não conseguia me mexer, nem podia me levantar do chão ou dizer algo a respeito. Era escrava das minhas emoções... e seria escrava de Cameron quando tudo isso fosse dito e feito.

Abri a boca, talvez para dizer alguma coisa, mas as palavras falharam e o ar se tornou mais espesso. Eu estava suando e o meu cabelo estava grudado nas laterais da cabeça. Havia gotas de suor pontuando o vale entre meus seios.

— Quer acabar com o seu problema? — Cameron perguntou.

Eu estava paralisada, incapaz de pensar de forma coerente no momento.

— Você quer se livrar dessa dor, desse pesadelo?

Ainda não conseguia falar. Olhei para Ricky. Ele me observou, estava com

um olho inchado e tinha sangue cobrindo seu rosto. Não parecia forte agora. Sabia que estava acabado e que estaria morto antes que a noite terminasse. Eu também sabia disso. Também não dava a mínima. Ele merecia. Ricky sabia quem e o que ele estava enfrentando e sabia que este era o fim da estrada para ele.

Talvez isso também me tornasse um monstro, porque eu não me importava. Queria que ele sofresse, que sentisse medo.

— Sofia — Cameron disse meu nome com suavidade, insistindo naquela voz profunda e dominante.

— Sim — sussurrei. Minha voz era vazia, assim como a minha alma. Eu me virei e enfrentei o homem que havia entrado ali como o próprio demônio. Mas não fui eu quem procurou por isso?

— Fale. Me peça por isso. — A voz de Cameron era estranhamente forte e contida.

Eu olhei para Ricky novamente: um homem que teria feito coisas horríveis comigo, que tentaria descartar minha humanidade. Eu não deveria sentir nada. Deveria querer que ele sofresse tanto quanto planejou me machucar, usando minha fraqueza para beneficiá-lo.

— Me peça para acabar com o seu problema. — A voz de Cameron era baixa e um pouco sedutora. Olhei para ele de novo, sentindo como se estivesse perdida no oceano.

Cameron era poderoso e queria exercer esse poder, queria que eu ficasse de joelhos enquanto ele me mostrava o que poderia fazer — figurativa e literalmente — o que poderia resolver. Eu estava à sua mercê, assim como Ricky. E uma parte de mim sabia que uma vez que eu dissesse as palavras, tudo mudaria. Assim que eu dissesse a Cameron o que eu queria, que desejava que Ricky fosse morto, a vida que eu conhecia, ainda que fosse uma porcaria, se transformaria em outra coisa.

Eu seria o epítome da escuridão, envolvendo-a, porque eu havia tido o poder de decisão sobre uma vida nas mãos e a tinha extinguido.

— Quero que o meu problema seja resolvido. — As palavras que saíram de mim eram frias e imparciais... assim como a minha alma naquele exato momento. Vi o jeito que o lábio de Cameron se ergueu, aquele sorriso cínico e sádico entrando em cena. Ele teria matado Ricky sem o meu pedido, sem que eu precisasse implorar. Mas ali, naquele momento, me fazendo pedir, ele estava me mostrando o controle que tinha sobre mim.

Era a promessa do que estava por vir quando estivéssemos sozinhos e eu tivesse que pagar minhas dívidas.

— Diga — Cameron falou novamente, mais forte desta vez.

Engoli em seco, fechei as mãos e disse as palavras que mudariam a pessoa que eu pensava que era.

— Eu o quero morto.

Aconteceu em câmera lenta. O mundo rebobinou, o ar foi sugado para fora da sala. Cameron levantou a mão, segurou firme na arma, seu corpo pareceu ainda mais firme e mais tenso. Ricky suplicou, implorou. Ele chorou e tremeu de um jeito incontrolável. Não importava, porque seu destino já havia sido traçado.

Ele sentindo-se sentia como eu, com sua vida estando nas mãos de outra pessoa. Isso era bom.

E então o som da arma disparando me preencheu e me envolveu. Ecoou em minha cabeça, me sacudindo por inteiro, agitando tudo dentro de mim. Um calor escorreu em mim, parecendo se infiltrar *em mim*.

Sangue. Líquido que sustenta a vida quente e viscoso cobria meu rosto e peito. Eu estava imóvel, meu corpo entorpecido. A sensação daquele líquido pingando do meu queixo, das pontas do meu cabelo e no chão me atordoava tanto quanto me enojava e me agradava. Olhei para baixo, sentindo um zumbido nos ouvidos, uma vibração começando no fundo da do estômago. Olhei para Ricky, que agora estava deitado no chão a poucos metros de mim, a bala havia atravessado o meio da testa.

Assim como o amigo dele.

— Olhe para mim, Sofia.

Sentia o zumbido na minha cabeça e uma espécie de tambor de guerra no meu peito.

— Olhe para mim — Cameron falou, com mais firmeza desta vez, me ordenando a obedecer.

Lentamente, mudei o foco de Ricky e olhei para Cameron. Ele usava uma máscara de indiferença. Ele enfiou a arma na parte de trás da cintura e estendeu a mão para mim, mas senti como se fosse vomitar, como se tudo estivesse girando fora de controle.

Era isso o que você queria, o que sabia que aconteceria.

Olhei para a mão dele, sentindo lágrimas escorrendo pelo meu rosto — ou talvez fosse o sangue de Ricky.

— Segure a minha mão — ele falou, sua voz soando sem qualquer hesitação. Olhei novamente para Ricky e seu capanga e senti minha garganta se fechando. Achei que fosse desmaiar.

E então eu senti alguém me ajudar. Senti mãos fortes sob meus braços me levantando como se eu não pesasse nada. O cheiro de Cameron me encheu: misterioso, inebriante e poderoso. Inclinei a cabeça para trás e olhei para ele. O que ele viu quando me olhou? Uma garota arrasada que não tinha mais nada a

perder?

E quando ele levantou a mão, me senti recuar. Não achei que ele me machucaria, mas depois do que havia acabado de acontecer, meu corpo estava na defensiva. Vi sua mandíbula se apertar, imaginando que emoção ele estava experimentando. Será que um homem como ele sentia alguma coisa? Ele sentia calor, tristeza, arrependimento ou medo?

Não.

Não, um homem como ele só se importava com poder, em despertar medo nos outros.

— O Damien vai eliminar os corpos.

Minha cabeça girava e meu corpo estava no piloto automático enquanto Damien liderava o caminho. Quando descemos as escadas do meu prédio, me virei e olhei para a porta do meu apartamento. Eu sabia que nunca mais voltaria. Mesmo depois que as duas semanas terminassem, eu não poderia voltar. O dinheiro ainda estava escondido, talvez para sempre. Ou talvez fosse embora, perdido como eu me sentia agora.

— O dinheiro. Minhas coisas — murmurei.

— Todas as suas necessidades serão atendidas. — A voz de Cameron era baixa, ditas apenas para que eu pudesse ouvir.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, estava do lado de fora, sentindo o ar mais frio do que deveria. E lá, parado bem na minha frente, estava aquele SUV escuro que via me seguindo pela cidade. Eu teria pensado que era de Ricky, mas quando Cameron abriu a porta de trás e me conduziu para dentro, entendi. Uma vez lá dentro, olhei para Cameron sem saber o que dizer ou o que fazer. Mas antes que eu pudesse pronunciar qualquer palavra, ele se aproximou. Cada parte minha estava em estado de choque, imóvel neste assento.

— Você tem me seguido — falei. Minha voz era vazia, todo o meu corpo, mente e alma congelados.

— Sim — Cameron respondeu sem remorso, sem qualquer fragmento de emoção.

— Por quê? — Ele me viu pela primeira vez no beco. Sentiu pena de mim ou quis me machucar como Ricky? Mas quando esse pensamento passou pela minha cabeça, eu sabia que não era o caso. Ele poderia ter feito muito pior do que Ricky, poderia ter se negado a me ajudar se quisesse me prejudicar.

Ele me olhou com aquela expressão indiferente no rosto.

— Você me intriga.

Eu o intrigava? Como algum tipo de animal de estimação, ele viu da janela e quis levar para casa? *Era isso o que eu era para ele agora, seu animal de estimação, seu brinquedo. Ele sabe a meu respeito, tem me seguido desde antes*

de eu entrar em seu escritório, desde antes de eu ter implorado por ajuda.

Eu não sabia o que fazer com isso, nem se deveria me incomodar. Isso realmente importava a longo prazo?

Ele estendeu a mão e passou o polegar pela minha bochecha, sem dúvida espalhando o sangue que me cobria, pintando minha pele com o que a minha vida era agora.

— Você nunca pareceu mais bonita para mim do que neste momento, com a realidade da qual que você se meteu estampada em seu rosto. — Sua voz era profunda e imponente. Ele moveu o polegar até a minha boca, pintando meus lábios com a violência que nos cercava, com o sangue do homem que teria me destruído. — Eu vou te abrir para o meu mundo, garotinha. — Ele abaixou a cabeça e então estávamos respirando o mesmo ar. — Vou mostrar a você o que significa ser propriedade do próprio diabo.



Capítulo Dez

O caminho para onde Cameron estava me levando foi feito em silêncio. Os únicos sons que deixei entrar foram o movimento do carro avançando e a rajada do vento que entrava por uma abertura na janela quando apertei o botão e a abri. Eu não precisava dessa corrente de ar, nem fazer parecer que eu estava fugindo, mesmo que estivesse. Eu queria que algo abafasse o barulho dentro de mim, a confusão e os gritos que estavam me deixando louca.

Não sei por quanto tempo ficamos no carro, mas foram horas. Eu estava perdida em meus próprios pensamentos, mas estava ciente o suficiente do que me cercava para saber que estávamos indo para longe. Talvez isso fosse melhor. Talvez deixar o horror do meu mundo fosse o que eu precisava. Estava cansada, mas não consegui dormir, não podia permitir que essa liberdade me levasse, mesmo que por pouco tempo.

Estava escuro e tarde quando saímos do meu apartamento, mas agora o sol estava começando a nascer. O céu estava pintado de um tom rosado, talvez prometendo um novo começo. Mas a quem eu estava enganando? Não teria um recomeço em qualquer lugar. Eu tinha um futuro que seria estabelecido, planejado e esperado.

Cameron controlaria tudo e por mais que eu odiasse isso e, instintivamente, quisesse lutar contra, uma parte de mim deu boas-vindas a isso. Um lado meu que não queria pensar ou lidar com nada, nem comigo mesma. Uma parte de mim que aceitaria se submeter a ele.

O carro começou a desacelerar. Me virei e olhei pela janela de Cameron. Eu podia vê-lo me olhando com o canto dos olhos, mas não ia olhá-lo, não daria esse poder a ele ainda. Quando o veículo parou completamente, olhei para a casa enorme à nossa frente. Ainda sentia Cameron me observando, talvez avaliando o que eu pensava ou como me sentia. Agora eu estava só entorpecida.

— Bem-vinda ao seu lar pelas próximas duas semanas.

Olhei para ele, sua voz profunda me fazendo sentir como se eu estivesse em um fio e houvesse chamadas ameaçando me atingir lá em baixo.

A porta de trás se abriu e uma rajada de vento soprou, mexendo meu cabelo sobre os ombros e me fazendo sentir o cheiro de sangue, aquele cheiro metálico que me deixou passando mal e pensando sobre o que ficou para trás. Cameron saiu do carro primeiro, mas fiquei sentada lá, sem saber o que dizer e como me mover.

Eu estava imóvel, minha mente girava e meus pensamentos se misturavam.

Cameron se inclinou para frente, apoiando a mão na porta e focando diretamente em mim.

— Quanto mais cedo você entrar, mais rápido se acostumará com a situação.

A voz dele era suave, talvez até mesmo persuasiva. Eu não era idiota em pensar que ele seria gentil ou que me daria tempo. Não era burra o suficiente para pensar que ele se importava com os meus sentimentos.

Claro que não tive escolha. Eu tinha concordado em ser dele se ele me salvasse. Ele cumpriu a sua parte do negócio e agora era a minha vez. No fim das contas, estendi a mão, peguei a dele e permiti que ele me ajudasse a sair do SUV. Eu continuaria com o combinado. Mas o que mais me assustou foi o fato de que o medo não era a única coisa que eu sentia.

Excitação queimava profundamente dentro de mim também.

Não tive muito tempo para observar a casa uma vez que estava fora do veículo. Era grande, com enormes pilares brancos na entrada, a iluminação apontava para as portas duplas da frente, e as janelas grandes tinham desenhos de filigrana cobrindo o vidro. Era uma prisão extraordinária e elaborada, destinada a manter os outros de fora, talvez até manter pessoas lá dentro. Notei vários homens parados perto da casa e sabia que, provavelmente, havia mais deles escondidos nas sombras. Não sabia muito sobre Cameron. Na verdade, não sabia nada, mas tive a sensação de que aprenderia muito sobre ele durante o tempo que passaria aqui.

Entramos na casa e um homem de terno escuro cumprimentou Cameron. Eles falaram baixo, muito baixo para que eu pudesse ouvir o que estava sendo dito, mas ainda assim, eu estava muito focada no ambiente. Granito escuro, madeira de lei e um lustre de cristal compunham o hall de entrada.

Havia uma escada à nossa frente. Era uma daquelas que eu tinha visto em *E o vento levou*. Começava nas laterais, se curvava para cima e se ramificava em direções opostas. Eu nunca estive perto de coisas tão suntuosas, como gosto e extensão.

Me virei, ofegando de leve quando percebi que Damien estava bem atrás de mim. Seus olhos escuros e indiferença me deixaram no limite. Esse homem era perigoso, isso estava claro. Ele podia não demonstrar emoções, nem mesmo experimentá-las, mas era muito leal a Cameron.

Era essa lealdade que o tornava um homem violento, disposto a fazer tudo e qualquer coisa para garantir que a situação fosse exatamente como deveria. Isso serviria muito bem para que ele garantisse que eu me mantivesse na linha, mesmo que eu não tivesse planos de dificultar as coisas. Depois de duas semanas, eu seguiria em frente, viveria minha vida ou pelo menos tentaria.

Damien permaneceu em silêncio, sua calma e postura rígida me fazendo gelar. As tatuagens que eu podia ver e subiam pelo seu pescoço, o faziam parecer ainda mais imponente e ameaçador. Não era de admirar que Cameron o mantivesse por perto. Este homem era a personificação do perigo.

— Por aqui — Cameron disse com voz profunda e suave. Desviei o olhar de Damien e segui Cameron pelas escadas, o tapete sob a madeira deixando meus passos leves e silenciosos. Esta casa era enorme e percebi a falta de calor. Não, isso não era um lar. Era um lugar onde Cameron ficava.

Continuamos por um corredor comprido, as poucas pinturas que vi pareciam sombrias e carregadas, deprimentes e assustadoras. Alguns pássaros vermelhos e pretos, retorcidos e com os bicos abertos, gritando. Eu me sentia como aqueles pássaros, como aquelas pinturas. Eu estava presa, meu mundo parecendo desolador e superficial.

Eu não tinha como escapar, não só porque agora estava com Cameron, mas porque o meu mundo antes dele havia sido um beco sem saída. Estive presa em minha própria roda e fiquei rodando sem parar até que aquilo fosse a única coisa que eu soubesse fazer.

Por fim, ele parou em um conjunto de portas de madeira escura e polida de a fibra vertical. Seu brilho quase cegava. Quando Cameron as abriu, acendeu a luz e deu um passo para o lado, não hesitei em entrar, já que precisava aceitar isso de braços abertos.

Braços abertos? A quem estou enganando? Estou aceitando isso ajoelhada, de quatro, rastejando, me submetendo e implorando para a resposta chegar.

E viria, de alguma forma. E seria Cameron dizendo as palavras para mim, me dizendo o que o futuro reservava.

Afastei todos os pensamentos da minha cabeça. Administraria esse problema mantendo a mente em branco, era assim que manteria minha sanidade.

O quarto era grande e a cama à minha esquerda bastante imponente. Madeira era escura, as luminárias e tudo mais me diziam que aquele era um quarto sem calor e sem vida. As cortinas estavam parcialmente abertas, mas eu não conseguia enxergar do lado de fora, não com a pouca quantidade de luz que vinha do nascer do sol. Olhei para o meu reflexo que estava distante e embaçado. Era como eu me sentia por dentro também.

Cameron fechou a porta. O clique ressoou como se estivesse selando o meu destino, como uma gota de cera em um envelope. Eu o observei, sua musculatura se avolumou sob o terno caro. As tatuagens aparecendo no punho e o colarinho eram as únicas indicações do monstro que estava sob toda aquela elegância.

— Você vai dormir aqui comigo. — Sua postura dizia que ele não estava disposto a abrir mão disso, que ele não me daria outra alternativa. — O banheiro

fica ali — disse e apontou para uma porta parcialmente fechada à direita. — Roupas do seu tamanho já estão na cômoda e no armário. Você vai tomar banho, comer e depois dormir.

Ele não iria começar com aquilo agora? Não acabaria comigo antes mesmo do sol nascer completamente? Vi o jeito que ele arqueou a sobrancelha. Será que deixei transparecer o que estava pensando? Ou eu havia dito essas palavras em voz alta?

— Eu não sou um bom homem, Sofia, mas não serei um cretino... não num primeiro momento. Agora vá tomar banho. As roupas e a comida estarão aqui quando você terminar. Tenho trabalho a fazer, então você vai ter que comer e dormir sozinha a primeira vez... — Ele se aproximou de mim, e juro que meu coração pulou na garganta, tentando me sufocar, me estrangular. — Mas pelas próximas duas semanas, Sofia... — Ele estendeu a mão e segurou meu queixo, inclinando a cabeça para trás e me forçando a olhar em seus olhos escuros e profundos. — Nas próximas duas semanas você será minha. — Senti seu polegar sobre o meu queixo. — Quando eu terminar com você, andar vai parecer impossível.

Embora eu soubesse que ele não seria bom comigo, eu só esperava sair dessa viva, esperava que eu ainda estivesse respirando no sentido literal.



Capítulo Onze

Por um momento, por apenas um segundo, não soube onde estava, só por pouco tempo, não tinha preocupações nem aflições. Foi aquele momento antes da consciência, logo antes que a luz começasse a surgir e eu me lembrasse da realidade, quando passei por aquele sentimento agradável. Aquele instante antes de estar totalmente acordada.

Foi assim que me senti na primeira vez que acordei na cama de Cameron, cercada por suas coisas e sentindo o seu cheiro no ar.

Me estiquei e senti o lençol se movendo ao longo do meu corpo, a seda da camisola que encontrei na cômoda depois que saí do banho era muito macia. Tudo o que ele me deu, cada coisa, cada peça de roupa parecia íntima, escolhida a dedo por ele. Embora isso não tenha sido o caso. Tenho certeza de que alguém fez isso, que ele pagou para que escolhessem as camisolas, os sutiãs, as calcinhas e as centenas de outras roupas que enchiam as gavetas e prateleiras.

Mas pensar em Cameron tocando essas coisas, escolhendo-as apenas para mim, querendo me ver nelas, arrancá-las do meu corpo, deixava todas as partes do meu corpo em chamas. Ouvi uma batida na porta antes de ser aberta. Puxei o lençol sobre o peito e me levantei. Uma mulher mais velha entrou usando roupa de empregada. Seus cabelos grisalhos estavam presos em um coque apertado na nuca e os lençóis limpos que ela tinha na mão eram totalmente brancos.

Ela colocou os lençóis no armário e se virou para mim.

— Você precisa de ajuda para se preparar antes do café da manhã?

Apertei os lençóis que eu segurava.

— Ajuda? — Desde que cheguei aqui, eu estava tão exausta que tinha dormido o dia todo. Ter pessoas me esperando, interagindo comigo e a possibilidade de elas realmente saberem porque eu estava aqui era demais. — Eu mesma posso me preparar.

Ela assentiu.

— O café da manhã será servido no andar de baixo. O sr. Ashton já está esperando por você. — Em seguida, ela me deixou sozinha e eu relaxei. Isso tudo era tão esquisito por si só, mas perceber que havia pessoas aqui, sabendo e ouvindo o que aconteceria provocava um sentimento estranho que me consumia.

Olhei para o lugar ao meu lado e passei a mão sobre o lençol e o edredom perfeitamente arrumados. Estava frio ao toque, me deixando saber que Cameron não esteve aqui a noite toda. Isso me confundiu, mas também me agradou. Era como se aquele peso fosse tirado de mim, mesmo que uma parte minha o

quisesse.

Esperei até a empregada sair antes de me levantar da cama e me ir ao banheiro. Uma vez que eu estava vestida, me olhando e esfregando a renda do vestido por entre os dedos, finalmente respirei fundo. Este era o primeiro dia do resto da minha vida, certo? Ou, pelo menos, da minha vida pelos próximos quatorze dias.

Abri a porta do quarto e fiquei ali por um segundo ouvindo e observando. O andar de cima estava quieto, as paredes misteriosas e a decoração igualmente sinistra fazendo as coisas parecerem frias.

Quanto antes você fizer isso, mais rápido verá como as coisas vão acontecer.

Mais rápido isso estará terminado.

Me preparando mentalmente e tentando criar coragem, entrei no corredor e fechei a porta atrás de mim. Minhas mãos estavam suando e a minha boca seca. Me obriguei a andar e a ser forte. Eu fiz este acordo e precisava passar por isso. Quando vi aquela pintura de pássaro preto com olhos tão escuros, ainda parecendo olhar direto para a minha alma, um arrepio percorreu minha espinha.

Não sei quanto tempo fiquei ali, as cores escuras se misturando, o bico aberto, o choro silencioso, mas pude ouvir na minha cabeça. Eu me virei e desci as escadas, supondo que saberia onde era a sala de jantar que deveria me encontrar com Cameron. Tudo estava tão parado, tão... sem vida.

Quando finalmente encontrei o local, vi que as largas portas duplas eram totalmente entalhadas, talvez em uma tentativa de suavizá-la e de fazer com que parecessem delicadas. Mas isso não deu certo ou, talvez, fosse porque o dono deste lugar era frio como gelo e inquebrável como granito.

Ele não me olhou quando entrei, mas eu também não achei que ele o faria. Estava junto dele há pouco tempo, mas o suficiente para saber que ele era o tipo de homem que se fazia tudo no seu próprio ritmo. Ele não parava o que estava fazendo por ninguém.

Uma porta lateral se abriu, e eu vislumbrei a cozinha. Vários criados entraram com bandejas de prata nas mãos e focados em qualquer coisa que não fosse o homem na cabeceira da mesa. Levei um segundo para olhar ao redor, observando as janelas que cobriam uma parede inteira, do chão ao teto. e a decoração com detalhes escuros juntamente com frieza que eu sentia ao meu redor. Ainda estava em pé quando os criados foram embora.

— Sente-se, Sofia — Cameron falou, ainda olhando para o jornal que estava lendo.

Segui até a cadeira em frente a ele. A mesa era comprida, acomodava facilmente dezesseis pessoas. No entanto, ainda me sentia como se estivéssemos

sentados de forma íntima, como se ele estivesse ao meu lado. O prato à minha frente era branco e estava vazio. Estendi a mão, percebendo que estava trêmula e sentindo o meu nervosismo aumentar. Segurei o copo de cristal e o suco de laranja quase balançou por causa do meu tremor.

— Não há motivo para ficar nervosa.

Olhei para cima, assustada e surpresa ao descobrir que Cameron estava olhando diretamente para mim. Ele pegou sua xícara e tomou um longo gole, me observando pela borda. Quando a baixou e se inclinou para trás, me senti em exibição, apesar do meu corpo estar coberto.

— Dormiu bem?

Assenti.

— Você não dormiu comigo. — Quis dizer isso no mais básico dos sentidos, ele ao meu lado, o colchão afundando com seu peso poderoso. Mas acho que poderia ser tomado literal e figurativamente também.

— Essa foi a única noite em que não estive na cama com você.

Eu não tinha dúvidas sobre isso.

— Coma, porque você vai precisar de energia.

Era difícil ter fome ou algum tipo de apetite quando meu estômago estava em nós. A pergunta que eu queria fazer estava na ponta da língua, mas eu não sabia quais eram as regras básicas nem o que ele queria ou não que eu soubesse.

E eu não saberia até que perguntasse.

Mas mantive a boca fechada. Peguei algumas frutas, uma torrada com manteiga e comecei a comer, mantendo a cabeça e a boca ocupadas. Então não ultrapassei o limite. O silêncio se estendeu entre nós, mas eu o aceitei.

— Se você está tem alguma dúvida, é melhor esclarecermos tudo agora.

O pão estava seco na minha boca e quando fui engolir, ele se alojou na garganta. Tossi, peguei a água e tomei um longo gole. Cameron estava me olhando, me observando da mesma maneira que um falcão, provavelmente, fazia com um rato antes de capturá-lo e devorá-lo.

— O que exatamente você planeja fazer comigo? — Sexo era o óbvio, mas o que eu queria dizer, o que estava na minha cabeça, me inquietando, era até onde Cameron queria ir, até onde ele me pressionaria. Ele ia me machucar? Me arruinar?

— Você está preocupada que te machuque. — Cameron não declarou como uma pergunta. — Está preocupada que o que você concordou em fazer seja um destino muito pior daquele que você teria antes. — Novamente, não foi uma pergunta.

Olhei para baixo sem responder, porque ele já sabia que era o que eu imaginava, o que temia. Não podia negar a minha atração por ele, nem mentir

para mim mesma e dizer que ele não me fez sentir essa onda de consciência.

Ele era um homem perigoso. Um homem que matou alguém por mim, porque eu pedi. Ele poderia fazer o que quisesse comigo, e eu não teria escolha a não ser aceitar, não só porque eu havia concordado, mas também porque uma pequena parte de mim ansiava por isso. A minha parte anormal queria o que ele tinha a oferecer.

A dor e o prazer, a frieza e o calor que ele me proporcionava só com um olhar. Este homem era um monstro, e eu estava mais do que disposta a deixar que ele me destruísse.

O que havia de errado comigo? Que tipo de pessoa isso me tornava?

Quando ouvi a cadeira dele se mover, olhei para cima. Cameron se levantou, colocou o guardanapo na mesa e se aproximou. Eu estava parada, incapaz de me mover, de respirar e até de pensar. Por instinto, me levantei, talvez para parecer maior e mais forte. Porém, aquilo não ajudou. Não quando a única coisa que eu podia ouvir era meu coração batendo em meus ouvidos e a sensação da minha barriga se contorcendo.

E então ele estava bem na minha frente.

Ele estava tão perto, seu corpo e sua presença me consumindo muito. Por vários segundos ele não falou nem se mexeu. Estendeu a mão e tocou uma mecha do meu cabelo, brincando com os fios entre os dedos, se concentrando apenas nela.

— Tudo que eu quero e o que eu desejo é a sua rendição. — Sua voz estava baixa e eu sabia que se alguém estivesse na sala, não o teria ouvido. — Não sou um homem bom — ele disse isso com tanta naturalidade que eu não tinha dúvidas de que esse homem sabia quem e o que ele era. — Sou um assassino, um traficante. — Ele deu outro passo para mais perto. — Eu comando o submundo com apatia e violência. — Seu peito era tão largo e poderoso que ocupou toda a minha visão.

— Sei quem e o que você é. — Mas eu realmente sabia?

Ele balançou a cabeça devagar.

— Não, acho que você não sabe, Sofia. Acho que não sabe mesmo.

Eu estava sugando o ar para os meus pulmões, forte e rápido, mas não conseguia respirar.

— Sinto que você é a minha fraqueza — ele disse suavemente, sua voz profunda como uma faca deslizando ao longo do meu corpo, mal me tocando. Mas a simples ameaça de ser cortada estava bem ali. Ele levantou a cabeça e me olhou nos olhos e seu olhar era frio e duro. Eu era pequena, quase uma miniatura comparada a ele. — E ter uma fraqueza não é algo com que me sinto confortável.

Tremi depois que ele falou, não por causa do frio, muito menos por sua voz sombria e profunda. Me senti assim pelo jeito que ele estava me olhando. Eu não precisava conhecer Cameron intimamente para entender que um homem como ele não tinha fraquezas. Ele era totalmente força e poder.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele se inclinou na minha direção, alcançou a mesa e empurrou os pratos e talheres para o lado. A porcelana tilintou e a água do copo caiu por toda a toalha de mesa branca. E então ele colocou as mãos na minha cintura e me apoiou em cima dela.

Me inclinei para trás, apoiando as mãos no linho, metade dele molhado sob minhas palmas. O calor do seu corpo me penetrou, me embriagou, me intoxicando com tudo o que estava acontecendo. Duas semanas era pouco no grande esquema das coisas, então o fato de ele não esperar para me tomar não foi tão surpreendente.

— Abra as pernas — ele disse em voz baixa, exigindo que eu fizesse o que ele queria.

Meu lado racional, meu instinto de sobrevivência queria perguntar a ele o que ele havia planejado, o que faria comigo. Mas o meu lado inteligente disse: *Cale a boca e faça o que ele diz.*

Olhei em seus olhos e o senti deslizar as mãos sobre minhas coxas, empurrando a parte inferior do vestido que eu usava. Era leve, de verão, e a sensação do tecido deslizando sobre mim arrepiou a minha pele.

Quando estava a poucos centímetros da minha parte mais íntima, ele fez pressão e abriu ainda mais minhas pernas. Engoli em seco, sentindo minha garganta tensa e seca. Ele moveu as mãos um centímetro mais para perto e me senti começando a responder. Senti meu corpo ganhar vida e se aquecer. Eu deveria temê-lo, talvez até repugná-lo, o repellido pelo que ele queria fazer comigo.

Mas eu estava molhada.

— O quanto você está afetada agora? — ele perguntou, sua respiração doce se movendo ao longo dos meus lábios. Ele moveu os dedos para ainda mais perto. Eu sabia que ele devia estar tocando a borda da calcinha de renda agora. Ele se inclinou até que havia apenas um centímetro separando nossas bocas. — Me responda.

Umedeci os lábios, procurando seu rosto, tentando lê-lo. Não adiantou. Este homem era ilegível.

— Estou afetada — foi tudo o que eu disse, tudo que conseguia dizer naquele momento. Na verdade, estava dizendo que estava molhada, pronta para ele, que essa forma de controle e tortura — ainda que estivesse me excitando sem nenhuma finalidade — me deixou tão impaciente que eu me entregaria a ele

sem lutar.

Vi algo sombrio cintilar em seus olhos, mas ele não mostrou emoção de outra maneira.

— Se eu tocasse na sua boceta, você estaria molhada?

Eu não o fiz esperar por uma resposta. Assenti.

— Se eu acariciasse seu clitóris, você gozaria para mim?

Mais uma vez assenti. Eu sabia que sim, sabia que não precisaria de mais do que alguns movimentos rápidos e fortes do seu dedo no meu clitóris para me fazer gozar. Ele olhou para o meu peito, e eu soube que ele estava observando o modo como meus seios subiam e desciam rapidamente, quase de forma violenta. A camisa branca que ele usava estava desabotoada no colarinho e as tatuagens que eu podia ver pareciam furiosas, severas... intocáveis.

Elas combinavam com o homem a minha frente.

Eu me mexi, talvez para me afastar, para conseguir respirar um pouco. Talvez eu estivesse sufocando com meus próprios desejos, com a necessidade de estar com esse homem tão intenso que fazia meu medo e prazer se chocarem. Eles lutaram, meu senso comum dizendo que isso não era o que eu deveria querer, que meu corpo não deveria reagir dessa forma, que isso não era normal.

— Você está com medo de mim ou desta situação? — Ele passou o dedo na borda da minha calcinha. — Te assusta o que eu planejo fazer, que o desconhecido esteja aí, te provocando e atormentando?

Eu não sabia se ser honesta era o caminho certo, se admitir que sim, que eu estava com medo, mas também estava excitada seria realmente a decisão mais sábia.

— Você está com medo, mas também posso dizer que você quer isso. — Ele se inclinou mais um centímetro e nossas bocas ficaram bem perto. — Suas bochechas estão rosadas e as pupilas estão dilatadas. — Ele olhou para a minha boca. — Você está respirando com muita força. — Ele voltou a olhar para meus olhos. — Aposto que você se sente como se estivesse se afogando.

Separei ainda mais minhas pernas, como se meu corpo tivesse vontade própria, controlando essa situação... procurando mais pelo toque de Cameron.

Ele fez aquele som profundo e sombrio, um ruído de aprovação, o tom que me dizia que gostava do que eu havia acabado de fazer.

— Quer que eu te prove? Que te lamba até você gozar?

Estremeci, minha carne apertando e meu pulso acelerado.

— Quer que eu deslize a língua pela sua boceta, chupe seu clitóris, e te mostre o quanto eu posso te fazer se sentir bem?

Eu não sabia o que dizer, não sabia se ele realmente queria que eu respondesse. E então ele colocou a mão direita entre as minhas coxas, bem em

cima da minha boceta molhada.

— Me diga o que você quer que eu faça, implore por mim.

Ele ia adorar me ver dizer essas coisas, a humilhação que eu sentiria de sucumbir aos meus desejos, de me submeter a ele. Senti um rubor por todo o corpo, ele estava em chamas, minha pele estava sensível a mais leve brisa no ar. Ele acrescentou ainda mais pressão, me fazendo ofegar. Meus dedos se apertaram.

— Me diga o que você quer. Se você for uma boa menina, eu posso te dar.

— Quero que você me toque, me lamba — sussurrei.

Ele emitiu um ruído baixo, um som animalesco. Eu podia ouvir as pessoas na cozinha, o estrondo de panelas e barulho de porcelana. Eles podiam entrar por aquela porta a qualquer momento e me ver na mesa, minhas pernas abertas com a mão de Cameron entre minhas coxas.

— O que mais você quer? — Ele fez ainda mais pressão e eu fechei os olhos, soltando um gemido.

— Quero que você me faça sua. — Caramba, disse aquilo em voz alta, disse a ele exatamente o que ele queria ouvir, coloquei tudo em suas mãos.

— Boa menina — ele quase ronronou, em meu ouvido e a mão ainda entre as minhas pernas. — Sua honestidade merece uma recompensa. — E então ele se inclinou entre as minhas pernas. A respiração quente se moveu ao longo da minha boceta coberta pela calcinha.

Ele não me fez esperar muito para perguntar o que faria ou quão longe iria. Puxou minha calcinha para o lado e a combinação do seu hálito quente e o ar gelado enviaram ondas de choque em mim. Eu queria gritar e implorar, para que ele me tocasse, me lambesse e aliviasse a excitação furiosa que queimava profundamente em mim. Ele leu minha mente, ou talvez, eu tenha dito as palavras em voz alta. Quem sabe ele, simplesmente, não aguentasse mais.

Antes que eu pudesse pensar sobre o que estava acontecendo ou entender a realidade da minha situação, o senti mover a língua por minhas dobras, me separando e me fazendo tremer. Eu queria mais, ao mesmo tempo que queria empurrá-lo e dizer a ele que não queria nada daquilo... queria me convencer desse fato.

Ele continuou a me lamber, deslizando a língua pelos meus lábios, circulando meu clitóris, sugando aquele ponto de prazer a cada movimento ascendente. Agarrei a toalha da mesa, segurando-a com força e afundando as unhas nela para afundá-las em minha palma. Suspirei Cameron mordeu meu clitóris gentilmente, me fazendo gritar e me deixando ofegante. Puxei o tecido enquanto o prazer e a dor me consumiam.

O som de algo caindo no chão e quebrando atingiu meus ouvidos

vagamente. Eu estava me esforçando muito para não curtir o momento, para lutar contra o que ele estava fazendo comigo, com o jeito que ele me fazia sentir livre e viva. Suas mãos na parte interna das minhas coxas eram ásperas e doloridas. Ele me fez ficar parada enquanto me abria com a língua e a boca para me atormentar. Era prazer e dor, tudo unido em conflito, em uma guerra dentro de mim que não se renderia.

E então ele enfiou a língua no meu corpo e minha boceta se apertou, puxando-o mais para dentro, precisando que ele fosse o mais profundo possível. Eu queria ser esticada, reivindicada por completo e neste momento nada mais importava... meu corpo, minha situação, meu próprio raciocínio por não querer esse homem.

Nada disso importava ali, quando o prazer tomou conta de mim e ele cravou suas unhas no meu corpo, me segurando firme sem me soltar.

Senti os tentáculos desse delicioso prazer depravado me percorrer. Eu deveria ter lutado contra isso, me rebelado, mas ao invés disso, o acolhi e o abracei. E quando senti o prazer, Cameron se afastou.

Caí contra a mesa, meu corpo tremendo, o quase orgasmo me deixando sem fôlego e à beira de implorar para que ele me fizesse sentir bem, que afastasse a desolação em minha vida.

— Abra os olhos.

Eu o obedeci instantaneamente. Ele ainda estava com as mãos na parte interna das minhas coxas, mas não estava mais entre as minhas pernas. Seu foco estava em mim, seus lábios vermelhos pelo que estava fazendo comigo.

— Você parou. — Eu não sabia por que achava que era uma boa ideia dizer qualquer coisa, mas as palavras saíram rápido, eu estava sem fôlego. Ele não falou nada, nem mostrou emoção. Ele tinha acabado de me comer, mas sua expressão não demonstrava nada. Ele era como uma parede de tijolos, a fisionomia inexpressiva que esmagaria todos os outros. Me remexi sobre a mesa, tentando fechar as pernas, mas Cameron ainda estava com as mãos em mim, me segurando e me fazendo sentir vulnerável.

A porta da cozinha se abriu e um dos empregados entrou. Meu coração acelerou e me senti constrangida. Mas Cameron não parecia afetado e não tirou as mãos das minhas pernas, nem quebrou o contato visual.

— Sou o único que detém o poder, Sofia. — Ele se afastou um passo, passando as mãos grandes e tatuadas pela calça enquanto olhava para mim. — Você estará inteira assim que tudo acabar, e te deixarei voltar para a vida que você conhece... se assim você quiser.

Se assim eu quiser?

— Mas você vai fazer de tudo para se lembrar que é a mim que você deve,

que sou aquele que te tirou do inferno. Nas próximas duas semanas, você é minha. — Ele me olhou bem nos olhos. — Termine de comer se quiser, então se limpe e me encontre no solário. — Em seguida, ele se virou e saiu, me deixando sobre a mesa com as pernas abertas e o empregado pegando os cacos de vidro quebrado do chão.

Eu me sentia como aquela porcelana: rachada, vulnerável e à mercê de outra pessoa. E sabia que isso era só o começo.



Capítulo Doze

Tive que perguntar a alguém onde ficava o solário e uma vez que entrei pelas portas de vidro, o calor e o aroma doce me atingiram. Havia árvores, plantas e até uma cascata que desaguava em uma pequena piscina. Não havia paredes nem teto. Tudo ali era de vidro e o sol que entrava fazia com que o cômodo ficasse quente e ligeiramente úmido.

Não vi Cameron, então, assumindo que ele ainda não estava ali, aproveitei para explorar o lugar. Nunca tinha visto um solário, sequer sabia o que era. Aquele lugar era incrível, mágico mesmo.

O cheiro das diversas variedades de flores me atingiu, me deixando um pouco embriagada com a pureza delas. O som da água batendo nas pedras da pequena cascata provocou uma espécie de efeito calmante, me tranquilizando.

Através das janelas, pude ver uma vasta extensão de árvores, pinheiros grossos e muito verdes, daqueles que bloqueavam tudo ao redor. Eu tinha a sensação de que era algo que Cameron preferia. Sua privacidade parecia ser primordial. Só de pensar nele, meu corpo se aquecia e minhas zonas erógenas formigavam. Ele me levou à beira do gozo e, como um sádico, recuou, me deixando com frio e fome. Quando estava me arrumando no banheiro antes de descer, pensei em me tocar, facilitar minha excitação para que eu pudesse ter um pouco de alívio. Mas me abstive de me provocar mais. Por alguma razão que eu desconhecia, eu queria que Cameron provocasse isso em mim, com a paixão e o prazer que ele traria à tona.

Caminhei em direção a uma fila de lindas flores brancas. Eram pequenas e pareciam surreais, suaves e inocentes. Passei o dedo por uma das pétalas, sentindo a suavidade que eu esperava. Estava paralisada enquanto observava meu dedo se mover pela flor repetidamente, sentindo a textura suave ao longo dela. E então senti os pelos dos meus braços se arrepiarem e aquela sensação de estar sendo observada me consumiu.

Quando olhei ao redor, num primeiro momento não vi ninguém, mas a sensação de que eu não estava sozinha era forte demais para ser ignorada. Eu estava prestes a voltar para as flores, talvez passar para outro lado para tentar afastar a sensação quando meu olhar pousou em um canto escuro.

Então eu o vi me observando, as sombras mantendo-o escondido me fazendo sentir muito consciente de que só nós dois estávamos no cômodo. Por instinto, olhei para as portas e percebi que estavam fechadas. Quando voltei a olhar para Cameron, senti seu olhar em mim, uma sensação intensa como uma

segunda pele passando por mim, me cobrindo.

— Venha aqui — ele disse. Sua voz era clara, apesar do teto alto de vidro e da cascata do outro lado. Caminhei em sua direção, como se meu corpo conhecesse a rotina e soubesse o caminho que eu tinha que seguir.

Estava a poucos metros de Cameron quando ele estendeu a mão para me impedir de continuar.

— Eu lhe dei prazer depois do café da manhã. — Ele se inclinou para frente e seu rosto apareceu sob a luz do sol. Sua expressão era severa... excitada. — Mas isso é para mim, para que você possa me dar prazer da maneira que eu achar conveniente. — Senti como se ele estivesse sorrindo para mim, mas manteve sua postura fria. — Não é verdade, Sofia?

A forma como ele disse meu nome despertou todo tipo de coisas safadas e erradas dentro de mim. Assenti. Sim, isso era verdade. Até demais.

— Agora tire a roupa para mim.

Não consegui fazer nada além de ficar parada por um segundo. Tê-lo me vendo nua não era um choque. Não, foi a forma como ele exigiu, o tom de sua voz: frio, duro e capaz de machucar sem se esforçar. Eu estava ali, viva e com o propósito de agradar este homem, me curvar à sua vontade e dar a ele o que quisesse.

Era verdade quando eu disse que seria sua vítima... sua vítima já pronta e molhada.

Mas eu não contava com o fato de que realmente poderia gostar disso... de desejar toda essa situação.

Qualquer um poderia nos ver e uma parte de mim ficou ainda mais excitada com essa possibilidade, ainda mais no limite. O que havia de errado comigo? Por que eu estava gostando e ansiando por isso?

Afastei esses pensamentos. Isso não me faria bem nem me salvaria. *Era isso o que eu queria?*

Assim que me despi sem nenhuma cerimônia, me afastei das roupas que ficaram espalhadas no chão. Senti meu coração disparar no peito como se o músculo quisesse ou precisasse escapar da depravação que estava prestes a acontecer. Mas apesar do medo, havia previsto que Cameron tinha mais escuridão dentro dele do que a noite.

E eu desejava isso.

Mesmo agora eu estava molhada e pronta para ele, precisava dele dentro de mim, precisava que ele tirasse de mim a forma que o mundo havia moldado minha vida toda.

Ele não me disse para tirar as roupas devagar e fazer um show para ele. Eu tinha a sensação de que um homem como Cameron não queria ser provocado.

Ele queria a recompensa quando fosse devida.

Notei uma mesinha ao seu lado, com um copo cheio de algo que assumi ser álcool. Acho que não era cedo demais para me desestabilizar ou ficar bêbado.

Cameron levantou o copo e o líquido dentro parecia mais escuro que o normal. Ele o levou até a boca e tomou um longo gole enquanto me observava. A sala parecia tão fria quanto ele, mas lá estava eu suando, as gotas escorrendo pelo meu corpo nu, nhoque resfriava em contato com o ar. O sol era uma presença constante ao meu redor, a pureza e a beleza à nossa volta prestes a ser maculada e quebrada pelo que ele queria que eu fizesse.

Ele estava com as mangas da camisa dobrada, os antebraços fortes com desenhos abstratos eram uma demonstração assustadora de poder que apareciam diante de mim como uma promessa. Suas mãos eram tão grandes que eu podia imaginá-las me segurando, me prendendo embaixo dele enquanto me pegava, reivindicando o que procurava. Depois de um segundo, Cameron baixou o copo e só me observou, como se gostasse de me ver no limite, frágil... à sua mercê.

— Fique de joelhos — ele ordenou, exigindo a minha submissão e a minha condescendência.

Ajoelhei, o chão de azulejos era implacável e me fazia lembrar de onde e com quem eu estava. Olhei para Cameron, seu corpo estava parcialmente obstruído nas sombras.

— Venha até mim, Sofia.

Não me enganei pelo tom de voz baixo de Cameron. Ele era como uma cobra: hipnótico, sedutor, mas impressionante quando eu menos esperava. E então fui até ele, engatinhei até ele, meu corpo tremendo, minha cabeça a mil por hora. Não estava com frio nem assustada naquele momento.

Tremi, respirei fundo e tentei me concentrar porque estava excitada.

Eu queria isso, queria que ele me mostrasse o buraco negro que era sua alma e a minha vida. Sabia que ele podia me dar isso. Sabia que ele queria me dar tanto quanto queria me tomar.

Quando eu estava na sua frente com os joelhos doendo e as palmas das mãos suando, ele não fez nada além de olhar para mim por vários segundos. Mas fiquei lá, esperando e prendendo a respiração, sabendo que ele daria o próximo passo quando estivesse pronto. Ele me curvaria à sua vontade quando julgasse o momento certo. Seu corpo era grande e repleto de músculos. As tatuagens que revestiam seu pescoço e peito podiam ser vistas através da camisa branca, passando pelo colarinho aberto do personagem que ele mostrava ao mundo.

— Olhe para mim.

Levantei a cabeça e foquei o olhar em seu rosto. Ele se inclinou para frente, o anoitecer cortando a dura beleza do seu rosto e me mostrando o que se

escondia por baixo deste homem lindo.

— Me peça o que você quer. Me implore por isso.

Minha garganta se apertou, minha boca ficou úmida e cada parte minha ficou tensa. Era como se uma corrente elétrica deslizesse sobre mim e me iluminasse, me trouxesse à vida.

— Me peça por isso — ele exigiu e no mesmo instante segurou meu queixo. Seu aperto era implacável e brutal. Eu ficaria com hematomas no rosto, minha pele ficaria com a marca roxa da sua paixão. E para Cameron essa era sua paixão, rugindo para mim, exigindo que eu cedesse.

E uma parte de mim queria isso, precisava que a marca da sua propriedade me arruinasse e me mostrasse que isso era real, que eu estava realmente viva.

— Por favor — finalmente sussurrei. Senti seu aperto ficar mais forte, sabendo que a palavra dita de forma submissa o atingiria profundamente.

— De novo.

Umedeci meus lábios, percebendo que ele olhava para eles. Em seguida, ele olhou nos meus olhos.

— Mais uma vez, Sofia, e diga meu nome também. — Suas palavras eram como um chicote contra a minha pele, me rasgando e me fazendo sangrar.

— Por favor... Cameron.

Seu gemido foi a maior emoção que o vi demonstrar, a maior reação que ele deixou escapar. Por vários segundos, ele apenas me olhou, segurando meu queixo naquele aperto doloroso, mas surpreendentemente erótico. Ele passou o polegar sobre o meu lábio inferior, puxando-o para baixo antes de deixá-lo voltar ao lugar. Enquanto o tempo passava, fiquei paralisada pela sua visão e seu toque. Então, ele me soltou e senti como se estivesse caindo em um abismo. Ele se recostou na cadeira e abriu o cinto antes de abrir o botão da calça e puxar o zíper. Senti como se não pudesse respirar, embora sentisse meu peito subindo e descendo com violência.

Quando ele libertou seu pênis grosso, longo e duro para mim, parei de respirar. Não me mexi nem pensei em assumir o controle e começar qualquer coisa. Era Cameron quem segurava as rédeas, quem começaria isto quando estivesse pronto.

— Quanto você quer isso? — ele perguntou e se tocou, sem acariciar seu comprimento, apenas segurando-o. Olhei em seus olhos querendo mentir, dizer que não queria, mas a verdade era exatamente o oposto.

Eu queria isso. Queria a dor e o prazer que eu sabia que ele poderia me proporcionar, não só pelo seu poder e força me controlando, mas porque ele sabia do que eu estava falando. Ele realmente sabia.

— Quero muito.

Ele se inclinou um pouco para frente, e eu senti o cheiro do drinque que ele estava bebendo. Sem dúvida era algo caro, que talvez até queimasse quando deslizava pela garganta. Isso fez com que eu me sentisse bêbada, intoxicada e querendo mais.

— Fale — ele exigiu com a voz mais feroz dessa vez.

— Quero tanto quanto preciso respirar. — Talvez fosse um pouco exagerado, mas era exatamente o que eu sentia no momento.

O som baixo que ele emitiu me deixou ainda mais molhada. Juntei as coxas, querendo sentir pressão e desejando sua mão ali, me tocando, realizando a parte mais safada dos meus desejos.

— Você gosta do fato de eu te possuir? Gosta de saber que concordou em ser minha em todos os sentidos que eu achar adequado, de qualquer maneira que eu achar conveniente?

Assenti, porque agora minha boca não estava funcionando e meus lábios não formavam as palavras.

— Sim, aposto que você gosta. — Ele estava com a mão na parte de trás da minha cabeça, agarrando meu cabelo e me puxando para trás até que senti que minha garganta estava exposta e arqueada. A dor era intensa e as lágrimas encheram meus olhos. Mas também me senti muito bem, livre. — Se você quer, pegue. — Ele apertou ainda mais o meu cabelo. — Mas seja boa, me faça feliz por ter você aqui e me faça perceber que valeu a pena tirá-la do inferno.

Me tirar do inferno? Não era onde eu estava, me aquecendo no calor das chamas e sentindo o toque do próprio diabo?

Ele puxou minha cabeça para frente até que a ponta lisa do seu pau se encostasse em meus lábios. Seu domínio sobre mim era implacável, era uma promessa de que ele detinha o poder e que controlaria a situação.

— Abra a boca e me chupe até que eu te diga para parar. — Ele puxou minha cabeça para trás novamente e me olhou nos olhos. — E não pare até que eu diga para parar, Sofia. Entendeu?

Assenti.

Suas palavras e ações não deveriam ter me deixado tão excitada. Eu estava muito arrasada pelo fato de que seu toque bruto podia incitar essas emoções em mim, me fazendo desejá-lo como um viciado desejava pela sua próxima dose. Ou talvez eu não estivesse arrasada. Talvez Cameron e eu fôssemos exatamente iguais, compartilhando a mesma alma vazia que me arrastava para baixo, mas o levantava. Talvez o que me fazia sentir sozinha o fizesse se sentir vivo.

Ele me puxou para frente novamente, e eu me abri, tomando sua grossura e comprimento na boca. O sabor de Cameron era inebriante, mas também indescritível, como o próprio homem. Ele não emitiu qualquer som para mim,

então eu não sabia se o que estava fazendo o agradava. A única reação que ele demonstrou foi um aperto no meu cabelo e a tensão das suas coxas sob as palmas das minhas mãos.

Fechei os olhos e me deixei levar enquanto o agradava... necessitando fazê-lo sentir prazer para que ele visse que não éramos tão diferentes. Ele poderia me fazer sentir algo mais só com um olhar ou um toque na bochecha. Queria fazê-lo se sentir da mesma forma, queria mostrar a ele que eu também podia ter poder.

Então, quando me concentrei em agradá-lo, dei o meu melhor. Girei a língua ao redor da cabeça, provando o sabor salgado da sua essência masculina. Apertei ainda mais as pernas, pois a sensação da minha umidade cobria a parte interna das minhas coxas e era um sinal revelador do quanto eu queria que ele provocasse a minha excitação.

Me perdi completamente em Cameron. Deslizei a língua subindo e descendo por seu comprimento. Ele ainda estava quieto, nem assim demonstrou qualquer reação. Eu estava frenética querendo provocá-lo do mesmo jeito que havia feito comigo.

Quanto mais tempo ele ficava em minha boca, mais controle eu sentia que possuía. Segurei a base do seu pau e acariciei o que não consegui alcançar com a boca. Ele ainda estava com a mão no meu cabelo, me mantendo parada como uma escrava das minhas ações.

Mas então algo mudou... ele mudou de posição. Cameron levantou os quadris com gentileza, empurrando mais um centímetro de si mesmo na minha boca. Tomei o máximo que pude, gemendo ao redor dele, incapaz de segurar o som. A ponta do seu pau batia no fundo da minha garganta a cada impulso de seus quadris. Eu me sentia amordaçada e as lágrimas se formavam em meus olhos e rolaram pelo meu rosto.

— Olhe para mim — ele falou com a voz rouca, como se eu o estivesse afetando e a minha recompensa fosse essa pequena rachadura em sua armadura. Com o olhar travado em seus quadris enquanto ele fazia todo o trabalho, entrando e saindo da minha boca, não pude fazer nada além de me segurar enquanto ele encontrava seu prazer.

As lágrimas continuavam a escorrer pelo meu rosto toda vez que ele encostava a ponta do pau no fundo da minha garganta. Me senti entorpecida, como se a qualquer momento eu fosse chegar ao prazer supremo.

Cameron segurou a lateral da minha bochecha e vi o jeito que sua mandíbula se apertou, então soube que ele estava prestes a gozar, a se render para mim. Respirei pelo nariz, tentando continuar e não afastá-lo. Queria prová-lo, ter seu gozo na minha boca, deslizando pela minha garganta. Queria que ele me obrigasse a tomar tudo.

E então ele enterrou todo o seu comprimento duro e quente dentro de mim e gozou. E eu engoli até a última gota.

Seu aperto no meu cabelo era brutal e a dor era muito real, mas estava associada ao desejo que eu tinha por ele, pelo fato de que era por minha causa que ele estava gozando. Ele puxou minha cabeça para trás e seu membro semi-ereto se afastou de mim. Senti um pouco do seu esperma deslizar pelo canto da boca e quando ele me olhou, passei a língua. Queria a última gota dele em mim.

Quando ele soltou meu cabelo, eu caí para frente, apoiando as mãos no chão e com a cabeça abaixada. Fechei os olhos e absorvi o ar, muito necessário, meus pulmões queimando, minha mente e meu corpo em chamas. Senti seu dedo sob o meu queixo, levantando a cabeça para que eu o olhasse de novo.

Ele se inclinou e passou a língua pela lateral do meu rosto, lambendo a umidade.

— O sabor mais doce na minha língua é das suas lágrimas. — Ele se afastou um pouco, mas seu rosto continuava muito perto e hálito quente roçava minha bochecha. — E você vai me dar mais delas, muito mais antes que o tempo acabe, Sofia.



Capítulo Treze

Eu poderia ter me perdido em uma casa tão grande, com tantos quartos e que parecia um labirinto interminável. O piso frio era implacável contra meus pés descalços e, embora eu pudesse ter calçado sapatos para bloquear a sensação gelada e colocar uma barreira entre os pés e o chão, gostei das sensações. Aquilo fez com que eu sentisse que realmente estava ali, que não estava sonhando nem inventando toda essa situação.

Depois do encontro no solário, Cameron recebeu um telefonema. Ele se desculpou como se não tivéssemos acabado de fazer algo profundo e... bom? Caramba, eu não sabia de mais nada. Não sabia o que pensar, nem se deveria abraçar o que eu sentia e ignorar a irritação lá no fundo que me dizia que eu não deveria querer isso. Mas a verdade é que eu queria. Estava cansada da sensação de não estar em lugar nenhum e, ainda assim, cercada por tudo. Nunca me encaixei e percebi isso na presença de Cameron. Eu podia chorar por ele, meu corpo querendo se submeter por instinto, mas estar em sua presença me dizia exatamente o quanto eu era frágil.

Isso me fez perceber que eu realmente estava aqui experimentando o mundo.

Mas nunca fui alguém que desistia facilmente, nunca fui o tipo de mulher que só pegava o que o mundo lhe oferecia. Eu lutei para chegar onde estava, mesmo que aquele lugar fosse ruim e não estivesse em condições muito boas.

Parei em frente à janela com vista para os jardins. Apesar do clima de abril estar um pouco quente, percebi que o vento havia aumentando, fazendo com que as folhas balançassem e mostrando que estava mais frio do que parecia. Colocar a mão no vidro provou minha teoria, pois a vidraça gelada fez com que a palma da minha mão ardesse.

A casa parecia calma, vazia, e a única equipe que vi foram aqueles funcionários durante o café da manhã quando cheguei e a mulher que entrou no quarto de manhã. Eu tinha a sensação de que se Cameron estivesse lá, ela não teria ousado entrar. Ele provocava medo instintivo nas pessoas. Eu me sentia assim.

Afastei a mão do vidro e me virei, descendo por outro corredor comprido e parei em uma das únicas portas abertas que vi. Parecia uma sala de estar ou o que eu achava que seria se já tivesse frequentado uma. Móveis escuros estavam no centro do cômodo e havia grandes janelas nos dois lados. A lareira de mármore estava vazia, limpa e imaculada, como se fosse apenas para ser vista.

Atrás de mim havia fileiras e mais fileiras de livros, e embora eu não fosse muito de ler, me movi em direção a eles. Livros encadernados em couro e que pareciam antiguidades me encaravam de volta. Passei as mãos por eles, os sulcos nas lombadas possuíam uma textura que me agradou por algum motivo.

Nenhuma foto. Nada pessoal.

O pensamento chegou como uma luz piscando uma última vez. Por que não havia fotos de Cameron? Por que isso parecia tão impessoal — essa casa inteira — como se ele não morasse aqui? Me fiz tantas perguntas, mas eu sabia que nunca teria coragem de fazê-las, muito menos de conseguir respostas para elas.

Peguei um dos livros e via a escrita na frente em outro idioma. Havia um detalhe de videira e flor por toda a borda da capa, uma assinatura em relevo, a impressão digital do livro. Quando comecei a folhear as páginas, incapaz de realmente lê-lo e de entender a linguagem, me senti absorta nele. Era lindo, as letras colocadas perfeitamente juntas, o detalhe em cada capítulo... tudo era tão intrincado. Era como um sonho, uma imaginação que não poderia ser apagada.

Fechei o livro e o guardei de volta com suavidade. Quando me virei, suspirei assustada. Cameron estava na porta, com as mãos nos bolsos da frente e o olhar fixo em mim. Nenhum de nós se mexeu nem falou por vários segundos.

— Você está explorando o lugar. — Ele não fez uma pergunta uma pergunta nem uma acusação.

Passei as mãos sobre o vestido e assenti. Meu corpo zumbiu com consciência da sua proximidade e das coisas que ele provocava em mim... que me fez fazer com ele só me tocando.

— Sim — eu finalmente disse. Foi então que vi a câmera de segurança colocada no centro da sala. Sem dúvida havia uma em cada cômodo e cada corredor.

— Você estava me observando?

Ele não disse nada por vários segundos. Não me respondeu nem confirmou o que perguntei.

— Sim. Eu vejo tudo o que acontece aqui. — Ele se afastou do batente da porta, estendendo a mão para eu segurar.

Por alguma razão, não hesitei em deslizar minha mão na dele.

Ele nos levou para fora da sala, de volta pelos muitos corredores. Descemos um lance de escadas e, finalmente, chegamos onde assumi ser seu escritório. Não perguntei o que ele estava fazendo ou porque me levou até lá. Presumi que tivesse algo a ver com sexo. Era por isso que eu estava lá, certo?

Ele soltou minha mão, foi até sua mesa e apertou um botão. Como um estranho filme de espionagem ou um filme de ação que se desenrolava diante de mim, uma parte da parede atrás da mesa se abriu para mostrar várias telas. Cada

parte da casa estava exposta diante de mim, a tela piscava para diferentes áreas, interna e externa, quartos e cozinha. Eu me aproximei, olhando para tudo, vendo alguns funcionários na cozinha limpando a sujeira do café da manhã. Não sabia por quanto tempo fiquei ali, mas observei cada tela, olhei para cada imagem e me perguntei o que Cameron pensava quando me via.

Senti seu calor logo atrás de mim, seu corpo enorme me fazendo sentir como se eu pudesse cair para trás e ele estaria lá, me amparando e me segurando. Era insano e doentio, mas eu não queria afastar esse sentimento. Queria abraçá-lo.

Ele colocou as mãos nos meus ombros, os deslizou pelos meus braços e parou em meus quadris. Seus dedos cravaram em minha pele com força suficiente para que eu sentisse a dor e a ardência da sua posse. E quando Cameron me puxou de volta contra si, o comprimento duro da sua ereção me roubou o fôlego.

— Te observei nessas telas, imaginando o que você estava pensando, o que imaginava que aconteceria aqui. — Ele se apoiou contra mim e meu corpo reagiu no mesmo instante. Me aqueci, fiquei molhada e macia. — Pensei em todas as coisas que eu poderia fazer para você, o que eu queria que você fizesse comigo e como eu queria que você se submetesse a mim como nenhuma outra.

Fechei os olhos. O movimento dos seus quadris, o jeito que ele sussurrou as palavras em meus ouvidos... tudo isso me preparou para ele, me fez afastar do pensamento o fato de que eu não deveria estar gostando disso.

— Quem é você? — sussurrei, sem saber por que estava perguntando, sem saber o que isso significava ou o que ele pensaria. Ele parou de se esfregar em mim, me virou suavemente e segurou minha garganta. Seu aperto não era forte, mas estava ali, me dizendo e me mostrando que ele tinha o poder.

— Quem você pensa que eu sou? — ele não perguntou de uma maneira condescendente, não estava me provocando ou brincando comigo. Eu tinha a sensação de que ele realmente queria saber o que eu pensava.

Olhei em seus olhos escuros, me lembrando de todas as coisas que ele me contou sobre si mesmo.

Barão da droga.

Criminoso.

Assassino.

Queria saber quem ele era. Que tipo de homem ele era antes dele se tornar assim. Mas perguntar parecia quase como se eu estivesse cruzando uma linha, algo que eu não estava preparada para fazer, ainda não e talvez nunca. Mas quanto mais ele me olhava nos meus olhos, mais eu desejava perguntar, mais queria pressioná-lo. Eu poderia não ter ido à escola no sentido oficial, não ter me

formado, não saber ler as pessoas do jeito que ele sabia, mas eu podia ver que um homem com tanto poder também nutria sua própria dor.

— Acho que você é um homem que viu coisas que não deveria, um menino que está muito machucado, de coração partido. — Eu o senti apertar a mão na minha garganta de leve, mas sua expressão ainda permanecia neutra. — Acho que você construiu uma parede ao seu redor, se colocou à frente de todos porque não tinha outra escolha. — Eu só estava cogitando, falando por falar, pensando que um homem como Cameron tinha que ter sua própria fraqueza e era por isso que ele precisava de muito poder. — Acho que você precisa ter controle, porque, em algum momento da vida, você não teve nenhum. — Ele me fez caminhar de costas até que senti a parede de monitores me parar. — Acho que é por isso que você não tem nada pessoal aqui. Nada de fotos nem memórias. Você tem um muro ao redor da sua vida para bloquear tudo. — Sua mão estava apertando de forma implacável a minha garganta. Eu não conseguia respirar, mas ele estava exercendo sua força sobre mim.

Por vários momentos, ele não fez nada além de segurar minha garganta, me mantendo presa junto à parede e olhando nos meus olhos. E quando ele se inclinou para perto, com a boca a centímetros da minha, preendi a respiração, incapaz de controlá-la.

— Cuidado, garota bonita. Você está brincando com fogo e se não tomar cuidado, vai se queimar.

Disso eu não tinha dúvida, mas uma parte de mim queria ser arrastada pelas chamas, queria ser consumida por elas. Eu queria ser a gasolina que inflamava tudo.



Capítulo Catorze

Fazia apenas alguns dias que eu estava aqui. Bem, era o que parecia, mas talvez fizesse mais tempo, as horas se misturavam e parecia uma coisa só.

Eu estava aconchegada em um banco enquanto o sol se punha, o brilho rosa escuro cintilava pela janela. Estava lendo um livro de poesia, triste, com frases ardentes de um amor perdido, cheio de dor e tristeza. Olhei pela janela, pensando no autor e como ele devia estar arrasado para escrever aquelas palavras, extravasá-las pelas páginas com tanta melancolia e emoção.

Depois do encontro no escritório de Cameron, ele me deixou para que eu “me acomodasse”, seja lá o que aquilo significasse. Mas eu estava grata por este tempo sozinha com meus pensamentos e aquela paisagem como companhia para me confortar.

Coloquei o livro no banco e me levantei. Queria sair para tomar ar fresco. Não me importava se estava frio e eu não tinha uma jaqueta. Também estava descalça, mas eu queria ter aquela sensação de frio nas solas dos pés e a textura do chão se infiltrando em mim.

Depois que saí do quarto, segui pelo corredor até o solário. Eu não tinha explorado muito o andar de baixo, então não tinha certeza de onde ficava a entrada dos fundos. Mas não importava, porque eu faria isso mesmo assim. Não vi ninguém no caminho até lá e estava curiosa para saber se Cameron me deixaria explorar sozinha do lado de fora. Quando abri a grande porta de vidro que levava aos jardins, parei ao ver Damien parado a poucos metros de distância.

Pelo jeito, Cameron não me deixaria andar sozinha.

Cerrei os dentes, pois esse fato me irritou além do que poderia dizer. Eu estava aqui por vontade própria e não tinha intenção de fugir. Ele me encontraria de qualquer maneira.

— Não preciso de uma dama de companhia. Não vou a lugar nenhum. Acordo é acordo. — Eu não tinha ideia do porquê disse algo a Damien. O homem não falou nada para mim e sempre teve um olhar de indiferença e perigo. Eu não esperava que ele respondesse. Quando comecei a me afastar, o senti me seguir à distância e percebi que se eu tivesse que ter alguém comigo, Damien seria o melhor possível. Ele manteria a boca fechada e, pelo menos, faria parecer que não estava realmente lá.

Depois de algum tempo, esqueci do fato de que ele estava atrás de mim e apreciei a paisagem. Não havia muitas plantas, pois estávamos no início de abril. Mas algumas das flores mais comuns já começavam a brotar e havia a promessa

de cor e vida no ar. Eu não tinha saído para ver o que não estava ali. Não estava do lado de fora para ser livre, para não ter paredes ao meu redor e para sentir o ar fresco e o sol em minha pele. Uma brisa gelada soprou a sugestão do inverno em seu toque. Tremi um pouco e passei os braços em volta da minha cintura. Quando me sentei em um banco de pedra, o assento frio, duro e implacável, olhei para a floresta que cercava a propriedade. Continuei até onde os olhos podiam ver e observei uma cerca natural, uma obstrução verde e marrom.

Pelo canto do olho, vi Damien de lado, seus braços enormes pendendo ao lado do corpo, focado em mim. Me virei e olhei para ele, imaginando de onde esse homem tinha vindo, quem ele era. Há quanto tempo ele conhecia Cameron? Eles compartilhavam o mesmo passado fodido? Eu poderia não saber que passado era, mas a reação que tive de Cameron quando falei sobre isso me disse que ele tinha seus próprios demônios para lidar.

— Eu realmente não vou a lugar nenhum. Pode dizer isso a ele. — Senti vontade de dizer aquilo, pressionando-o ainda mais, fazendo-o ver que eu estava aqui porque queria.

Porque eu queria ser...

Esse pensamento passou pela minha cabeça algumas vezes, e eu percebi que embora as minhas circunstâncias fossem muito fodidas, estar aqui não era a pior coisa do mundo. Embora eu não tivesse visto a extensão do que Cameron queria fazer comigo, até agora ele não havia me machucado nem me fez sentir degradada. Ele me alimentou, me deu roupas — mesmo que, às vezes, parecesse errado. Era tudo muito confuso, mas percebi que eu estava dando recebendo aquilo tudo de braços abertos em alguns aspectos pelo menos.

Não sei por quanto tempo fiquei sentada em silêncio, mas não esperava que ele respondesse ou me agradecesse com qualquer coisa. Afastei o cabelo do ombro, o vento como a carícia de um amante perdido, gentil e frio.

— Não estou aqui porque ele acha que você vai embora.

Eu me virei e enfrentei Damien, surpresa por ele ter dito alguma coisa.

— Estou aqui para ter certeza de que você está segura. — Ele me olhou, seus olhos escuros estavam frios e sua expressão era neutra. Não perguntei o que ele quis dizer com isso nem por que ele decidiu me contar. Cameron era um homem perigoso, eu sabia, e tinha que assumir que era por esse motivo, porque ele tinha ligações, e que estava cuidando de mim a esse respeito... porque eu era sua propriedade.

Ele estava dizendo que eu não estava a salvo dos inimigos de Cameron ou talvez estivesse sendo sincero, me contando de quem eu realmente deveria ter medo, que era com Cameron que eu estaria em perigo.

— Mas não precisa ficar com medo. Esta propriedade é segura. — Então

ele olhou para mim. — Sou apenas uma medida extra de segurança. — Ele quebrou o contato visual e olhou para longe. Ele me disse mais palavras do que já havia feito antes.

Também olhei para as árvores sem saber o que pensar e como me sentir. Talvez eu devesse ter tido mais atitude demonstrando o que queria, mostrando que meu desejo era mais importante que meu medo. Talvez eu devesse estar preocupada, mas ao invés disso, senti como se estivesse assumindo de vez a situação, como se não tivesse nenhuma outra opção. Olhei mais uma vez de relance para Damien e observei as diversas armas que ele tinha presas ao corpo.

— Eu deveria ter medo dele? — sussurrei, sem ter certeza que ele me responderia nem se eu queria que ele respondesse. Ele virou a cabeça lentamente na minha direção. Mas antes que dissesse alguma coisa, se é que planejava dizer, senti como se alguém estivesse nos observando.

— Sofia — Cameron chamou da porta, sua era voz profunda e hipnotizante. Eu me virei para olhar para ele.

Meu coração já estava acelerado no peito. Ele parecia feroz naquele momento, talvez até com raiva por eu tê-lo pressioná-lo mais cedo. Ele tinha ouvido o que eu havia perguntado a Damien?

— Vá para o quarto. Se dispa e espere por mim. — O fato de ele não ter medido suas palavras na frente de Damien fez meu rosto esquentar e a vergonha me atingiu. E então ele se foi, me deixando tonta ali. Naquela noite, eu descobriria exatamente o que ele havia reservado para mim. O sexo oral que ele fez em mim e eu nele havia sido o aperitivo dessa história distorcida. Eu sabia e senti isso.



Capítulo Quinze

Estava no quarto, tirando as roupas como se fosse um gesto automático. Pensei sobre como eu me senti lá fora, com o vento no cabelo e a sensação de que nada me controlava nem me segurava, um sentimento familiar desde que vim ficar com Cameron. Estava no processo de tirar a calcinha quando a porta do quarto se abriu. Me virei, meu coração trovejando e minha cabeça girando. Cameron fechou a porta atrás de si, o terno que ele usava não afastava o estilo completo que o cercava.

— O Damien está lá para te proteger, não para conversar — ele falou quando começou a tirar a gravata concentrado em mim.

Engoli em seco sem ter certeza se deveria me manter ali ou me afastar. Não pude deixar de sentir que ele estava me perseguindo, avançando lentamente, e esperando por sua chance de atacar. Não havia nada que eu pudesse ou quisesse dizer naquele momento. Ele continuou se movendo para frente, jogando a gravata na cama. Em seguida foi para as abotoaduras. Assim que ele as soltou e as colocou na penteadeira, percebi que estava presa entre ele e a parede. Não parecia haver nenhuma maneira de impedir essa aproximação.

Eu quero parar isso?

Sim, eu queria gritar. Quero que isso pare. Eu não deveria ter que me comprometer porque meu corpo se aquecia com o pensamento e a visão dele. Esse homem me fazia sentir coisas que eu queria manter enterradas e escondidas. Senti como se meu próprio corpo estivesse trabalhando contra mim, sucumbindo e se submetendo a esse homem... a esse monstro.

Isso é loucura. Você é louca.

Não pude deixar de pensar nisso repetidas vezes, enojada comigo mesma e com ele, porque não era só medo, mas também era desejo. Um lindo demônio tentando me corromper, determinado a me tornar sua.

— Você pode perguntar a qualquer um sobre mim. — Ele se aproximou um passo. — Mas se quiser a verdade, vai me perguntar diretamente.

Eu era prisioneira do meu próprio corpo e mente.

— Perguntar qualquer coisa diretamente a você me parece cruzar uma linha. — Ele estava a poucos centímetros de mim, seu corpo tão grande e seu calor muito intenso. Antes que eu pudesse contemplar o que ele ia fazer ou poderia dizer, ele estava com as mãos na minha cintura, me virando e me colocando sentada sobre a penteadeira.

Os jarros de vidro caíram para o lado antes de rolarem e se estilhaçarem no

chão. Aqui estava eu, pronta para ele, minha mente gritando por outro preservação e respeito, para deixá-lo saber que eu era forte.

— Quem é você realmente? — perguntei ofegante e pronta. Ele ainda estava com as mãos na minha cintura, me segurando e me acariciando. Eu não era idiota em achar que esse homem seria gentil, não nas partes que contavam, não quando haveria sexo em vez de fazer amor.

Não, Cameron era o tipo de homem que transa com violência, aquele que pegava o que queria porque sabia que podia. Mas eu não era o tipo de garota que queria flores e chocolates. Vim da sarjeta e lutei para chegar até a superfície só para respirar. A perversidade que Cameron oferecia era o que eu ansiava.

— Quem é você, Sofia? — Ele deslizou as mãos até as alças do sutiã, as deslizou sobre meus ombros, mas não tirou a peça. — Me diga que você não quer o que eu posso te dar, que você não está molhada só em pensar na depravação com que posso te cobrir por completo. — Ele acariciou meus seios, que subiram violentamente acima da linha do sutiã. — Me diga que te tomar do jeito que eu quero não te deixa tão pronta que você não está prestes a implorar pelo meu pau.

Suas palavras deveriam ter me chocado, fazendo a bile subindo pela minha garganta. Em vez disso, me vi gemendo, incapaz de me controlar, incapaz de controlar os impulsos mais básicos que ele me despertava.

— Então me diga, doce Sofia. Quem é você?

Olhamos nos olhos um do outro por vários segundos, minha cabeça girando e a garganta fechada.

— Sou a garota que se vendeu para o próprio diabo, certo?

Ele sorriu e foi a primeira vez que vi qualquer coisa além de calma severa no rosto desse homem.

— Quem é você? — Perguntei de novo, sem ter certeza se isso era inteligente. Sem ter certeza se apenas nos divertir desta vez não era o melhor caminho. Depois disso, eu poderia ir embora, viver minha vida e ficar longe de tudo. Eu encontraria uma maneira de partir e esquecer onde havia me metido e o que eu havia visto. A morte, a violência e o medo que senti quando não achei que tivesse alguma opção com Ricky — essas coisas não tinham que me controlar. Elas não precisariam me seguir pelo resto da vida.

Ele deslizou a mão até a minha garganta, acrescentou um pouco de pressão e se inclinou.

— Sou um homem com um passado do qual você não quer saber.

Mas eu queria saber sobre ele. Queria saber como ele havia se transformado naquele homem, naquela pessoa poderosa e mortal, inteligente e minha, pelas próximas duas semanas.

Esse último pensamento me atingiu com tanta força que emití um som involuntário, uma espécie de suspiro ofegante.

— Me diga o que você acabou de pensar — ele falou, se movendo para mais perto, minhas pernas abertas e sua ereção empurrando a frente da calça e entrando em contato com a minha boceta. Ele estava tão duro, tão grande. Eu era virgem, nunca estive com um homem antes. Teria me assustado se estivesse com um homem “normal”. Cameron era tudo, menos normal. Ele era perigoso e, provavelmente volátil. As coisas que ele queria fazer comigo... me arrepiei só de imaginar.

Pensei em mentir, inventar algo ou talvez ser submissa, subserviente. Pensei em apenas dizer a ele que gemi porque estava ansiosa por isso ou talvez com medo — sendo este último a verdade. Ele acrescentou um pouco de pressão à minha garganta, e eu apoiei as mãos na penteadeira, me levantando um pouco. Arqueei o pescoço, querendo aquela pressão, desejando que ele apertasse mais.

Ele me segurou como se tivesse o direito, como se eu quisesse isso, ou, eventualmente, fosse implorar a ele.

Provavelmente, eu faria isso agora.

Estava lutando comigo mesma porque essas coisas que ele me disse e fez eram humilhantes, mas me excitaram.

— Pensei que serei sua nas próximas duas semanas, mas que você também será meu. — Ser honesta parecia ser o melhor caminho, mas, sinceramente, de qualquer maneira eu não teria sido capaz de mentir.

Ele se afastou e olhou para mim, quase sem respirar e se mexer.

Uma parte de mim não queria desejá-lo. Mas não pude lutar contra isso. Nem queria.

— Você quer conhecer o homem que eu sou, Sofia? — A maneira como ele disse aquelas palavras, o olhar em seus olhos e a profundidade de sua voz me assustaram. Ele era como um animal esperando para atacar sua presa, só esperando para pegar a criatura mais fraca e devorá-la.

E eu era o animal mais fraco.

Cameron soltou minha garganta. Começou a abrir os botões da camisa e empurrou o tecido dos ombros. Fiquei sem fala enquanto olhava para o corpo diante de mim. Pude ver o quanto ele era forte e musculoso, mesmo quando usava terno. Bíceps fortes, braços repletos de veias grossas, abdômen definido, aquele V que o emoldurava e tatuagens cobrindo tudo.

Não foram as tatuagens que me assustaram, mas as cicatrizes grossas que vi por baixo. Aquelas que pareciam feridas de faca, talvez até queimaduras de cigarros. Havia várias outras de aparência desagradável que poderiam ser vistas se eu olhasse com muita atenção. As tatuagens fizeram um bom trabalho para

camuflar tudo, mas elas estavam lá, um testemunho da vida violenta que ele levava. Foram auto-infligidas ou provocadas por outras pessoas? Ele havia sido contido e torturado, ou aceitado livremente seu destino? As palavras ressoaram na minha cabeça, as perguntas se repetindo sem parar.

— O monstro que eu sou está do lado de dentro e de fora, Sofia. — Ele se moveu em minha direção novamente. Minhas pernas ainda estavam abertas, e ele se colocou entre elas, seu calor penetrando em mim. — Nunca fingi ser alguém que não sou. — Ele inclinou a cabeça para o lado, olhando diretamente para minha boca, seus olhos escuros como carvão. — Fui espancado quando era criança, vendido em um circuito ilegal de menores de idade, então me certifiquei de permanecer vivo. Era tudo o que eu sabia fazer. — Ele colocou as mãos nas minhas coxas, seus dedos eram longos e ásperos. Cameron apertou um pouco. Eu sabia que ele poderia quebrar meus ossos com facilidade, sua força não era algo que ele demonstrasse. Era só quem e o que ele era. — Amor e carinho não são coisas que conheço, não são coisas que um dia eu vá aceitar. — Ele deslizou as mãos pelas minhas coxas, sobre a minha barriga, ao longo da curva dos meus seios e as envolveu em minha garganta mais uma vez.

Eu não estava com medo, apesar do meu coração estar batendo forte e as palmas das minhas mãos estarem suando. A sensação das suas mãos no meu pescoço era reconfortante e segura.

— O tipo de amor que recebi foram de punhos batendo no meu corpo e sangue enchendo minha boca. Comer, respirar... sobreviver, significava que lutei até chegar ao topo. — Ele se moveu um centímetro mais para perto, pressionando seu pênis duro contra a minha boceta novamente. — Esse é o tipo de homem que eu sou, o único conforto que conheço. — Sua boca estava tão perto da minha e sua respiração doce e quente se moveu ao longo dos meus lábios. — Mas eu te vi e essa obsessão cresceu, essa necessidade de te ter, de reivindicar você como minha. — Ele me olhou bem nos olhos, talvez querendo que eu entendesse a seriedade e a depravação do que ele queria dizer. — E pela primeira vez na vida, eu quis algo suave e doce.

Ele poderia ouvir meu coração batendo e ver o quanto a minha respiração estava rápida?

— Então você sabe quem eu sou, vê o que eu sou. — Ele moveu as mãos pelos meus braços, apertou meus pulsos e, em seguida, os colocou nas minhas costas. — Mantenha-os aí. — Então se abaixou até as minhas coxas, colocou as mãos entre as pernas e as abriu até a dor cortar meus músculos.

Eu estava envolvida em uma ilusão de que era dele, ou talvez não fosse uma ilusão no fim das contas. Talvez eu pertencesse a ele em todos os sentidos e no final, eu seria essa pessoa distorcida, pervertida e desesperada, precisando do

seu toque e sofrendo por isso.

— Tão rosada. Tão molhada. — Ele olhou para mim, as sombras brincando em seu rosto. Ele se inclinou para frente e preendi a respiração. — Faça barulho para mim, garota bonita. Grite, me xingue se quiser. Dor e prazer provocam uma forte emoção que é inegável.

Fechei meus olhos com força. Eu não deveria querer me sentir bem, mas caramba, foi como eu me senti.

E quando ele passou a língua pela minha boceta, girando ao longo do meu clitóris, gritei com toda força em meus pulmões

— Nunca negue isso para mim, doce garota — ele disse contra a minha pele encharcada. Então passou a língua para cima e para baixo na minha boceta, lambendo minha excitação. — Nunca me negue isso e vou te dar o mundo de joelhos, me curvando a você. — Ele deu uma última lambida na minha boceta, me fazendo tremer. Depois se levantou, moveu o polegar logo abaixo da minha orelha e disse: — Seja sempre a minha boa menina e você vai reinar sobre tudo isso.

Eu não sabia o que isso significava nem sabia se queria saber.

Ele estava com as mãos na minha cintura e, em um segundo ele me virou, de modo que minha barriga ficasse sobre a penteadeira e minha bunda ficasse para cima. Deus, ele era tão forte. Cameron ainda segurava minhas mãos nas costas com o mínimo desconforto.

Tudo aconteceu muito rápido. Meu coração acelerou. Meu pulso disparou.

A sensação do seu hálito quente no meu traseiro me fez olhar para trás, vendo-o se ajoelhando atrás de mim. Ele puxou minhas nádegas e olhou para o que revelaram. Eu estava tonta, meu mundo sendo balançado, se retorcendo e girando. Incontrolável.

— Seu cheiro é tão doce, tão inocente e meu. — Ele me apertou e uma sensação aguda me atingiu me agarrou e não soltou. — Você está tão molhada para mim, pelo fato de eu querer te corromper e fazer coisas que você nunca imaginou. — Ele rugiu baixinho, como um animal feroz perseguindo sua presa.

Então moveu os lábios na minha bunda e segurou cada nádega com suas mãos grandes. Ele só manteve as mãos ali, sem fazer nada, apenas beijou minha pele, deslizando os dentes ao longo delas.

— Sei que você odeia isso, que detesta estar ávida por mim, seu corpo preparado e pronto para a minha invasão.

O grito que me deixou foi mais de excitação do que qualquer outra coisa. Ele acariciou a minha cintura com gentileza, quase com carinho. Mas então enfiou os dedos em mim, me deixando imóvel, me mantendo no lugar.

— Ah, caramba. — Tentei me afastar de sua boca eroticamente abusiva,

sabendo que eu não deveria querer isso. Foi esse instinto, esse modo de luta que fez meus dedos dos pés se erguerem e meu coração batendo forte.

— Você já anseia por mim, por meu toque e minha boca em você. E, em breve, meu pau estará te enchendo e te esticando. — Ele passou os dentes pela minha pele e um violento arrepio me atingiu. — Minha necessidade por você, minha obsessão não conhece limites.

— Isso é doentio, insano.

— Doce garota. — Ele estava me atormentando com a promessa de êxtase forçado. — Tentar lutar comigo só faz com que isso fique melhor, me excita mais. — Ele gemeu profundamente. — Quero tudo de você, suas emoções, suas sensações — disse e colocou um dedo em minha boceta. — Quero suas palavras, os gritos do seu orgasmo, os pedidos para que eu pare. — Ele afastou o dedo, sem nunca me penetrar completamente, apenas permanecendo ali na minha abertura. — E quando você me pedir para parar ou chorar por mais, vou te fazer ver que não há fim. — E então ele me penetrou, mas não onde eu pensei que faria.

Ele moveu a língua pela parte de trás, no local escondido até que ele o exibiu, abrindo meu traseiro. Todo o seu foco estava lá, fazendo com que eu me contorcesse, me fazendo me odiar por querer tanto aquilo. Eu estava perdida nas sensações, no sentimento dele entrando e saindo dali, me provocando e me acariciando com gentileza. Ele me fez ansiar e desejar por isso.

Com a mão no meio das minhas costas, me fazendo ficar ali parada aceitando aquilo tudo, senti o ar deixar meus pulmões. Não sabia se alguém poderia sair disso, mas as intensas sensações me fizeram perceber que qualquer coisa que Cameron fizesse comigo, eu queria dez vezes mais.

As lágrimas deslizaram pelas minhas bochechas, minhas emoções eram tão turbulentas que eu não conseguia controlá-las, mas nem queria. A mão dele ainda segurava a minha bunda e deu um aperto duro e doloroso. Cameron lambeu aquele lugar secreto mais uma vez, depois se afastou, me girou e me olhou nos olhos. Eu ainda estava chorando, incapaz de parar.

— Talvez eu não queira isso. — O sabor doce e salgado das minhas lágrimas deslizou pelas minhas bochechas, um caminho de tristeza e de necessidade. Eu não sabia o motivo de ter falado algo, pois senti a necessidade de cutucá-lo. Chorei porque as emoções e as sensações eram demais e muito intensas. Ele colocou a mão direita entre as minhas coxas, exatamente onde eu ansiava por ele. Abri minha boca em um suspiro silencioso quando ele começou a acariciar meu clitóris. O prazer se formou dentro de mim. Cameron emitiu um som profundo.

— Mentiras. Porcarias de mentiras, Sofia. — A mão que segurava a minha

cintura estava me machucando e deixaria marcas roxas e azuis na pele clara. — Comigo você só dirá a verdade. E se eu tiver que forçá-la para tirá-la de você, fazer você gozar quando disser as palavras, que seja.

Eu sabia que não podia mentir. Meu corpo me traía, negando o que eu dizia. Tentei ser forte e me distanciar. E então ele arrancou o prazer de mim, alcançando profundamente a minha alma, puxando-a para fora e a deixando livre. Eu estava impotente para impedir, mas a verdade era que eu não queria lutar contra isso, não queria fingir que não queria. Comecei a chorar, pois o prazer era grande demais e a percepção de tudo isso era demais para eu absorver.

— Minha doce Sofia. — Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Cameron me tinha em seus braços, me embalando em seu corpo duro e poderoso e me segurando. Ele disse coisas em um tom de voz baixo e tranquilo demais para que eu pudesse ouvir, mas eu não precisava saber o que ele dizia.

A atmosfera mudou e naquele momento eu estava ali porque queria estar. Eu queria o lindo tormento que ele me entregou, me deu livremente.

Eu não o afastei nem tentei fugir. Em vez disso, deixei que Cameron me levasse para a cama, sabendo que pararia de lutar, mesmo que essa guerra fosse só comigo.



Capítulo Dezesseis

Pude ver aquele olhar selvagem nos olhos de Cameron enquanto ele me olhava, enquanto ele observava como se eu fosse um banquete e ele estivesse comendo pela última vez. Uma parte de mim, a parte barulhenta e furiosa, queria se submeter de todas as maneiras que contavam.

Faça. Aceite isso. Seja dele.

— Se abra para mim. — Sua voz era baixa, intensamente demoníaca, de qualidade. Enquanto olhava para o vale entre as minhas coxas, ele começou a se despir. Abriu o cinto e o botão da calça. Ele empurrou o tecido, ficando diante de mim como um deus tatuado e cheio de cicatrizes que queria destruição.

Não devo ter sido rápida o suficiente, porque ele grunhiu baixinho, agarrou a parte interna das minhas coxas e abriu minhas pernas.

— Quando eu digo para você se abrir para mim, significa se abrir totalmente, Sofia. Quero ver o que vou tomar como meu. — Ele enfiou os dedos na minha pele. — Quero ver sua boceta virgem toda aberta para mim como uma flor, molhada, carente pelo meu pau. — Ele manteve as mãos em mim, seus dedos na minha pele. Queria sua marca, aquelas contusões que me diziam que eu era sua propriedade e que ele me possuía.

Meus músculos se esticaram com a força que ele os separou. Tudo que ele fez foi me olhar, olhar diretamente para minha boceta, avaliá-la e memorizar cada linha e cada parte pronta para a ação.

— Uma virgem que gosta de depilar sua boceta... — Ele parou, uma das sobrancelhas como se isso o intrigasse. Cameron moveu as mãos pelas minhas coxas até envolver minha boceta, seus grandes dedos tatuados nas laterais da minha parte mais íntima. — Vou te despedaçar, menina bonita.

Talvez as palavras dele devessem ter me assustado, me enojado ou me feito querer atacá-lo. Mas tudo que fiz foi ficar mais molhada. Ele emitiu um som baixo no fundo da garganta, e eu não tive dúvida de que percebeu o resultado do meu desejo por ele cobrir minha boceta.

— E você também quer isso — ele falou quase para si mesmo. Separou meus lábios e o ar gelado passou pelas minhas dobras internas, me provocando e me fazendo tremer de desejo. Eu estava paralisada pelo desejo sombrio que refletia em mim. E então meu coração parou quando ele se afastou, estendeu a mão para o cinto e enrolou a metade em sua mão.

Talvez ele tenha visto o medo em meus olhos e a preocupação me nublando, porque sua risada era baixa e profunda, me provocando.

— Seu medo só me excita mais. — Estava prestes a me levantar, não sei por qual motivo, não tinha certeza do que eu tentaria parar o que estava prestes a acontecer, mas Cameron me parou. Ele trouxe o cinto de couro para a cama ao meu lado e me deixou imóvel, fazendo o meu coração parar.

— Vire-se. Me mostre sua bunda.

— O que você vai fazer? — As palavras eram baixas, gaguejadas, falhadas e inseguras.

Sua risada era profunda, distorcida e sádica. Eu sabia que era óbvio, mas queria que ele dissesse, queria que suas palavras fossem reais.

— Ah, Sofia, vou levar este cinto até sua pele bonita como um pêssego, vou deixa-la vermelha e vou ver as marcas do meu desejo em seu corpo. — Ele deu um passo para mais perto, o brilho da fivela do cinto brilhou na luz fraca. — Agora, se vire e me deixe ver seu lindo traseiro.

O olhar que ele me deu demonstrou que eu não deveria desobedecer. *E eu não queria.* Virei de bruços, olhando por cima do ombro, precisando ver o que aconteceria, assistir a esse ato. Ele não perdeu tempo. Se moveu em direção aos pés da cama, levantou o braço e antes que eu pudesse me preparar, ele acertou minha bunda com o cinto de couro. Não tive tempo para reagir nem para processar nada disso, porque ele continuava me batendo, tocando a minha pele de um jeito bom, mas perverso com o couro, sensibilizando-a, fazendo-a queimar e formigar. Lágrimas quentes de prazer caíram dos meus olhos, deslizando pelas minhas bochechas enquanto Cameron batia com o cinto na minha pele.

O tempo todo ele olhava diretamente nos meus olhos. Seu olhar quente e cheio de prazer. Ele ficou excitado ouvindo meus suspiros de dor e minhas rápidas inalações de prazer. Estava ficando animado com o fato de me causar essa agonia enquanto me agradava com êxtase.

— Se abra mais — ele ordenou, e eu obedeci. Estava cerrando os dentes com tanta força que senti que eles se quebrariam. Gotas de suor começaram a cobrir minha pele, um indício de como eu estava tensa e o quanto ele me fez sentir excitada. Eu previ isso e estava curiosa para saber o quão longe ele iria. Será que seria gentil comigo nesta primeira vez? O meu lado racional gritou que não.

E quando ele bateu com o cinto na minha bunda mais uma vez, fazendo o couro queimar, talvez até mesmo rasgando a pele, eu gritei.

— É isso — ele falou num tom de voz baixo, tão baixo que eu quase não ouvi. Ele enfiou a mão entre as minhas pernas e emiti um som assustado. — Está muito molhada. Você chora, mas gosta disso.

Então ouvi o barulho do que imaginei ser o cinto batendo no chão. Seu peso

cobriu minhas costas e o comprimento duro do seu pau se encaixou entre as minhas dobras. Eu estava respirando com dificuldade, o ar me deixando, tornando os lençóis úmidos e quentes. Eu estava hiperventilando. Era possível desmaiar enquanto se está deitada?

— Se acalme — ele disse em meu ouvido.

Seu membro comprido e grosso aninhado na minha boceta era intimidante.

Caramba. Durante um segundo, pensei que ele não se encaixaria, que a dor seria demais. Ele me dividiria em duas, me machucaria e me faria sangrar de maneiras que não tinham nada a ver com o meu hímen. Mas mesmo que eu tivesse esses pensamentos, sabia que não era verdade, que me esticaria, me faria tomar tudo dele. Ele me faria ter prazer.

Cameron começou a esfregar a cabeça do seu pênis para cima e para baixo na minha boceta, me mostrando o que estava por vir, o que ele oferecia. E quando ele se esfregou sobre o meu clitóris, provocando um pequeno gemido, senti como se eu estivesse sufocando com a pressão de tudo isso.

— Não há como voltar atrás. Pronta ou não, Sofia, estou prestes a te devorar. — Ele apertou a cabeça do pau bem na minha entrada. Meu corpo inteiro ficou tenso, e eu fui incapaz de controlá-lo. Seu aperto nos meus quadris doía bastante. Então ele empurrou para dentro de mim, me fazendo recebê-lo e morder meus lábios até que o sangue transbordasse sob meus dentes e cobrisse minha língua. O sabor metálico encheu minha boca, um choque para os meus sentidos.

Ele colocou as duas mãos ao lado da minha cabeça enquanto continuava a me fazer tomar seu pau. O suor brotou entre as minhas omoplatas e, como se fosse uma tentação para Cameron, ele abaixou a cabeça e passou a língua pelo vale entre elas.

Ele saiu devagar e entrou de novo. Sem parar, me atormentando, me fazendo chorar com o quanto eu o queria. Agarrei os lençóis, aproximando-os do meu rosto e encharcando-os com minhas lágrimas e minha honestidade. Havia escuridão e luz, literal e figurativamente. Naquele momento, eu era dele, assim como ele era meu. O desconforto e a dor começaram a diminuir lentamente. Minha virgindade se foi, assim como a minha virtude e inocência, nas mãos deste homem.

E então ele começou a entrar e sair de mim como se a corda que o prendia à realidade tivesse se rompido. Ele me tomou com tanta força que meu corpo começou a se mover na cama. Ele segurou minha cintura para me manter no lugar, me fazendo o recipiente do seu prazer... do meu prazer. A dor me tirou o fôlego e o êxtase me confundiu pra caramba. Eu estava tão preenchida com seu pênis que não conseguia pensar direito, não conseguia nem pensar no que estava

acontecendo.

Eu o observei por cima do ombro, vi que ele estava focado no ponto onde estávamos conectados, onde ele me penetrava. Seus movimentos frenéticos diminuíram, e em seu lugar estava esse balanço preguiçoso e prolongado dos seus quadris contra mim, empurrando seu pênis cada vez mais para dentro, me fazendo tomar tudo dele.

— Você quer mais, quer que eu te dê muito mais até que você não possa nem respirar? — Ele não parava de entrar e sair de mim.

Senti meu lado mais sombrio se erguer, entrar em guerra com o que eu *deveria* querer, *deveria* sentir. Ele deslizou a mão pelas minhas costas, foi até a minha garganta e circulou meu pescoço. A pressão, a ligeira sensação dele cortando meu fluxo de ar foi apenas o suficiente para que eu me sentisse tonta, o suficiente para que eu o sentisse.

Ele era um monstro, um animal sádico. Era a única pessoa que poderia me fazer sentir assim, que poderia me libertar.

— Eu quero mais, muito mais de você — ele pronunciou essas palavras em voz baixa, em um tom afiado como uma lâmina sobre a minha pele. Aplicou mais pressão no meu pescoço, soltando e apertando minha garganta novamente.

Desorientada, livre, distorcida, viva.

Senti emoções conflitantes. Cameron estava entrando e saindo de mim com ferocidade, sua pele se chocava contra a minha, forçando o seu caminho para dentro e fora de mim. Repetidamente.

Ele entrou e saiu de mim, investindo sem parar.

— Se entregue a mim e me diga que é minha, que você quer isso, quer tudo o que vem com isso. — Ele me penetrou empurrando todo seu comprimento em meu corpo disposto, me fazendo tomar tudo.

Fechei os olhos, me abri e me permiti absorver as sensações. Gozei para Cameron, sentindo-o me estender além do que imaginava ser possível, me levando a um lugar que eu nunca soube que existia. A escuridão me envolveu, acariciou suas mãos geladas no meu corpo e me segurou. Cameron apertou a mão no meio das minhas costas, entrando e saindo, seus movimentos duros e poderosos.

— Diga que você é minha — Cameron falou num tom de voz quase violento.

— Eu sou sua — gritei, as palavras saindo de mim como se tivessem vida própria, querendo sair e ser livre também. Eu estava ciente do pau de Cameron entrando e saindo de mim, mas minha mente estava à deriva, desconectada do meu corpo. Eu só podia sentir.

Ele emitiu um som baixo e perigoso, e eu o senti ficar mais grosso dentro

de mim.

— Você é minha, porra — falou, e eu o senti gozar, me preencher e me banhar com sua semente. Ele me segurou, me fez aceitar tudo, receber o que ele tinha para me dar. O prazer e o desejo de Cameron duraram uma vida inteira. E quando ele deu o último grunhido, o último impulso, descansou o peito nas minhas costas. Estávamos suados e nossa respiração era ofegante e difícil. Senti meu corpo começar a tremer. Era como se eu estivesse retornando de um clímax incrível, sentindo um arrepio penetrar na minha medula.

Não lutei, nem tentei sobreviver. Cedi a Cameron, me tornei sua vítima voluntária e, caramba, me senti... liberta.



Capítulo Dezessete

Me olhei no espelho do banheiro, me sentindo distante e fora de lugar. Cameron havia me dito, há algumas horas, que ele tinha um evento para ir e que eu iria com ele. Eu seria sua mulher troféu e mesmo que ele não tivesse dito isso, estava subentendido. Eu realmente duvidava que esse “evento” teria o tipo de cidadãos de bem e cumpridores da lei. Estava com medo, mesmo sabendo que Cameron não deixaria ninguém me machucar.

Deslizei a mão pelo estômago, sobre o tecido sedoso do vestido que ele havia me dado. Meu tempo com Cameron estava quase acabando, as duas semanas passaram com um borrão de emoções e sentimentos. Eu só passaria mais alguns dias ali e, embora eu devesse estar feliz por estar livre, não pude evitar o vazio que me atingiu.

Não estava sendo só sobre manter um acordo. Cameron tirou minha virgindade e dormiu ao meu lado, me mantendo por perto. Eu não era idiota o suficiente para pensar que ele se importava comigo, mas sim porque eu era sua propriedade. Mas isso não significava que eu não tivesse me apegado a ele, e que não precisasse dele nem que não o quisesse.

Coloquei a mão entre as coxas, ainda doloridas e me lembrei do jeito que eu o senti naquela primeira noite. Ele me tocou, me acariciou com a boca e a língua, afagando cada parte de mim. Mas eu sabia que ele não continuaria assim, sabia que ele tinha um tempo limitado comigo, apenas as duas semanas que havíamos combinado.

O som de alguém batendo na porta me fez sair do banheiro. Assim que saí, vi a porta do quarto se abrindo. Damien estava do outro lado, olhando para mim, frio e severo.

— O Cameron está lá embaixo esperando por você.

Assenti. Ele se virou e saiu, deixando a porta aberta. Me olhei novamente, o vestido creme se ajustava ao corpo e a seda mostrava minhas curvas — não que eu tivesse muitas de qualquer forma. Tentei respirar fundo para me acalmar, mas não deu certo. Percebi que estar ali deixava meu corpo e mente desordenados. Não estava nervosa ou com medo do que poderia acontecer. Eu me sentia assim porque a emoção de estar com Cameron, de as pessoas olharem para nós, vendo-o me tocar se ele quisesse, simplesmente porque podia, me fazia ansiar por tudo.

Me preparei mentalmente, endireitei os ombros, saí do quarto e desci as escadas. Cameron estava ao lado da porta, prestando atenção no telefone e movendo os dedos sobre as teclas. Ele estava enviando mensagens para alguém e

não pude deixar de sentir uma pontada de diversão por saber que um homem como Cameron, grande e forte, assustador e perigoso, estava mandando mensagens de texto.

Coloquei a mão no corrimão, envolvendo os meus dedos na madeira fria e suave. Dei o primeiro passo para descer e senti meu coração na garganta. Fui em direção a ele, que olhou para cima enquanto colocava o celular no bolso. Seu olhar vagou pelo meu corpo e apreciei a vista também. Ele usava um smoking escuro, a camisa branca por baixo se destacando. Suas tatuagens ainda podiam ser vistas, subindo pela garganta como dedos gelados de pavor — ou poder. Cameron estendeu a mão para mim, a tatuagem cobrindo as costas dela, parecendo assustadora e intimidadora.

Quando peguei sua mão ele entrelaçou os dedos nos meus, me puxando para mais perto, seu corpo duro entrando em contato com o meu, macio. Ele não disse nada para mim, apenas segurou a parte de trás do meu cabelo. Uma das empregadas tinha arrumado o havia arrumado, feito um coque que parecia casual, mas elegante e caprichado. E quando eu pensei que o ar deixaria meus pulmões, sufocando minha última experiência, ele se inclinou e me beijou. Não foi doce nem suave. Ele assumiu o controle, mergulhando a língua na minha boca, me reivindicando e me deixando saber que só ele detinha o poder.

Estranhamente, eu estava bem com isso. Sem que eu desse o meu consentimento ou não me permitisse estar aqui, experimentando, Cameron não tinha poder sobre mim. Eu tinha força nesse “relacionamento” também, talvez até mais do que ele. E saber disso era inebriante.

Ele interrompeu o beijo, mas manteve a mão no meu pescoço.

— Esta noite é mais ou menos informal. Você estará livre para se movimentar, mas eu prefiro que fique por perto. Alguns dos convidados deste evento são... questionáveis em suas tentativas. — E sem dizer mais nada, sem esperar que eu respondesse, ele abriu a porta e nós saímos. Havia uma limusine esperando, a porta de trás já aberta. Claramente, Damien estava esperando por nós.

Ao entrarmos, a porta se fechou e o cheiro de couro e do perfume de Cameron encheram minhas narinas. Me acomodei no banco para tentar me acalmar. O vidro de privacidade estava aberto, mas assim que Damien se sentou no banco do motorista, ele o fechou, bloqueando a mim e a Cameron de todo o resto. O carro começou a se mover e o silêncio se estendeu entre nós. Olhei para fora, o sol já estava se pondo, então estava muito escuro para que eu realmente visse qualquer coisa. Mas olhar pela janela parecia melhor e mais seguro do que tentar não olhar para Cameron.

— Olhe para mim — ele disse com voz profunda de barítono.

Eu me virei e olhei para ele, encarando seus olhos escuros e imaginando o que ele pensava sobre o que via quando olhava nos meus. Será que via uma garota machucada ou via as mudanças em mim, as que eu sentia me transformando por dentro desde me juntei a ele, experimentando sua deliciosa captura?

— Chegue mais perto — ele exigiu suavemente. Havia uma luz fraca na parte de trás da limusine, dando lugar a essa atmosfera fantasiosa, essa experiência quase nebulosa. Eu me mexi no assento, o couro e meu vestido fazendo com que deslizasse com facilidade. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Cameron me colocou no colo, pôs as mãos na minha cintura e me beijou. Eu estava assustada, ofegante e o movimento repentino me fez desequilibrar. Ele moveu a boca lentamente contra a minha ao mesmo tempo em que ele deslizava o vestido até as minhas pernas. Então moveu a mão sobre a minha bunda, a calcinha que eu usava não oferecia uma barreira. Cameron começou a acariciar muito lentamente a divisão o limite entre meu traseiro e as coxas. Eu estava desconfortável, porque Damien estava bem do outro lado daquele escudo protetor. Se ele quisesse falar com Cameron, só teria que abaixar o vidro e veria o que estávamos fazendo.

Mas, ao mesmo tempo, esse ato me excitou como nenhum outro.

Ele deslizou a mão mais para baixo, bem em cima da minha boceta coberta com a calcinha. Então moveu o tecido para o lado e passou o dedo pela minha entrada, me fazendo soltar um gemido suave. Eu ainda estava dolorida pelo que ele havia feito comigo quando me esticou, apesar de estar aqui há menos de duas semanas. Até minhas pernas ofereceram certa resistência a se abrir, apoiadas em sua estrutura muscular. E quando ele pressionou meu clitóris, ofeguei, sabendo que poderia gozar daquele jeito.

— Ver você assim, desequilibrada e à minha mercê, me excita mais do que qualquer outra coisa. — Ele acariciou meu clitóris com mais força e um pouco mais rápido. Eu gozaria para ele em breve e não queria lutar contra isso. Estava tão molhada, muito e de um jeito até embaraçoso.

O som de seu dedo se movendo sobre a minha pele encharcada ressoou nos fundos da limusine. Damien poderia ouvir o que estava acontecendo? Ele sabia o que estava acontecendo, mesmo que não pudesse nos ver?

Abri a boca, o prazer se construindo dentro de mim e o gemido silencioso estava na ponta da minha língua.

— Goza — ele disse. Aquela palavra soou mais como uma ordem do que qualquer outra coisa. Ele colocou um dedo em mim, e o tempo todo continuou acariciando meu ponto de prazer até que, finalmente, gozei. Era como uma represa se abrindo dentro de mim, se libertando, tomando todo o meu corpo e me

reivindicando. Ofeguei e mordi seu ombro, sabendo que devia estar doendo. Ele emitiu um som agudo, mas um gemido se seguiu. O êxtase foi absorvido pelo meu corpo, me levando para mais longe, mais alto.

E quando voltei do auge, meu corpo relaxou, minha mente se acalmou e eu descansei no peito de Cameron. Ele passou os braços ao meu redor em um ato gentil e até atencioso. Aquilo rivalizava com o homem que ele representava, aquele que matou sem remorso porque podia, porque ele tinha que fazer, a fim de sobreviver.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas Cameron me abraçou o tempo todo, movendo a mão para cima e para baixo nas minhas costas, me deixando relaxar, me acalmar antes da tempestade.

Eu poderia ter ficado assim para sempre.



Capítulo Dezoito

— Chegamos — Damien falou através de um interfone que ficava perto de nós. Levantei a cabeça, surpresa pelo tempo ter passado tão rápido. Cameron me ajudou a sair de cima dele e arrumei meu vestido, me certificando de que estava tudo em ordem. Pela janela, pude ver a casa enorme onde estacionamos. Havia vários carros alinhados, cada um esperando sua vez. Olhei para um deles mais adiante, um carro esportivo elegante e vermelho. Um dos funcionários abriu a porta, e uma linda loira em um vestido igualmente lindo de cor rubi saiu. O homem que a acompanhava era mais velho, talvez tivesse até o dobro da idade dela. Eles subiram os degraus que levavam à porta da frente e em seguida nós avançamos.

Eu ainda estava molhada, a agitação e o orgasmo que Cameron havia provocado em mim não haviam diminuído nem um pouco. O sangue corria pelas minhas veias, a excitação e medo ainda percorriam meu corpo. Quando chegou a nossa vez, a porta de trás foi aberta. Cameron saiu e estendeu a mão para mim.

Retribuí o gesto, permitindo que ele me puxasse suavemente e subimos os degraus juntos. Minha mente estava girando e meu pulso, acelerado. Eu podia ouvir a música vindo de dentro. Queria perguntar sobre o que era esse evento, mas sabia que não deveria. E a verdade era que eu não queria saber. Não queria saber sobre os homens que estavam aqui nem sobre os mais perigosos como Cameron.

Seguimos para dentro, e minha respiração ficou presa com a visão diante de mim. Lustres de cristal, uma atmosfera cheia de fumaça com cheiro doce e empregados andando para lá e para cá com bandejas de prata e taças de champanhe cheias de líquido borbulhante apareceram no meu campo de visão. Vi alguns outros empregados com bandejas cheias de canapés, a equipe andando com a postura perfeita rostos inexpressivos.

As convidadas vestiam roupas caras, diamantes e pedras preciosas se destacando. Os homens pareciam severos e intensos enquanto falavam uns com os outros. As mulheres eram mais decorativas do que qualquer outra coisa, estavam sempre de cabeças baixas e expressões vazias.

Não deixei escapar o fato de que alguns dos homens me observavam com olhares indecentes. Senti Cameron me abraçar e me puxar para mais perto de si. Me aconcheguei em seu corpo duro, sentindo como se nada pudesse me tocar. Eu sabia que ele não tinha que me trazer muito menos me exhibir. Mas ele queria, porque sabia que poderia me proteger e me manter segura. Raciocínio distorcido

ou não, eu confiava nele.

Pelos próximos vinte minutos, andamos pelo salão. Segurei uma taça de champanhe, o líquido esquentando na taça, porque não estava bebendo rápido o suficiente. Cameron falou com alguns homens, sua era voz equilibrada e o respeito que tinham por ele era claro.

E então, um homem começou a falar em outro idioma. Sua voz era rápida e o tom estava, claramente, irritado, mesmo que eu não soubesse o que ele dizia. O homem tinha cabelos grisalhos e finos, e seus olhos eram bem escuros. Ele parou na nossa frente com uma mulher jovem, voluptuosa e com peitos grandes, pendurada em seu braço. Ela também tinha a cabeça baixa e não poderia ter mais que vinte e cinco anos.

O braço de Cameron ainda me envolvia com força, mas seus dedos apertando minha cintura demonstravam que ele estava focado no homem com quem estava falando, sem perceber o que estava fazendo. Saí de seu aperto, e ele parou de falar e olhou para mim.

O homem começou a tagarelar novamente, e Cameron se virou para ele e soltou uma série de palavras. O outro homem empalideceu, as costas se endireitaram e os olhos semicerraram. Cameron olhou para mim novamente.

— Só vou andar por aí para ver as obras de arte.

Ele me olhou nos olhos com um olhar penetrante e intenso. Finalmente assentiu, mas não fui tola o suficiente para pensar que ele não saberia onde eu estava.

Segui por um dos corredores, os convidados diminuindo enquanto se reuniam na frente da casa. As obras de arte eram coloridas e até extravagantes. Continuei seguindo e olhando para cada peça. Havia um conjunto de portas duplas abertas à minha direita, então me aproximei. Não queria ser intrometida, mas as luzes estavam acesas e vi ainda mais obras de arte. Com certeza, se não pudessemos entrar ali, as portas estariam fechadas.

Entrei, mas luzes estavam mais fracas do que imaginei em um primeiro momento e os cantos estavam escondidos por sombras, fazendo as obras de arte parecerem ameaçadoras. Andei por ali, sentindo o cheiro de couro velho, rosas e algo mais sombrio enchendo o ar.

O som de madeira rangendo atrás de mim me fez olhar por cima do ombro. Um homem entrou olhando para o celular e fazendo uma carranca. Disse algo em voz baixa demais para que eu entendesse.

Ele enfiou o celular no bolso, ia se virar para sair, mas depois me viu. Por um segundo, ele apenas me olhou, seus olhos escuros parecendo piscinas infinitas. Isso me arrepiou e me deixou assustada. Eu não sabia porque, mas não queria estar na mesma sala que ele.

— Gosta da arte? — Sua possuía um sotaque denso.

Assenti, sem saber por que me sentia tão nervosa e desequilibrada. Queria voltar para Cameron. Fui para mais perto da porta, mas ele se mexeu, me bloqueando.

Seu sorriso era tão sombrio que me deixou desconfortável. Sinais de aviso começaram a soar em minha cabeça e bandeiras vermelhas piscaram na frente dos meus olhos. Eu precisava chegar às pessoas, voltar para a multidão. Lá eu me sentiria segura, assim como no clube, sendo engolida por inteira pelo mar de corpos.

— Você está sozinha aqui?

Balancei a cabeça, pois minha garganta estava tensa demais para pronunciar qualquer palavra. Me forcei a demonstrar força.

— Não estou sozinha. — A necessidade de correr, atacar e lutar estava forte dentro de mim. Eu estava pressionada contra a parede, as mãos espalmadas e o suor começando a se formar nas palmas. Ele se aproximou, a sensação sufocante e enjoativa do seu perfume me fazendo passar mal.

Tentei olhar por cima do seu ombro, mas ele me apoiou em um canto e as pessoas do evento estavam mais distantes do que eu gostaria. Eu estava impedida de sair por seus músculos grandes.

Ele respirou com dificuldade e o cheiro da sua respiração repleta de álcool sobre mim, me fez querer ofegar com força. Meu estômago estava em nós. Eu estava muito nervosa e minha mente gritava para que eu fosse racional, que eu não poderia parar este homem se quisesse. Mas meu corpo queria atacar, sobreviver.

— Tão pequena, tão frágil. — Ele olhou nos meus olhos com um sorriso grotesco. — Vou me divertir acabando com você, garota.

Eu não sei o que aconteceu comigo, mas essa onda de poder e de força me fizeram perceber que eu não era uma vítima desse idiota. Ergui a perna e dei uma joelhada nele. Me senti muito bem quando ele gritou de dor.

— Sua vadia — gritou. Ele estava ligeiramente curvado, e eu sabia que ele queria se segurar e aliviar a dor que eu causei, mas em vez disso, ele levantou a mão. Eu sabia que iria reagir, que não deixaria barato o fato de eu tê-lo atacado. Eu queria me mexer e, naquele instante, tentei sair dali, mas seu corpo grande me bloqueava.

Fiquei tensa me preparando para o golpe, mas antes disso, vi uma sombra cruzar o cômodo. Então uma mão agarrou seu braço, puxando-o para trás com uma força que o fez tropeçar.

O grande brutamontes amaldiçoou em russo. Embora eu não tivesse conseguido ver quem o mantinha longe de mim nesse ângulo, sabia que era

Cameron.

Senti no ar a carga e a intensidade que tirava meu fôlego, me deixava fraca e me fazia tremer. E então o russo foi empurrado, e eu o vi. Ele parecia furioso. Estava com o olhar frio e mortal.

Eu me mexi, olhando para o rosto do homem, que agora estava repleto de medo.

— Damien, leve-a para o carro — Cameron ordenou, sem tirar os olhos do homem que ainda segurava. Olhei para o lado, vendo Damien, mas sem ter certeza de onde ele havia surgido.

— Vamos — Damien falou, segurando meu braço e me levando para fora da sala pelo corredor e pela porta da frente.

A limusine já estava esperando no final dos degraus. Damien abriu a porta de trás para mim e gentilmente me empurrou para dentro. Não sei quanto tempo eu fiquei lá, com as palmas das mãos úmidas e o coração na garganta.

Finalmente, a porta se abriu de novo e vi Damien entregar a Cameron um pano branco. Ele entrou olhando para as juntas dos dedos. Foi quando vi o sangue cobrindo-as. Olhei para sua camisa branca, vendo os respingos vermelhos por toda a roupa clara.

— Você o matou? — perguntei suavemente, quase com medo de saber a resposta. Ele não me respondeu imediatamente, apenas continuou a limpar as mãos. Olhei pela janela, sem esperar uma resposta. Aquele era Cameron, afinal de contas.

— Isso não é relevante.

Olhei para ele depois que falou.

— Não?

Ele olhou para mim, seu rosto parcialmente escondido pelas sombras, sua expressão era vazia.

— Não.

Inspirei devagar, sem ter certeza se deveria pressionar para saber mais. Eu queria saber o que ele estava pensando, o que estava acontecendo em sua cabeça. Queria aprender sobre ele, saber o que o fazia funcionar. Mas também sabia que Cameron era um mistério, que não deixava as pessoas entrarem, e eu duvidava mesmo que ele confiasse nelas.

— Mas eu não o matei, mesmo que devesse. — Ele me encarou bem nos olhos. — Não se engane, Sofia. Queria arrancar as bolas dele e empurrá-las pela garganta, só de pensar que ele poderia olhar para você. — A corrente de ar frio me atingiu. — O fato de ele ter tocado em você... — Ele balançou a cabeça lentamente. — Se ele não fosse quem era, se não precisasse dele vivo para fins comerciais, teria acabado com ele.

Respirei com força e rápido, suas palavras soaram como uma faca afiada e mortal.

— E ninguém teria me parado. — E então aquela expressão cobriu seu rosto, aquele olhar duro e frio. Isso estava refletido em mim. E então, tão rápido quanto apareceu, ele o mascarou.

Cameron se virou e olhou pela janela, e eu fiz o mesmo. Observei o cenário passar por nós sem saber qual era a mudança repentina dele. Ele parecia estar com raiva. Estava me culpando por aquilo?

Por que isso importava? Daqui a alguns dias eu iria embora e tudo isso ficaria para trás. Eu teria uma vida pela frente.

Mas isso parecia muito vazio.



Capítulo Dezenove

O último dia.

Ele manteve distância e me fez sentir isolada. Eu estava começando a sentir e achar que isso tinha mais a ver com suas emoções do que com o fato de que ele não me queria.

Andei pela casa, passando os dedos pela madeira lisa, observando os quadros tristes e sombrios. O homem com quem eu me importava, por quem havia me apaixonado durante o meu curto período ali era mais um enigma do que qualquer outra coisa.

Ele havia sido espancado quando criança, negociado como se não fosse nada. Ele lutou para sobreviver... literalmente, e aqui estava ele agora, de pé, acima de todos os outros. Embora a minha vida, minha infância não tivesse sido esse abismo sem fundo como ele havia experimentado, eu conhecia a tristeza que ele sentia, mesmo que não fosse na mesma medida.

Parei na frente da pintura dos pássaros, olhando para a boca e os olhos misteriosos. Sentia por Cameron, queria ser aquela que o consolaria e compartilharia com ele sua dor. Mas um homem como ele, que já tinha passado por tantas coisas, escondia suas necessidades. Ele não era normal no sentido de precisar ou querer conforto.

A maneira como ele se livrou dessa tristeza, daquela dureza e ódio foi através do jeito brusco e da violência. Ele sempre seria assim, e eu o aceitava como era.

Me afastei da foto e voltei para o quarto. Eu iria embora no dia seguinte, me despedindo de tudo isso e de Cameron. Deus, aquilo magoava e fazia meu peito doer. Eu o esfreguei bem na direção do coração.

Quando abri a porta do quarto, congelei ao ver Cameron perto da janela. Seu corpo grande manteve a cortina para o lado enquanto olhava para fora. Ele estava com um copo na mão, presumivelmente era álcool.

— Entre e feche a porta — ele falou com sua voz suave e baixa.

Fiz o que ele pediu, mas assim que a porta foi fechada, senti como se estivesse presa, sem ter como escapar, mas não havia razão real para que eu fosse querer isso.

— Venha aqui.

Eu me aproximei, sentindo o ar sendo sugado dos meus pulmões e o ambiente ficar mais quente, tudo se tornando mais apertado. Ele continuou perto

da janela, olhando para o lado de fora. Estava escuro, mas as luzes estavam acesas e a iluminação dourada cobria o chão bem cuidado.

— Eu te contei sobre a minha vida. — Ele se virou. — De certa forma, suponho. — Tomou um gole do líquido que havia no copo. — Fui espancado quando criança, vendido para ganhar dinheiro para pessoas que pensavam em nós como nada além de uma mercadoria, um salário. — Ele terminou a bebida e colocou o copo vazio no parapeito da janela. — E nenhuma quantidade de tatuagens pode encobrir a impressão duradoura que isso teve sobre mim ou o que eu passei. — Ele avançou um passo, me fazendo sentir menor, mais fraca. — E depois de um tempo, eu prosperei com a dor, em recebê-la e bater de volta. — Ele sorriu, e era aterrorizador. — Esse é o tipo de homem que você permite na sua cama, entre as suas pernas. — Ele estava a um centímetro de mim, o cheiro de álcool me deixando bêbada. — Esse é o homem com quem você passou a se preocupar. — Ele disse a última parte num tom de voz tão baixo e profundo que senti dentro de mim. — E você se importa comigo — ele disse, como se soubesse disso com certeza.

— O homem com quem passei a me importar... — Eu estava dizendo mais para mim do que perguntando a ele, mas a verdade estava entre nós. Ele sabia disso. Eu sabia. E não havia sentido em mentir.

— Você não passou a gostar de mim? — Ele estendeu a mão, pegou uma mecha do meu cabelo e a enrolou entre os dedos.

Não respondi. Eu não podia falar sobre isso naquele momento de jeito algum.

Ele continuou enrolando meu cabelo.

— Como uma lembrança distante — ele sussurrou, quase para si mesmo. Mas assim que soltou aquela mecha de cabelo, a máscara dura cobriu seu rosto. — Percebi que o ponto fraco que você é pode ser muito perigoso. — Ele olhou nos meus olhos com uma expressão penetrante e atraente. — Não é o que eu quero ou preciso.

Ele se virou, mas segurei sua mão em um gesto ousado. Ele olhou por cima do ombro para a minha mão de um jeito severo.

— Você não vê, porra? — ele disse com voz baixa, perigosa... e mortal. — Você está aqui para o meu prazer, nada mais. — Soltou uma risada engraçada e assustadora. — O que você achou que aconteceria, garotinha?

Não disse nada, não porque não queria, mas porque eu não sabia o que dizer ou como responder. Eu não sabia como ser honesta com ele. Não ia deixar as palavras dele me afetarem, não ia deixá-lo tentar me afastar. Pelo menos, não antes de eu lhe dizer que me importava com ele, que o queria.

— Eu gosto de você. — E então, bem na minha frente, vi aquela parede se

mover, se quebrar e ser exposta para mim.

Ele se virou completamente para me encarar, aquela parede desabando. E então, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele me puxou para perto. Sua raiva estava bem ali na superfície e a guerra interna que ele travava era nítida. Ele segurou meu corpo junto ao dele, a rigidez da sua ereção pressionando minha barriga.

Esta noite seria dura? Ele me tomaria pela última vez da maneira louca que sempre ameaçou fazer? Claro, ele havia sido duro nas vezes em que me tomou, mas me abraçava depois e acariciava minha pele quando achava que eu estava dormindo.

Sentir sua mão na minha cabeça, acariciando meu cabelo com gentileza, deslizando pelo comprimento me fez desejar ter mais tempo com ele. Eu queria que as coisas fossem diferentes. Queria que isso fosse permanente.

Ele me levou para a cama, me deitou com suavidade e foi tão gentil que quase me fez chorar. Este não era um lado que eu já havia visto em Cameron.

Ele tirou minhas roupas com mãos macias e doces. Os beijos, lambidas e mordiscadas me fizeram pensar nisso como um adeus, aquele momento em que ele era meu e eu dele. Uma vez que estávamos nus, seu corpo sobre o meu, seu pau duro aninhado entre minhas coxas, fui eu quem se abaixou. Fui eu quem agarrou seu pau, colocou a ponta na minha entrada e insistiu para que ele penetrasse em mim.

Eu queria senti-lo no fundo do meu corpo, me alongando do jeito que ele sempre fazia. Esta era a nossa última vez, e embora eu odiasse saber disso, queria exigir que ele aceitasse o que estava acontecendo, que admitisse que tinha sentimentos por mim. Mantive a boca fechada.

E então ele me penetrou, entrando e saindo, mantendo a mão na minha garganta e assumindo o controle. Ele era gentil, lento, e uma parte de mim sabia que ele queria que durasse o máximo de tempo possível. Uma parte de mim sabia que ele queria que eu ficasse, mesmo que ele não dissesse, mesmo que ele não pudesse dizer.

Deixei que ele me preenchesse, me reivindicasse, me fizesse entender que eu era a única mulher, aquela que prendia sua atenção. Não importava o que o amanhã reservasse. Neste momento, não me importei com nada além de estar com ele.

E quando nós dois encontramos essa conclusão e ele me preencheu no mais básico dos sentidos, saiu de dentro de mim e se deitou ao meu lado. Ele me abraçou, afastou o cabelo do meu rosto e olhou nos meus olhos. As tatuagens, suas cicatrizes, a vida que ele levava e a que continuaria a levar não significavam nada naquele momento. Éramos apenas um homem e uma mulher.

Éramos apenas nós.

Eu me afastei e olhei para ele. A máscara estava em seu rosto mais uma vez, aquela escuridão que me reconhecia tão bem, que se relacionava comigo como a outra metade da minha alma.

— Talvez eu não tenha que ir embora. — Eu não sabia se ele responderia nem se reagiria a isso. Cameron ficou em silêncio, ainda com a mão no meu corpo, me olhando. E então sua mandíbula endureceu, seus olhos se arregalaram, e eu soube, apenas soube, que pela manhã ele não estaria na cama comigo. Qualquer batalha interna com a qual ele estivesse lidando não era algo que eu poderia testemunhar.

Não sei se isso partiu meu coração ou me lembrou que era exatamente por quem eu tinha me apaixonado.

A manhã seguinte

Abri os olhos lentamente, o sol entrava pelas persianas parcialmente abertas, me cobrindo como uma manta invisível de calor e conforto. Eu estava sozinha na cama. Sabia disso sem precisar me virar e olhar para o lado. Esse anseio ocorreu bem no centro do meu peito, essa pressão, esse vazio.

Eu iria para casa hoje ou seja qual fosse o nome que pudesse dar ao meu apartamento.

Uma parte de mim esperava que Cameron me obrigasse a ficar, me fizesse sua prisioneira... só sua. Eu sabia que eu não era a única que se sentia assim, me agarrando a essa sensação de estar viva e de não estar mais sozinha. Ele era duro em todos os sentidos, indiferente e frio. Mas quando olhava para mim, eu via algo mudar. Senti isso nele, essa onda colidindo com a superfície, brutal e quase violenta, mas também muito bonita.

Não queria me mexer, só queria deixar que a situação me cobrasse, me consumisse e me levasse até que eu estivesse no controle. Mas o som da porta se abrindo me fez dar uma olhada, torcendo e desejando que fosse Cameron. Queria que ele me dissesse que eu era dele, só dele e que ele não me deixaria ir. Queria ser sua prisioneira. A mulher que ele procurava para encontrar esse prazer.

Queria ser sua saída, porque no fim das contas, ele era isso para mim. Eu sabia que as coisas não seriam as mesmas sem ele na minha vida para me dar aquele lindo tormento e aquele doloroso prazer.

Mas era a empregada. Ela entrou olhando para o chão, com o cabelo preso

em um coque severo. Colocou uma bandeja nos pés da cama sem falar comigo e se virou para sair. A porta só havia sido fechada por um momento ou dois antes que eu ouvisse outra batida. Me levantei na cama e trouxe o lençol até o queixo. Eu estava nua, meu corpo agradavelmente dolorido e a parte interna das coxas meladas do gozo de Cameron na noite passada. Bateram de novo, e eu finalmente pedi que entrasse.

Damien empurrou a porta e entrou, olhando no meu rosto olhasse depois para o chão.

— Cameron tem negócios a tratar, mas ele me instruiu a informá-la que depois do café da manhã e quando você estiver vestida, devo te levar para onde você quiser ir.

Deus, minha garganta estava tão seca e a ansiedade começou a me consumir, me deixando ainda mais para baixo, me fazendo sentir desconfortável.

— Não vou vê-lo antes de ir embora?

Odiava me sentir tão pequena e tão vulnerável. Detestava o fato de que Cameron me fazia sentir assim e estava com muito medo ou era muito cretino para me encarar. Eu sabia que não estava escondendo bem minhas emoções, que era gritante. Mas Damien, sendo a estátua de pedra que era, não disse nada.

— Estarei te esperando lá embaixo quando você estiver pronta. — Ele me olhou e se fosse o tipo de homem que demonstrasse qualquer emoção, eu poderia ter pensado que ele sentia pena de mim. Sim, senti pena de mim mesma também. Eu deixaria minhas emoções tirarem o melhor de mim, me segurarem e não soltarem mais.

E então ele me deixou sozinha, e eu fiquei lá, olhando para a bandeja de comida. Eu não deixaria aquilo me controlar. Nem podia, porque se eu fizesse isso, não haveria ninguém lá para me ajudar a sair do buraco quando tudo fosse dito e feito.

Me sentei sozinha na parte de trás do carro, o cheiro de couro encheu minha cabeça, mas havia também o leve aroma do perfume que Cameron usava. Eu não o vi quando saí do quarto e encontrei Damien no andar de baixo, mas, novamente, eu não esperava vê-lo. Ele era um covarde, se é que um assassino poderia ser. Ele transou comigo na noite anterior, até me abraçou quando adormeci, mas quando a manhã chegou, ele se foi. Não teve sequer a decência ou respeito para me dizer adeus.

Entramos na cidade, e olhei pela janela, vendo os prédios passando, as

pessoas indiferentes a qualquer coisa que não estivesse bem na frente delas. Assumi que Damien estava me levando de volta para o meu prédio, mas não queria ir para lá.

— Pare — falei em voz alta o suficiente para ter certeza de que ele havia escutado. — Estacione aqui. — Ele não me questionou, apenas entrou na garagem e encontrou uma vaga para estacionar. Por um segundo, olhei para o motel decadente, observando as poucas pessoas vagando pela varanda superior com cigarros pendurados na boca, cabelos e roupas sujos de graxa. Eu tinha certeza de que tráfico de drogas e até mesmo prostituição aconteciam aqui. Antes que eu pudesse sair, Damien estava saindo do carro e abrindo a porta de trás para mim.

Eu estava grata por ele manter a boca fechada, sem reclamar do lugar onde eu queria ser deixada. Mas o pouco que eu tinha estava no meu apartamento, um lugar para o qual eu não queria voltar, mas provavelmente acabaria precisando fazê-lo, pelo menos, para sobreviver até o dia seguinte.

— Isto é para você. — Damien me entregou uma pequena bolsa preta. — Aí dentro você vai encontrar algumas mudas de roupas da sua estadia na casa, dinheiro para que você possa deixar a cidade e isso. — Ele me deu um pequeno pedaço de papel. Um número estava escrito, e eu me perguntei se era de Cameron ou de Damien. Mas não perguntei em voz alta.

— Você está livre, segura e tem dinheiro suficiente nessa bolsa para começar uma vida em outro lugar, em algum lugar que não seja tão ruim. — Olhei para o número, ouvindo a voz de Damien e pensando em Cameron.

— Ele não quis se despedir de mim — falei, sem ter certeza se eu estava comentando aquilo para mim ou para Damien.

— Ele tinha negócios a resolver.

Olhei para Damien. Eu sabia que era só um pagamento, uma dívida pela ajuda de Cameron, por ele ter resolvido meu problema. Era só isso, embora eu odiasse o fato de não ter conseguido vê-lo. Eu odiava o fato de ter me apaixonado pelo meu protetor sombrio, o homem disposto a matar para ter certeza de que eu estava bem.

— Se você estiver com problemas, ligue para esse número e alguém estará lá.

Em vez de dizer alguma coisa que me faria bancar a idiota, eu apenas assenti.

Dei um passo para trás, observei Damien entrar no carro e enquanto ele se afastava, não pude evitar de ofegar. Percebi, naquele momento, que antes de Cameron eu estava sobrevivendo. Com ele vivia. Mas ele deixou claro que queria se manter longe. Tomou de mim o que queria e por causa da minha

necessidade de sobreviver, de ser uma lutadora, me afastei do carro que desaparecia, encarei o motel e tentei pensar no futuro.

Eu não ia mentir... parecia muito sombrio.



Capítulo Vinte

Uma semana depois.

Eu queria pensar que os SUV's escuros que vi era Cameron cuidando de mim, escondido lá dentro, me observando, incapaz de simplesmente ignorar o que havíamos compartilhado por aqueles catorze dias. Mas eu não era tão tola de pensar que representei mais do que um corpo quente para que ele sentisse prazer.

Não, foi mais que isso. Eu era dele, só dele. Ele deixou isso claro na festa quando me tocou, me virou pelo avesso. Ele me dizia aquilo tanto quando sussurrava palavras sacanas no meu ouvido quanto quando entrava profundamente e com força em meu corpo.

Voltei para a merda do meu apartamento para arrumar o pouco que tinha. Não havia muito que eu quisesse levar comigo, nada de grande valor ou importância. Mas naquela semana, eu estava tentando seguir em frente, esquecer tudo e qualquer coisa que tivesse a ver com Cameron e com a minha estadia em sua casa. Eu não conseguia me livrar dele, não conseguia me livrar da sua imagem e da lembrança de como era quando ele me tocava.

Enfiei a última peça de roupa na mochila, dei um passo para trás e olhei para ela na cama. A pequena bolsa preta que Damien havia me dado antes de sair. Ao lado dela estava o dinheiro e o número de telefone. A verdade era que eu esperava que Cameron viesse atrás de mim que exigisse que eu voltasse e ficasse com ele... e nunca mais fosse embora. E eu não iria.

Eu o queria, desejava aquele sentimento de liberdade que tive, aquele momento de felicidade onde eu não estava me perguntando para onde estava indo nem o que deveria fazer. A verdade era que eu não sabia, nem mesmo agora, nem com uma sacola cheia de dinheiro e uma estrada vazia à minha frente. Ouvi a buzina do táxi que chamei esperando por mim no andar de baixo. Peguei minhas coisas e saí. Mas enquanto eu estava lá, olhando para o carro amarelo em marcha lenta, a ferrugem nas bordas escuras, quase como sangue sob o sol poente, a preocupação e a dor me pegaram. Esfreguei o peito e a ideia de partir, de não dizer a Cameron o que ou quem eu queria, me atingiu com tanta força que eu não conseguia nem respirar.

— Você vem ou o não? — o taxista gritou pela janela aberta do lado do carona. Dei um passo em direção a ele, mas congelei, balançando a cabeça. Eu não podia ir sem, pelo menos, dizer a Cameron como ele me fazia sentir.

— Não — sussurrei, mas quando ouvi o motorista xingar, soube que ele

tinha me ouvido muito bem. Ele saiu em disparada, cantando os pneus e o nome que ele me chamou ressoou na minha cabeça. Peguei o telefone pré pago da mochila, o pedaço de papel e olhei para os dois. Eu sabia que deveria ter ido, deveria ter dado adeus a essas duas semanas para seguir a vida de merda que me permiti viver. Mas eu ainda estava aqui e queria ser sincera pela primeira vez na vida.

Se ele me quisesse, não teria me feito ficar com ele? Se ele me ansiava do mesmo jeito que eu, não teria me procurado? Talvez ele não queira nada comigo. Eu era apenas uma conveniência, uma pessoa para ele encontrar o prazer?

Ou ele poderia estar ficando longe, para me proteger?

Foi esse último pensamento, aquele incômodo lá no fundo, que me fez discar o número que Damien havia me dado. Fiquei lá, sentindo frio, nervosa, com as mãos tremendo e a respiração saindo forte e rápida. E quando o toque parou, jurei que meu coração também havia parado.

— Preciso do Cameron — falei, sem ter certeza do que o futuro me reservava ao tomar essa decisão, mas querendo descobrir de qualquer maneira. Eu precisava.

Fiquei parada na frente do meu prédio. Não reconheci a voz do homem do outro lado da linha, mas ele me disse para ficar ali, que eles sabiam onde eu estava e alguém viria aqui me pegar. Eu não sabia exatamente qual era o meu problema e, pelo que percebi, eles acharam ruim que eu ligasse. Mas eu teria que ser honesta e dizer a eles que não havia “problema”, não no sentido que eles estavam pensando.

Eu tinha que ver Cameron de novo, mesmo que fosse uma última vez. Precisava admitir meus sentimentos, admitir que me sentia perdida sem ele, que ser dele e deixá-lo me consumir da maneira que ele havia feito era o que eu precisava na minha vida. Eu queria pensar que estava preparada caso ele me afastasse, que ele podia me magoar profundamente com suas palavras, mas a verdade é que, provavelmente eu não estava.

Fazia dez minutos que eu havia feito a ligação e vi um SUV escuro virar a esquina e vir na minha direção. Meu coração disparou ao vê-lo, e eu sabia que minha antecipação e nervosismo poderiam ter sido considerados medo ao olharem para mim. O veículo parou ao lado do meio-fio à minha frente e a porta do lado do motorista se abriu. Vi Damien se aproximar, focado em mim.

Também notei que ele continuava observando a área. Ele abriu a porta de trás para mim, e vi pernas compridas e musculosas cobertas com um tecido caro aparecerem.

Cameron.

Entrei na parte de trás do SUV e a porta se fechou atrás de mim, meus olhos precisaram se ajustar à mudança na luz. E enquanto isso, olhei para Cameron, que estava sentado ao meu lado. Ele olhou para mim e seu olhar sombrio se prendeu no meu, os pelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram.

— Leve-nos para a propriedade, Damien — Cameron falou sem deixar de me olhar. O carro começou a se mover, e eu me acomodei. Não sabia a que propriedade ele estava se referindo, mas eu realmente não queria falar com uma audiência.

Fui eu quem acabou quebrando o contato visual e olhando pela janela. Não sei quanto tempo seguimos de carro, mas ficamos em silêncio, o ar estava denso e a temperatura quente. Talvez mais ou menos vinte minutos depois, finalmente, chegamos a uma estrada de terra, permanecendo nela por mais uns dez minutos e depois parando. Os faróis iluminavam a casa em ruínas que ficava ao longe, com poucas árvores ao redor da propriedade aberta.

— Onde estamos? — Quando Cameron não respondeu, olhei para ele.

— Uma propriedade que possuo. Venho aqui para me encontrar com clientes importantes às vezes. Preciso desse lugar para ter privacidade.

Sim, eu podia entender. Estava deserto, ficava no meio do nada, e eu tinha que assumir que se alguém precisasse usar uma arma, não haveria ninguém por perto para ouvi-la.

— Você disse que está com problemas — ele não falou em tom de pergunta. Olhei para Damien por instinto, porque sinceramente eu queria que isso fosse uma conversa particular entre Cameron e eu.

— Nos dê um momento a sós, Damien — Cameron finalmente disse, mas ele estava olhando para mim novamente. Um segundo depois, Damien saiu do carro. Cameron arqueou uma sobrancelha, claramente esperando que eu falasse.

— Eu não estou em apuros. — Olhei para as minhas mãos. Elas estavam no meu colo e percebi que estava remexendo na minha camisa, parecendo nervosa. Olhei para ele de novo. — Pelo menos, não da maneira que você deve estar achando.

— Eu sei — ele disse, e uma parte de mim não estava chocada por ele saber disso. Cameron sabia de praticamente tudo.

— Sabe? — perguntei.

O olhar que ele me deu foi indiferente.

— Você acha que eu não sabia o que você estava fazendo, onde estava ou se

estava em segurança?

Me remexi, sentindo o peso do seu olhar em mim, sabendo que ele poderia me ler com apenas um olhar.

— Eu sabia, Sofia.

Retorci as mãos, engolindo em seco.

— Presumi que você não se importava. — Não foi exatamente assim que imaginei essa conversa.

Por um segundo não falamos, mas tudo parecia tão alto, tão intenso.

— Por que você não se despediu? Por que não foi me ver antes de eu ir embora? — Eu deveria colocar tudo para fora, porque essa era toda a razão pela qual eu o havia chamado. — Não tive qualquer importância para você? — eu estava sussurrando novamente e minhas emoções ameaçavam vir à tona. Eu não permitiria isso. Não deixaria que me controlassem, nem que Cameron as visse. Ele afastou o olhar de mim, e olhou para fora da janela. Ficou assim por vários segundos. Eu queria dizer alguma coisa, mas minha boca estava seca e as palavras não queriam se formar.

— Eu queria ver você — ele finalmente disse, quebrando aquele silêncio espesso e fazendo meus ouvidos tomarem consciência. — Mas te ver partir foi muito difícil. Se eu estivesse lá, teria exigido que você ficasse. — Ele me olhou. Meu coração batia com tanta força que até doía. — Eu queria que você continuasse sendo minha, queria ter você por perto, cuidar de você. Mas até um cretino como eu sabe que o meu mundo é muito tóxico para você, Sofia. — Mesmo que suas palavras tivessem tanto significado, ele manteve a postura fria.

— Você viu de onde eu vim, onde a minha vida estava — sussurrei.

Ele estendeu a mão e, por um segundo, achei que me puxaria para perto, que mandaria tudo para o inferno e diria que eu era dele. Em vez disso, ele afastou uma mecha do meu cabelo e roçou o dedo na minha bochecha. Um arrepio percorreu meu corpo.

— Todas as coisas materiais são fáceis de te dar, Sofia. É o feliz para sempre que eu não posso oferecer.

Me virei para encará-lo por completo.

— Eu não quero um feliz para sempre. — Balancei a cabeça. — Não quero o conto de fadas.

— Me diga o que você quer, o que eu posso te dar. — Ele se remexeu também, seu grande corpo me encarando. — Porque o caos e derramamento de sangue dominam o meu mundo. — Era ele quem balançava a cabeça agora. — Apesar de te querer presa a mim, não posso ser um filho da puta e dizer que isso é certo e seguro para você.

Ele prendeu meu olhar no dele, essa conexão falando muito alto. Segundos

se passaram, e eu queria dizer muito mais, explicar como eu me sentia, o que ele fazia comigo.

— Quero te proteger do meu mundo... de mim, Sofia.

Estendi a mão para ele, incapaz de me parar.

— Você não vê que é o seu mundo que eu quero? Preciso de tudo e qualquer coisa que compõe, Cameron Ashton. É a sua escuridão que me chama, que me faz sentir viva e me faz ansiar por mais. — Eu estava chorando, e Cameron estendeu a mão para deslizar o polegar sobre a minha bochecha, enxugando a lágrima. Ele levou o dedo à boca e sugou a gota, focando em mim. Sempre em mim.

— Você me faz chorar, porque estou feliz — finalmente terminei o silêncio.

— Não acho que já tenha provado suas lágrimas de felicidade — ele falou com suavidade. Ele já tinha provado, mesmo que não percebesse isso.

— Você me faz feliz — falei com honestidade, sem querer negar mais o que eu sentia. Não ia mentir nem me esconder. — E ficar sem você e não sentir essa paixão, a escuridão... a liberdade, não é algo que eu queira experimentar, Cameron. — Me preparei para a rejeição, porque mesmo que ele me quisesse, era um homem de vontade forte. Mas antes que eu pudesse dizer algo mais, talvez repetir o quanto ele significava para mim ou o quanto eu precisava dele na minha vida, ele me puxou para seu colo. Seus braços estavam ao meu redor, me abraçando forte.

— Você não tem medo de quem eu sou, da subversão na qual vou te envolver?

Apoiei a cabeça em seu ombro, ouvindo sua respiração longo da minha orelha, sentindo o cheiro masculino dele que e querendo nada mais do que ficar neste momento para sempre.

— Você teria vindo atrás de mim? — Eu não sabia se queria ouvir a resposta.

Ele acariciou minhas costas, deslizando as mãos para cima e para baixo, me acalmando e me fazendo sentir inteira.

— Foi difícil não fazer você ficar comigo, mas pela primeira vez na vida, tentei ser o cara legal. Tentei te deixar livre. — Ele me puxou de volta e olhou para o meu rosto. — Mas, honestamente, sim, eu teria. — Ele segurou a lateral do meu rosto e o calor do seu corpo parecia fogo na minha pele. — Eu teria matado qualquer um e feito uma ponte com os corpos só para chegar até você.

Meu coração acelerou no peito.

— Tem certeza de que quer isso? Porque se for assim, eu realmente não vou desistir.

Pela primeira vez na vida, eu não tinha medo de nada.

— Tenho certeza, sim.

Ele me puxou para si, e eu deixei sua escuridão me encher, combinando com a minha. Então o agarrei e não soltei mais.



Epílogo

A vida tem um jeito engraçado de funcionar, de avançar quando você pensa que parou e ficou preso no passado. Eu não sabia como ela era, não de verdade e não totalmente, até que Cameron me abriu, viu lá dentro e me deixou ver quem eu realmente era. Talvez eu tivesse descoberto do que gostava, como queria abrir minhas asas e voar, experimentar a vida a meu modo mais cedo ou mais tarde. Talvez eu não precisasse de um homem que compartilhasse as mesmas tendências sombrias que eu para saber que eu não estava machucada nem arruinada.

Talvez tenha sido necessário um homem tão sofrido quanto eu para saber que eu não estava sozinha.

Mesmo com o passar de um ano e minha vida girando em meus termos e no meu tempo, eu ainda me sentia como aquela garota perdida. E quando vi Cameron e senti suas mãos em mim, o ouvi me reivindicando, declarando seu amor estranho, me senti viva. Eu não era uma vítima, não a menos que eu me fizesse uma.

Nunca mais.

Me sentei junto à mesa de Cameron na propriedade, examinando a papelada do clube, as finanças, o histórico das vagas. Eu era encarregada de ajudar Damien a contratar novos funcionários, analisá-los e me certificar de que seriam confiáveis, mesmo que o cargo fosse servir bebidas para os clientes. Era o que eu queria fazer, ser parte de algo maior. Podia não ser o trabalho de maior prestígio, algo que sonhei fazer um dia, mas me permitia estar perto do homem que eu amava e ganhar meu próprio dinheiro — mesmo que Cameron insistisse em cuidar de mim de todas as maneiras.

O som da porta se abrindo me fez olhar para cima. Damien estava parado com as mãos para trás e o corpo bem ereto.

— Ele está aqui.

Nesse momento, meu celular tocou e ao pegá-lo, vi o número de Cameron piscar na tela. Como se por instinto, meu corpo se aqueceu, se suavizou e tudo em mim tomou vida e consciência... antecipação.

— Você está pronta, baby?

Sua voz profunda ressoou pelo meu corpo, e eu olhei para Damien, sentindo o rosto esquentar. Meu corpo reagiu ao som da voz de Cameron.

— Sim. — Desliguei a chamada, levantei e passei as mãos pelo vestido de noite que Cameron tinha enviado para casa para que eu vestisse. Me virei e olhei

para a janela, vendo o brilho do seu Mercedes preto subindo pela estrada, o sol brilhando na parte de fora, as janelas com películas escuras que não me permitia vê-lo.

Ele estava me levando para sair e, embora Cameron nunca tenha feito nada normal, e isso não seria uma saída para jantar e ver um filme, ele se certificou de que cada segundo que passássemos juntos fosse íntimo e especial. Pelo menos, era assim que ele me fazia sentir.

Saí da sala quando o Mercedes parou. Senti Damien me seguir, seu corpo grande era sempre uma constante. No último ano e, honestamente, bem antes de eu estar nessa situação e nesse relacionamento com Cameron, Damien sempre esteve lá. Ele era o executor silencioso, o homem que cuidava de mim, que se certificava que Cameron tivesse proteção, sendo vigiado o tempo todo. Ele era parte de nós à sua maneira, e a verdade era que se ele não estivesse por perto, eu sentiria essa perda. Era estranho, mas esse era o meu mundo agora.

Abri a porta da frente e saí. o sol já havia se posto, a lua estava alta no céu e as luzes da propriedade atingiam sua plenitude. Meu coração começou a bater mais forte e rápido. Damien já estava se movendo em direção à parte de trás do Mercedes e quando ele abriu a porta e Cameron saiu, aquele pedaço de quebra-cabeça se encaixou de volta no lugar a que pertencia dentro de mim.

Por um segundo, Cameron e Damien ficaram ao lado do carro e conversaram baixinho. Eu não precisava saber o que eles diziam, não precisava me perguntar se havia alguma merda acontecendo. Essa era a vida que eu tinha escolhido, a vida que eu queria ter. Cameron era o homem que eu queria ao meu lado.

— Deixe-nos a sós — Cameron pediu a Damien e também ao motorista, que eu não tinha notado sair do carro até aquele momento. Quando estávamos apenas Cameron e eu, o calor familiar que senti com ele me preencheu. — Venha aqui — ele ordenou, sua voz suave, mas ainda áspera. Eu me movi em direção a ele, e uma vez que eu estava perto o suficiente para que ele pudesse estender a mão e me tocar, foi exatamente o que ele fez. Eu estava nos braços de Cameron segundos depois, dele mesmo de salto alto, eu não chegava nem na altura do seu queixo. Ele era forte onde eu era frágil. Era masculino onde eu era feminina.

Ele era a vasta abertura onde eu era a escuridão. Ele me engolia inteira sem sequer tentar, sem nem precisar.

— Aluguei o teatro. Seremos nós. Só nós.

— Do jeito que você gosta — falei e inclinei a cabeça para trás para olhar para ele. Ele não sorriu, não me mostrou qualquer emoção, mas não precisava. A maneira como ele me olhava, aquela posse em seus olhos me dizia tudo que eu precisava saber. Eu era seu mundo.

— Gosto de ter você só para mim. Sempre. — Ele me abraçou mais apertado. Cameron nunca poderia ser chamado de fofo ou gentil, não no sentido tradicional. Mas não era por isso que eu o amava, não foi por isso que voltei e fiquei com ele. Fiz isso porque ele me dava o que eu precisava e ansiava.

E eu dava a ele o que ele precisava.

Antes de Cameron, eu era um pássaro com asas cortadas vivendo em uma gaiola enferrujada, com a porta trancada e a chave havia sido jogada fora. Mas agora eu voava alto, experimentava o mundo, deixava minhas asas se espalharem e o vento passar por mim.

— O que você vê quando olha para mim? — perguntei, olhando em seus olhos e vendo que a escuridão se concentrava em mim. Com as mãos no meu rosto, seu corpo pressionado firmemente contra o meu, senti como se nunca fosse cair.

— Vastidão — ele disse suavemente. — Você é o meu oceano, Sofia. Não consigo ver mais nada além de você.

Fim.



Jenika Snow

Goodreads: <http://bit.ly/2FfW7A1>

Amazon: <http://amzn.to/2E9g3VV>

Bookbub: <http://bit.ly/2rAfVMm>

Newsletter: <http://bit.ly/2dkihXD>

www.JenikaSnow.com

Jenika_Snow@yahoo.com



Table of Contents

[Title Page](#)

[Copyright](#)

[Contents](#)

[Aflição](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Jenika Snow](#)